

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**SER PROFESSORA NA REPÚBLICA:
MODOS DE PENSAR, SENTIR E AGIR
(1930-1950)**

ROSA MARIA DE SOUSA MARTINS

**Uberlândia
2009**

ROSA MARIA DE SOUSA MARTINS

**SER PROFESSORA NA REPÚBLICA:
MODOS DE PENSAR, SENTIR E AGIR
(1930-1950)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Sônia Maria dos Santos.

Uberlândia - MG

2009

ROSA MARIA DE SOUSA MARTINS

**SER PROFESSORA NA REPÚBLICA:
MODOS DE PENSAR, SENTIR E AGIR
(1930-1950)**



Uberlândia-MG

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386s Martins, Rosa Maria de Sousa, 1960-
 Ser professora na república: modos de pensar, sentir e agir
 (1930-1950) / Rosa Maria de Sousa Martins. - 2009.
 177 f. : il.

 Orientadora: Sônia Maria dos Santos.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Educação.
 Inclui bibliografia.

 1. Educação – Uberlândia (MG) - História - Teses. 2. Professores -
 Uberlândia (MG) - História - 1930-1950 - Teses. I. Santos, Sônia Maria
 dos. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação
 em Educação. III. Título.

CDU: 37(815.12*UDI)(091)

Aos meus familiares: esposo, filhos, irmãos. E em especial aos meus pais: Gaspar e Zélia, que fizeram do lar um templo sagrado, constituindo-se a minha primeira escola onde ainda aprendo a cultivar o amor a Deus, aos meus pais, aos meus irmãos e aos meus semelhantes.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste projeto de pesquisa, apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, contamos com a colaboração de várias pessoas e entidades. Nesse sentido queremos expressar aqui a nossa gratidão a todos:

- À administração do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, em especial à secretária Alcione, que possibilitou o acesso aos arquivos da escola e nos forneceu as primeiras informações para encontrar as professoras, sujeitos de nossa pesquisa.
- À diretoria, aos professores e aos funcionários da Escola Técnica de Saúde/UFU, pelo apoio e incentivo. Em especial as professoras Eneida de Mattos Faleiros, Fátima Conceição Ferreira e Beatriz Lemos Stutz.
- Ao Arquivo Público Municipal de Uberlândia, onde encontrei documentos importantes para a nossa pesquisa graças a atenção e disponibilidade de seus funcionários.
- Às professoras Florespina S. de Freitas, Edith C. Pereira, Ivete Carrijo e Laurita P. Antonialli pela atenção e pela colaboração ao conceder as entrevistas e proporcionar momentos sensíveis e inesquecíveis, de um tempo que foi importante para a nossa história.
- Ao professor Jefferson Ildefonso da Silva, pela oportunidade de receber as suas orientações. Foram vários os encontros, dos quais ficaram as recordações de um professor apaixonado pela arte de ensinar e de aprender.
- À orientadora e professora Sônia Maria dos Santos, uma eterna amiga e companheira pelo estímulo, pelo exemplo de bondade, de desprendimento e de generosidade.
- A todos os professores e colegas do Mestrado e do Doutorado. Em especial às professoras Betânia de O. L. Ribeiro e Sandra C. F. de Lima e aos colegas: Sangelita M. F. Mariano, Antoniette C. de Oliveira, Sirlene C. de Sousa e Willian Douglas, pelas colaborações.
- Aos amigos Graça U. Cavalcante e Marlos U. Cavalcante que um dia disseram: “Está provado que do esforço, empenho e constância dependem nossas conquistas. Estamos felizes por você. Nunca deixe de acreditar em você e seja muito feliz, você é muito capaz”.
- Finalmente, queremos nos valer das palavras de González Pecotche, para expressar a nossa gratidão a todos que colaboraram para que este sonho se transformasse em uma realidade: “Eu guardo, para todos aqueles que de uma ou outra forma contribuíram para fazer-me mais grata a vida, uma eterna gratidão, e estampo nessa gratidão a lealdade com que conservo essa recordação, a qual jamais pôde empalidecer ali onde se encerra tudo quanto constitui a história de minha vida” (1996, p. 208).

Entre as maravilhas que a vida nos oferece está a possibilidade de lutar pelos nossos sonhos, que somente se realizam quando lutamos por eles. Buscar o conhecimento faz parte desses sonhos. Assim, “o homem busca o conhecimento por exigência de necessidades de sua própria natureza, que o impulsionam em sua busca para alcançar cumes mais altos, de onde lhe seja possível contemplar, com clareza, os infinitos matizes da Criação; busca-o porque o conhecimento é o grande agente criador das possibilidades que ampliam as prerrogativas de sua existência; busca-o porque é vida nova que se enxerta na sua, vida que o espírito respira, encontrando no conhecimento o caminho de sua liberação. Busca-o, em suma, porque é o meio pelo qual chega a compreender sua missão e a sentir, em sua vida, a presença desse ser imaterial que responde ao influxo da eterna Consciência Universal” (GONZÁLEZ PECOTCHE, 2003, p. 36).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi compreender como as professoras primárias que atuaram no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, do município de Uberlândia-MG, no período de 1930 a 1950, apropriaram-se dos ideais republicanos de formar o povo brasileiro de acordo com os princípios de civilizar, de moralizar e de higienizar, para conquistar a modernidade, a civilidade e o progresso. Esta pesquisa situa-se no campo da história oral temática como um recurso metodológico de natureza historiográfica, aplicado para se estudar a vida de pessoas, grupos ou comunidades. Nesse sentido, a partir de temas específicos e preestabelecidos, busca evidenciar um acontecimento pela narrativa de quem o presenciou ou viveu. A análise das narrativas de quatro professoras primárias, dos documentos encontrados no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão e no Arquivo Público Municipal e das referências bibliográficas sobre o assunto foi importante para entender como as professoras tomaram para si o significado de educação, de escola, de professor e das questões relacionadas ao civismo, à moral, à disciplina, à higiene e à saúde, proclamados na época. Após a pesquisa compreendeu-se que as professoras, ao longo de suas vidas, foram se constituindo como professoras republicanas, a partir de suas experiências de vida pessoal, familiar e profissional. Tomaram para si os princípios e os valores defendidos pelos ideais republicanos, os quais produziram um modo de ser, pensar, sentir e agir próprios. Assim apropriaram-se e colocaram em prática os ideais republicanos de civilizar, moralizar e higienizar. Tais resultados revelaram a necessidade de uma formação que amplie a capacidade do professor de pensar, de argumentar e inserir-se nos processos educacionais, sociais, políticos e econômicos.

Palavras - chave: Professoras primárias. história oral. ideal republicano

ABSTRACT

The objective of this research was to understand how primary teachers, who worked at “Grupo Escolar Júlio Bueno Bandão” in the city of Uberlândia, Minas Gerais, during the historic period of 1930 - 1950 appropriated the republican ideals of educating the Brazilian people within the principles of civilizing, of moralize and sanitize, to win modernity, civility and progress. This research was set in the field of oral thematic history as a methodological nature of historiography, applied to study the lives of persons, groups or communities. In this sense, from specific themes and pre-established evidence of through a event the narratives those who witnessed or lived. The analysis of narratives four teachers, the documents found in the “Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão” and the “Arquivo Público Municipal” and bibliographic references were important sources in order to the understand how the teachers took in the meaning of education, school, teacher and issues related to civism, morals, discipline, hygiene and health proclaimed at the time. After research, understood that the teachers throughout their lives, were formed as teachers republican, from their experiences of personal, family and professional. They took for themselves the principles and values espoused by the republican ideals, which have produced a way of being, thinking, feeling and acting themselves. So appropriated and put into practice the republican ideals of civilizing, moralize and sanitize. The results revealed the necessity of a formation that enlarges the capacity of thinking, of arguing were inserted of the educational, social, political and economical processes.

Keywords: elementary school teacher. oral history. republican ideal.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Professoras do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão - 1930	11
FIGURA 02: Escola Normal de Uberlândia/MG - 1940.....	33
FIGURA 03: Caderno de geografia e história da professora Freitas - 1949	43
FIGURA 04: Caderno de psicologia da professora Freitas - 1948.....	45
FIGURA 05: Ata de Reunião das professoras do G. E. Júlio Bueno Brandão- 02/04/1938	67
FIGURA 06: Arraial de São Pedro de Uberabinha – século XIX	73
FIGURA 07: Uberlândia, vista aérea dos anos de 1940	75
FIGURA 08: Professoras Antonialli, Cunha e Guimarães - 1946.....	76
FIGURA 09: Instituto Brasil Central/ Escola Normal de Uberlândia/MG - 1941	78
FIGURA 10: Certificado da professora Carrijo - 1954.....	81
FIGURA 11: Alunos do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão - 1930	83
FIGURA 12: Ata de Reunião das professoras do G. E. Júlio Bueno Brandão - 22/02/1941 ...	85
FIGURA 13: Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão - 1920.....	89
FIGURA 14: Quadro Estatístico Escolar de Uberlândia/MG - 1938	91
FIGURA 15: Quadro Estatístico Escolar de Uberlândia/MG - 1951	92
FIGURA 16: Comemorações de 21 de abril e do Dia do Trabalho - 1933	95
FIGURA 17: Ata de Reunião das professoras do G. E. Júlio Bueno Brandão - 26/05/1945 ...	99
FIGURA 18: Professoras e alunos do G. E. Júlio Bueno Brandão - 1935	100
FIGURA 19: Ata de Reunião das professoras do G. E. Júlio Bueno Brandão - 11/09/1943 .	101
FIGURA 20: Professoras do G. E. Júlio Bueno Brandão - 1941	103
FIGURA 21: Professora Freitas - 1940	105
FIGURA 22: Ata de Reunião das professoras do G. E. Júlio Bueno Brandão -18/09/1943 ..	108
FIGURA 23: Professora Pereira - 1933.....	111
FIGURA 24: Professoras do G. E. Júlio Bueno Brandão - 1950	112
FIGURA 25: Professora Carrijo - 1956.....	115
FIGURA 26: Fazenda da Tenda, o pai e os irmãos da professora Carrijo - 1930.....	115
FIGURA 27: Família da Professora Carrijo - 1950.....	116
FIGURA 28: Professora Antonialli - 1946.....	119
FIGURA 29: 1º Jardim de Infância de Uberlândia/MG - 1951.....	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
A História Oral como aporte metodológico	23
 CAPÍTULO I	 33
MODO DE SER PROFESSORA NA REPÚBLICA.....	33
1.1. A formação da professora referenciada pela pedagogia nova e pelo ensino primário	36
1.2. Lugar de Formação: A Escola Normal no Brasil	51
1.3. A Escola Normal em Minas Gerais	60
1.4. A Escola Normal em Uberlândia.....	72
 CAPÍTULO II.....	 83
O GRUPO ESCOLAR COMO LUGAR DE EDUCAÇÃO REPUBLICANA.....	83
2.1. Os Grupos Escolares no Brasil e em Minas Gerais	86
2.2. O Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no Cenário Uberlandense.....	89
2.3. Lugar para Instruir, Educar, Civilizar e Moralizar	93
 CAPÍTULO III	 103
SER PROFESSORA NO GRUPO ESCOLAR JÚLIO BUENO BRANDÃO	103
3.1. Freitas, a arte de instruir e educar: Expressão incondicional	105
3.2. Pereira, uma vida dedicada a educar, moralizar e civilizar	111
3.3. Carrijo, ser professora: um desejo de infância	115
3.4. Antonialli, professora primária e artista para além do seu tempo	119
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
FONTES ORAIS	136
FONTES DOCUMENTAIS.....	136
ANEXOS	137

INTRODUÇÃO



Figura 1: Professoras do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão - 1930¹
Fonte: Arquivo Público Municipal.

O presente estudo teve como intenção compreender como as professoras primárias, que atuaram no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão do município de Uberlândia-MG, no período histórico de 1930 a 1950, apropriaram-se dos ideais republicanos proclamados.

O interesse inicialmente, por esta investigação, surgiu a partir de reflexões e questionamentos de quando atuamos como professoras primárias, a respeito de nossas práticas docentes e de como essas práticas se deram no contexto da educação brasileira. Assim sendo,

¹ Na figura 1 temos uma foto das professoras do G. E. Júlio Bueno Brandão de 1930. Na foto pudemos observar que houve todo um ritual no sentido de deixar registrado que, nesse período, essas professoras atuaram no G.E Júlio Bueno Brandão. Da esquerda para a direita, no plano superior (de pé): Joana Maia, Hermínia, Zilda Matos, Julieta Rezende, Benedita, Dirce Ribeiro, Elza Santa Cecília, Iolanda Mota Aparecida Lomônaco, Gracinda Mota Bedê, Manoelita, Lourdes Ribeiro, Carminha Sales. E no plano inferior (sentadas) Carmelita, Cândida, Ceci Cardoso, Alice Paes, Aurora Chaves e Lúcia Matos. A fotografia revela, a partir da postura, da vestimenta, da fisionomia e até pelo corte de cabelo muita elegância, mas, além disso, toda uma padronização, formalidade, uniformidade e racionalidade, aspectos muito exigidos na época.

pressupomos que seria importante recordar e relatar alguns aspectos da trajetória de nossa vida escolar.

Entre as décadas de 1960 e 1970, iniciamos a nossa formação básica inicial na cidade de Araguari-MG, como aluna no Grupo Escolar Padre Damião. No entanto, a nossa formação profissional iniciou-se no curso de magistério no Colégio Sagrado Coração de Jesus da mesma cidade. Em minha formação, foi evidenciada uma educação que retratava o professor como o dono do saber e o transmissor do conhecimento, o que contribuiu para que, aos poucos, surgisse uma postura de aluna receptora, passiva e com a crença de que com a educação tudo poderia mudar. Posteriormente, como professora, também foi observada uma postura receptiva, quanto às orientações e às normas que eram repassadas pela direção e a crença em uma educação salvadora. Percebemos que esse posicionamento foi o resultado de uma formação que não favoreceu o desenvolvimento da capacidade de pensar, de argumentar, de julgar e de poder fazer escolhas que propiciassem uma inserção mais consciente nos processos sociais e políticos.

Com os conhecimentos e a experiência adquiridos na faculdade e na prática profissional como professora e depois como Assistente Social na Escola Técnica de Saúde da Universidade Federal de Uberlândia, as reflexões e as indagações sobre o próprio processo de formação, como profissional da educação, persistiram, o que possibilitou ampliar o interesse e a necessidade de aprofundar os estudos acerca desse assunto.

Nessa perspectiva, retornamos à faculdade, no curso Normal Superior. Nesse curso, realizamos uma pesquisa com as professoras de educação infantil de uma escola do município, em que procuramos destacar aspectos sobre a formação e a atuação profissional dessas professoras (MARTINS, 2007).

Os resultados dessa pesquisa revelaram a importância de uma formação profissional com conteúdos e reflexões significativas sobre a própria realidade, para favorecer que o professor assuma na prática, uma postura pedagógica mais coerente, conectada a essa realidade e conquiste maior capacidade para atuar frente aos problemas educacionais, sociais, políticos e econômicos. A mesma pesquisa nos fez refletir sobre a função da escola na construção de conhecimentos que conduzissem os professores a atuarem com maior consciência frente a si mesmo, a seus alunos e à sociedade.

Nessa direção, descobríamos que ser professor requer uma formação integral, mediante saberes e práticas que estimulem a ampliar a nossa capacidade de pensar, de argumentar, de julgar e de poder fazer escolhas que permitam compreender os processos sociais e políticos. Por outro lado, observamos também, o quanto é preciso refletir sobre todos os fatores vinculados à ausência de uma política séria de valorização da educação e do profissional da educação. Tudo isso nos instigou a retornar nesse trabalho investigativo e continuar na busca de sentidos e significados no passado, para conhecer e entender melhor os aspectos vivenciados acerca da própria formação e da atuação profissional, quando professora primária.

Assim, ao escrever sobre a história da educação brasileira, considerando as suas especificidades regionais e as suas singularidades, na perspectiva da totalidade, abrimos possibilidades de estabelecer vínculos e análises da história da cultura escolar². Isso permitiu delimitar e esclarecer a nossa proposta no sentido entender e compreender como as professoras do ensino primário do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão se apropriaram dos ideais republicanos no período de 1930 a 1950, a partir de seus depoimentos sobre a forma como pensavam, sentiam e agiam. Buscamos, assim, identificar “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada...” (CHARTIER, 1990, p. 17), para compreender o modo como as professoras tomaram para si e vivenciaram esses ideais.

As narrativas das professoras, os documentos da escola, as fotografias, os dispositivos legais, os discursos do presidente da República, Getúlio Vargas e do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em exercício na época e a bibliografia expressaram as questões educacionais defendidas pelo ideário republicano, na perspectiva de instruir e educar para formar o povo brasileiro dentro dos ideais de civismo, de moral, de disciplina e de higiene, buscando a civilidade, a ordem e o progresso.

O esclarecimento dessas interpretações possibilitou maior aproximação científica dessa realidade. Contribuiu para a construção de conhecimentos ligados à história da

² A organização escolar produz e expressa uma cultura escolar que pode ser entendida como conjunto de normas e práticas produzidas, historicamente por sujeitos e/ ou grupos determinados, com finalidades específicas, que estão relacionadas à definição dos saberes a serem ensinados, das condutas a serem modificadas e de todo um processo não só de transmissão, mas de modificação de hábitos (JULIA, 2001).

Uma cultura escolar muitas vezes revela práticas cotidianas e singularidades diferentes das prescritas e previstas pelas orientações e normas legais que buscam controlar as atividades escolares de sujeitos que, ao se apropriarem delas, têm a possibilidade de recriá-las e modificá-las em suas vivências cotidianas.

educação. Favoreceu as reflexões, o debate e a compreensão da realidade e de práticas educacionais ainda existentes, além de preencher lacunas de publicações específicas sobre o assunto.

De acordo com Magalhães (2005), o historiador, ao analisar o presente e o passado, observando suas implicações em toda a sua complexidade e origem, procura conhecer e explicar os complexos fenômenos educativos para construir a história. Para ele, a história da educação é um discurso sobre o passado da educação em todas as suas dimensões, mas também se apresenta como memória e paradigma, pois preserva, organiza, comunica e reposita recordações e representações verbais que podem ser orais e escritas, emocionais, objetivas e fisiológicas.

Portanto, este estudo, dentro das especificidades locais, contribuiu para ampliar a compreensão dos processos educacionais do município de Uberlândia-MG, estabeleceu conexões com a história regional e nacional e conferiu visibilidade sobre o modo de ser, pensar, sentir e agir das professoras primárias no período de 1930 a 1950, considerando a formação e a prática dessas professoras. Carvalho, Araújo e Neto (2002) ressaltaram a importância de recuperar e preencher as lacunas a respeito da história da educação brasileira e afirmaram também, que há uma carência muito grande de publicações específicas sobre o problema da educação na região do Triângulo Mineiro.

Assim sendo, o propósito do presente estudo foi investigar, identificar e compreender como as professoras do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, no município de Uberlândia-MG, apropriaram-se dos ideais republicanos, proclamados no período histórico de 1930 a 1950, a partir de seus depoimentos, do conjunto de documentos encontrados no grupo escolar em questão, das fotografias, dos regulamentos e dos programas de ensino em vigor, dos discursos do presidente Getúlio Vargas e do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema e das fontes bibliográficas.

Para trilharmos esse caminho, fizemos opção por pesquisar o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no município de Uberlândia-MG, no período de 1930 a 1950, por ter sido o primeiro grupo escolar criado pelo Decreto de 20 de Julho de 1911 e instalado em 1º de fevereiro de 1915, para atender a proposta de disseminar os ideais republicanos na cidade (GATTI JUNIOR & CARVALHO, 1998, p.10). Nessa direção, conseguimos encontrar quatro

professoras que atuaram nesse grupo escolar e que estavam em condições de participar do trabalho.

Iniciamos a investigação visitando o referido grupo escolar e encontramos as atas de reuniões³ das professoras, realizadas entre os períodos de 1933 a 1948. Utilizamos esse documento para identificar e localizar as professoras e para nos esclarecer quanto às orientações e às normas que eram repassadas para as professoras, pela direção da escola, pela professora técnica de ensino e pelos inspetores técnicos regionais de ensino.

Quanto ao recorte temporal, definimos pelos anos de 1930 a 1950 por duas razões, uma histórica, quando os ideais republicanos foram vividos de forma mais evidente, não só em todo país, mas também no município de Uberlândia-MG e mais especificamente, no grupo escolar Júlio Bueno Brandão, conforme indícios encontrados nos documentos pesquisados. Outra razão, que consideramos importante, foi a possibilidade de entrevistar e analisar os depoimentos dessas quatro professoras que conseguimos localizar e que atuaram no estabelecimento nesse mesmo período.

Além desses aspectos já apontados, podemos considerar também que esse período foi marcado por profundas transformações, em todos os setores da vida nacional, inclusive no campo educacional. As transformações iniciaram-se na década de 1920, quando a sociedade sofreu alguns impactos com tendências a provocar alterações de base, mediante a movimentação nos setores político, econômico e social e a mobilização de correntes de idéias e de movimentos políticos sociais que se caracterizavam pela retomada na defesa dos princípios liberais que, de acordo com Nagle (2001), se compunham basicamente pela intenção de alterar o *status quo*: representação e justiça, para recompor o poder. Foi um momento em que o Brasil estava passando de um sistema agro-comercial para um sistema urbano industrial e se configurando, a partir de uma sociedade composta de grupos sociais.

Essas mudanças repercutiram também no campo educacional, a exemplo da questão do analfabetismo que foi motivo de muitas discussões. Ghiraldelli Jr (2001) informou que, naquela década, a população era constituída de 75% de analfabetos. O que pode ser

³ As reuniões eram realizadas de acordo com o Regulamento do Ensino Primário em vigor (DECRETO Nº 7.970/A de 15 de outubro de 1927).

confirmado também, por Ribeiro⁴ (2003). Essa realidade provocou uma reação nos intelectuais ligados à sociedade política da época e fez surgir os movimentos *entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico*. Pelo entusiasmo, “existe a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo” (NAGLE, 2001, p.134). E por otimismo, Nagle compreende “a crença de que determinadas formulações doutrinárias, sobre a escolarização, indicam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro - escolanovismo” (2001, p.134).

Assim, sob a influência norte-americana nasceu o ideário pedagógico do Movimento da Escola Nova e os princípios dessa Escola caracterizaram as transformações ocorridas na história das ideias pedagógicas e das instituições escolares. Fez parte do sonho de formar e instruir o cidadão brasileiro e de colocá-lo a serviço da Pátria, para transformá-la em uma grande e civilizada nação. Retomaram-se assim, de forma mais evidente, os ideais republicanos, porém seus limites se evidenciaram na crença de que a educação isolada de seu contexto constituiria um fator determinante de mudança social.

Dando continuidade às movimentações político-educacionais, o período de 1930-1937 foi marcado por uma grande efervescência ideológica, com vários projetos se apresentando e com propostas de novas políticas educacionais para o país. Entre essas propostas apareceu, de forma hegemônica, a dos liberais que publicaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Os liberais, os católicos, os integralistas, os governistas e os aliancistas compunham o debate político e educacional dos anos de 1930. O propósito de todos era o de construir um novo Brasil e para isso precisavam contar com a ajuda das professoras primárias, o que pode ser confirmado no discurso do Presidente da República, Getúlio Vargas, em 1937, na solenidade comemorativa do 1º Centenário da fundação do Colégio Pedro II, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

⁴ Referência ao índice de analfabetismo da população brasileira para pessoas de todas as idades em 1920. De 30.635.605 pessoas, 23.142.248 não sabiam ler nem escrever conforme Anuário Estatístico do Brasil, Ano II de 1936, na p. 43 (RIBEIRO, 2003, p. 81).

Falando aos mestres, numa hora como esta, de comunhão patriótica, falo aos responsáveis pela saúde espiritual da nossa mocidade. A palavra do professor não transmite apenas conhecimentos e noções do mundo exterior. Atua igualmente pelas sugestões emotivas, inspiradas nos mais elevados sentimentos do coração humano. Desperta nas almas jovens o impulso heróico e a chama dos entusiasmos criadores. Concito-vos, por isso, a utilizá-la no puro e exemplar sentido do apostolado cívico infundindo o amor à terra, o respeito às tradições e a crença inabalável nos grandes destinos do Brasil (VARGAS, 1937, p. 11 e 12).

A professora Freitas, uma de nossas entrevistadas, ao trazer as suas impressões a respeito do momento em que o país estava passando e sobre a atuação do governo nessa época, manifestou o seguinte:

Eu repudiava muita coisa que acontecia no Brasil, por falta de ambiente, por falta de recursos: água, luz elétrica, telefone, estradas, etc. O presidente do Brasil veio do Rio Grande do Sul, não conhecia o Norte, o Nordeste e o Centro, tinha dificuldade de se relacionar com os políticos da região. [...] Eu o admirava como homem, porém não havia abertura para os demais. O Brasil estava numa revolução, achava que aquilo não era mais para o Brasil. (2008, p.146).

No que se refere ao período de 1937 a 1945, este foi fortemente patentado por um regime autoritário sem congresso, sem eleições e sem partidos legais. Cada vez mais o Estado se configurava como um Estado forte, mesmo que ainda dependente para atender os interesses do capitalismo. (GHIRALDELLI JR, 2001). Isto nos deu uma idéia de que foi um governo exercido pela força, pois não havia uma base social e econômica sólida⁵.

Nessa perspectiva, estabeleceu-se também, uma política educacional com ideias de nacionalismo, de moral, de civismo, de culto à Pátria e às tradições. E a concepção de educação no Estado Novo configurou-se, de maneira evidente, por uma concepção doutrinária de caráter autoritário. Conforme pudemos observar no discurso do Ministro de Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em comemoração ao Centenário do Colégio Pedro II, em

⁵ Um governo que não tem base em uma classe social econômica, que domine os meios de produção, só pode governar pela força, [...]1937 foi um período de transição no processo histórico em que, derrubada a aristocracia rural do café, não havia ainda uma classe ou grupo de classe suficientemente forte para substituí-la (BASBAUM, 1976, p.151).

dezembro de 1937⁶. Nesse discurso, o Ministro apresentou uma educação comprometida com os interesses políticos vigentes. Segundo o governo, ao ensino primário competia:

[...] despertar e acentuar na criança as qualidades e aptidões de ordem física, intelectual e moral, que a tornem rica de personalidade e ao mesmo tempo dotada de disciplina e eficiência, estes dois atributos essenciais do cidadão e do trabalhador (CAPANEMA, 1937, p.27).

E para realizar a importante missão, foram convocadas as professoras primárias, “... pequenos e obscuros heróis do cotidiano” (VARGAS, 1943, p. 186).

Nesse sentido, a política educacional foi se definindo segundo os princípios do Estado Novo, com base em diretrizes emanadas do poder federal. A intenção era nacionalizar o ensino elementar e realizar uma campanha de combate ao analfabetismo. Assim em novembro de 1938, pelo Decreto Lei nº 868, criou-se a CNEP (Comissão Nacional de Ensino Primário) com o objetivo de mudar a política educacional elementar vigente, relegada aos Estados e Municípios. Em 1946, quando não mais vigorava o regime *estadonovista*, já no regime redemocratizado, criou-se o Decreto Lei 8.529/46 com um propósito de uniformizar o ensino elementar em todo país. Entretanto, o que prevaleceu foi uma política educacional fomentada pelos cuidados dos Estados e dos Municípios.

Em Minas Gerais, por exemplo, desde o início da República, refletiu-se uma crise republicana que, para Faria Filho e Vago (2000), foi provocada por um momento de dúvidas e incertezas que conduziu a uma instabilidade econômica, política e social. Julgamos que a situação se evidenciou pela dificuldade dos republicanos em transformar os súditos em cidadãos e trabalhadores para o mercado capitalista. Provavelmente, não havia um sentimento de pertencer a um Estado e a uma Nação por parte dos súditos. Diante dessa realidade, os republicanos entenderam que a solução seria investir na escola. Civilizar para sair da crise social, econômica e política e assim construir uma República.

⁶ A educação, no Brasil, tem que colocar-se agora decisivamente a serviço da Nação. [...] A educação atuará, pois, não no sentido de preparar o homem para uma ação qualquer na sociedade, mas precisamente no sentido de prepará-lo para uma ação necessária e definida, de modo que ele entre a constituir uma unidade moral, política e econômica, que integre e engrandeça a Nação (CAPANEMA, 1937, p.21-22).

Nesse sentido, a reforma mineira de educação, mobilizada pelos primeiros governos republicanos teve um grande significado político, social e cultural. Pretendeu implantar uma educação comprometida com os ideais republicanos. A escola tornou-se o lugar de difusão do saber racionalizado. Os programas teriam como propósito introduzir novos comportamentos, imputar novas sensibilidades e transformar corpos. Conforme declarou a professora Pereira “A gente recebia um programa e através dele fazia os planos de aula” (2008, p.148).

Instruir e educar teria como meta regenerar a sociedade, com uma atenção especial voltada para as crianças pobres, para habituá-las a viverem em sociedade, porque deveriam se transformar em cidadãos. Nessa perspectiva, as professoras entrevistadas revelaram nas narrativas como tomaram para si esse aspecto:

Os mais pobres, eu levava para casa para aprenderem as mínimas coisas que não sabiam, para se igualarem aos outros (FREITAS, 2008, p.147). [...] Quanto aos alunos, eu tinha mais atenção com os mais pobres. Eles eram desconfiadinhos. Eu me dirigia até à carteira deles, para orientá-los nas dificuldades (CARRIJO, 2008, p.155). [...] Às vezes, eu levava os mais sujos, os mais carentes para minha casa. Eu cortava o cabelo, tirava os piolhos e até bicho de pé (ANTONIALLI, 2008, p.160).

Nessa mesma direção, de acordo com o programa de ensino aprovado pelo Decreto nº 8.094 de 1927, seria importante também cultivar e estimular o amor à família, à ordem e à disciplina; o respeito ao professor e aos colegas; ter a aplicação ao estudo e o zelo pelo cumprimento de todos os deveres dentro e fora da escola. O que também foi muito bem assimilado pelas professoras deste estudo:

Nós ensinávamos para os alunos, como eles deveriam se comportar, como deveriam dar atenção aos pais, à família e aos professores (PEREIRA, 2008, p.150). [...] Eu orientava as crianças para não brigarem, para serem amigas umas das outras, para respeitarem os colegas e os mais velhos (CARRIJO, 2008, p.154). [...] A gente também dava orientações de um modo geral, como entrar nas matinês, como comprar passagens para as matinês, para não jogarem pedras (FREITAS, 2008, p.145).

Verificamos assim que Minas Gerais, na década de 1920, já tinha incorporado todo o clima que reinava no país em torno da difusão das escolas primárias tornando-se um grande divulgador dessa ideia. O movimento de renovação do ensino em Minas Gerais foi precedido

pelo 1º Congresso de Instrução Primária, realizado em Belo Horizonte, no período de 9 a 14 de maio de 1927. Em um clima de grande entusiasmo, a reforma educacional mineira foi criada⁷.

Inspirados nos princípios da Escola Nova, os decretos mineiros refletiram a crença na educação como instrumento capaz de atuar de maneira decisiva sobre a formação do ser humano enquanto indivíduo e ser social. As reformas constituíram-se em uma tentativa de fazer com que a escola perdesse o traço artificial que a caracterizava e se tornasse uma colaboradora da família e da sociedade na obra da civilização.⁸ Assim iniciou-se o processo de transferência para o Estado, das formas de controle, da inculcação ideológica e da socialização, vinculadas, até o momento, a entidades ligadas à esfera da sociedade civil.

Foram os primeiros passos para se impor ao país um Estado que, em nome da técnica e da eficácia, tornou-se capaz de gerenciar todos os setores da vida nacional, o que ficou mais explícito no Estado Novo, a partir de 1937. Nesse sentido, como manifestou Peixoto (2000), a escola mineira que já se encontrava afinada com as modificações impostas pelo regime autoritário, caracterizou-se por ser moralizante dual, burocratizada e se antecipou à implantação do Estado Novo.

Em Minas Gerais, a partir de 1931, os órgãos de administração ampliaram a fiscalização sobre as escolas e as unidades de ensino, passaram a contar com os serviços da professora-técnica e dos inspetores técnicos regionais de ensino, encarregados pela orientação pedagógica. Isso nos foi revelado pela professora Freitas:

⁷ A reforma se materializou pelas mãos do Presidente do Estado de Minas Gerais, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, do Secretário de Estado do Interior, Francisco Luiz da Silva Campos e pela implantação por Mario Casasanta, Inspetor Geral de Instrução. Surgiu assim o Decreto nº 7.970/A, de 15 de outubro de 1927 que aprovou o Regulamento do Ensino Primário e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1928, o Decreto nº 8.094, de 22 dezembro de 1927, que aprovou o Programa do Ensino primário e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1928, o Decreto nº 5161, de 20 de janeiro de 1928, que aprovou o Regulamento do Ensino Normal, o Decreto nº 8225, de 11 de fevereiro de 1928 que aprovou o Programa do Ensino Normal e o Decreto 8.987, de 22 de fevereiro de 1929, que aprovou o Regulamento da Escola de Aperfeiçoamento.

⁸ “A escola é uma comunidade, que tem seu lugar entre a sociedade e a família. Como auxiliar desta, cumpre-lhe preparar os alunos para cidadãos. É ella collaboradora da família e da sociedade na obra da civilização” (MINAS GERAIS, DECRETO nº 8.094/1927, p. 1556).

Dona Aparecida Lomônaco, orientadora⁹ e Dona Lourdes de Carvalho diretora, passavam as normas e as orientações nas reuniões. Elas falavam sobre o aproveitamento escolar, sobre como levar os alunos a conhecerem o que eles experimentavam. Falavam dos lugares que os alunos deveriam frequentar: os clubes, as praças de esportes, os postos de saúde. Orientavam também sobre a alimentação, diziam que as crianças não podiam ficar muitas horas sem comer, deviam tomar um café reforçado de manhã. (2008, p.142).

A escola foi se configurando em uma estrutura hierarquizada na figura do técnico. Outro alvo de interesses foram os aspectos qualitativos, observados a partir de testes padronizados e aplicados com o objetivo de organizar e obter classes homogêneas e os problemas de ensino passaram também, a ser temas de revistas especializadas e dos órgãos técnicos.

O cenário educacional nacional e regional incidia também sobre o contexto local, em especial no período do Estado Novo, com as suas idéias de ordem, progresso, civismo e disciplina. Assim, o processo de escolarização no município de Uberlândia não foi muito diferente. Coincidiu com o processo de organização política, econômica e cultural e com os movimentos que estavam ocorrendo em Minas Gerais e no Brasil. As suas proposições estavam intimamente conectadas à visão de uma “escola produzida como a instituição capaz não apenas de instruir e educar a infância e a juventude, mas de produzir um país ordeiro, progressista e civilizado” (FARIA FILHO, 2002, p.24). E as professoras seriam os protagonistas na construção desse ideal, que também estava conectado às ações que iriam controlar o cotidiano dos munícipes, ou melhor dizendo, controlar os hábitos, os costumes e os comportamentos.

Assim como uma estratégia de desenvolvimento material, intelectual e moral, em maio de 1911, o Presidente do Estado de Minas Gerais, Dr. Júlio Bueno Brandão, prometeu destinar verbas para a construção do primeiro Grupo escolar do município (GATTI & FILHO, 2004). E o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão foi Criado em 1911 e instalado em 1915. De acordo com Carvalho “representaria, [...] a consolidação do ideário republicano na cidade e

⁹ Na entrevista a professora Freitas se referiu à professora técnica Aparecida Lomônaco como orientadora. No Regulamento do Ensino Primário 7.970-A/15/10/1927 no artigo 73 o termo utilizado é assistente técnico, o mesmo deve ser membro do magistério público e portador do diploma da Escola de Aperfeiçoamento. Na Lei Orgânica do Ensino Primário nº 8.529/02/01/1946, no artigo 11 observamos o termo: orientadores de ensino.

sua inserção nos caminhos do desenvolvimento” (2002, p.60), patenteando a materialização do republicanismo na cidade.

De acordo com Gatti & Filho (2004), o que prevaleceu no processo de escolarização no município Uberlândia entre as décadas de 1920 e 1940 foi um grande crescimento numérico de estabelecimentos de ensino, em especial o ensino privado. Tais ações revelaram o anseio da elite cultural em instituir um espírito de civismo e em preparar os jovens para o ideal de progresso, desenvolvimento e modernização do município, além de demonstrar uma preocupação em acabar com o analfabetismo, considerado um obstáculo para a formação do cidadão da República.

Os princípios de ordem, de progresso, de civilidade, de moral e de trabalho deveriam ser fortalecidos mediante a educação escolar. Foi o que confirmou a professora na sua narrativa:

Na época o maior significado da educação era ensinar a ler e escrever. E o professor deveria cumprir sua missão que era ensinar a ler. A educação era primordial. Meu pai era tão rigoroso. Ele dizia: _Não vai morrer sem formar. A educação era muito importante, porque nos encaminhava ao trabalho e ao progresso. [...] Todas as escolas levavam a sério as comemorações cívicas. [...] A gente sabia que estava incutindo um pouco de civismo nos alunos, porque acho que são coisas que têm que ser conservadas nas crianças, para a conservação da história. Nossa história é baseada nisso (ANTONIALLI, 2008, p.159-162).

A escola tornou-se o lugar para instruir e educar os alunos e oferecer à comunidade as atividades culturais, as comemorações cívicas e os eventos esportivos, com a intenção de divulgar e de incutir, a partir do trabalho realizado pelas professoras primárias, comportamentos sociais, morais e cívicos esperados de um cidadão republicano.

Dessa forma este estudo buscou compreender como as professoras primárias do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, no município de Uberlândia-MG, se apropriaram dos ideais republicanos proclamados no período histórico de 1930 a 1950, utilizando como recurso metodológico a história oral temática. O que pretendemos explicitar a seguir.

A HISTÓRIA ORAL COMO APORTE METODOLÓGICO

A nossa intenção foi trabalhar com a metodologia da história oral temática, entendida como um recurso metodológico, que é utilizado na história contemporânea para se estudar a vida de pessoas, de grupos ou de comunidades. Nessa perspectiva, entrevistamos quatro professoras do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, do município de Uberlândia-MG, que atuaram entre o período de 1930 a 1950, procurando elucidar e compreender a realidade vivenciada por elas no que diz respeito às suas apropriações dos ideais republicanos proclamados nesse período.

As entrevistas foram utilizadas por nós em uma perspectiva qualitativa, que “tem sempre o propósito de converter-se em um diálogo, em cujo curso as informações aparecem na complexa trama em que o sujeito as experimenta em seu mundo real” (GONZÁLEZ REY, 2002, p.89). As entrevistas se transformaram em uma fonte importante, no sentido de compreender como as professoras, a partir de seus depoimentos se apropriaram dos ideais republicanos, de formar o povo brasileiro dentro de uma concepção de moral, de civismo, de disciplina e de higiene, buscando a civilidade, a ordem e o progresso. A noção de apropriação aqui concorda com Chartier:

é a maneira contrastante como os grupos ou os indivíduos fazem uso dos motivos ou das formas que partilham com os outros. [...] As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas (CHARTIER, 1990, p.136).

Pretendeu-se, também, produzir interpretações das narrativas das professoras sobre a formação acadêmica, as experiências pessoais e familiares, as relações sociais e as relações profissionais no sentido de entender a partir dessas narrativas, como deixavam transparecer as suas apropriações frente ao ideário republicano proclamado e como se constituíram como professoras, em suas maneiras de ser, de pensar, de sentir e de agir.

Para iniciarmos o nosso trabalho investigativo, fizemos contato com a direção do grupo escolar, no mês de março de 2008. Apresentamos a nossa proposta e solicitamos a sua autorização para pesquisarmos, nos arquivos do grupo escolar, os documentos referentes ao

período histórico de nosso estudo. Com a colaboração de uma das secretárias, encontramos os seguintes documentos: Atas de reuniões¹⁰ de professoras do período de 1933 a 1948; atas de comemorações cívicas realizadas na escola de 1932 a 1937; Termo de promoções e Atas de Exames de 1930 a 1940 e Livro para registro e arquivo de portarias e avisos expedidos pela Secretaria da Educação e Saúde Pública e pela diretoria do Grupo Escolar de 1944 a 1946.

A partir desses documentos, da colaboração da secretária do grupo escolar e de informações de uma ex-professora, foi possível localizarmos e fazermos um primeiro contacto pessoal no mês de abril de 2008, com uma das professoras que atuou no período de 1934 a 1962, a professora Pereira. Com a ajuda dela, localizamos as outras três, a professora Freitas que atuou no período de 1943 a 1947, a professora Carrijo, que atuou no período de 1939 a 1945 e a Professora Antonialli, que atuou no período de 1946 a 1952. Fizemos contato com todas elas, falamos do nosso objetivo e solicitamos a participação na pesquisa.

Com a intenção de encontrarmos outros documentos que pudessem colaborar em nossa pesquisa, fizemos, ainda no mês abril de 2008, visitas ao Arquivo Público Municipal de Uberlândia-MG. Lá encontramos: fotos¹¹ da época em questão, do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, de professoras e de alunos; um boletim¹² de publicações do Ministério de Educação e Saúde com o título: Panorama da Educação Nacional de 1937, com discursos do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Gustavo Capanema. Esses discursos são esclarecedores, porque fazem apelos aos professores no que se refere à educação nacional; o Código do Ensino Primário¹³. Nesses documentos identificamos sinais dos ideais republicanos expressos na época.

¹⁰ Essas reuniões aconteciam de acordo com o Regulamento do Ensino Primário em vigor, aprovado pelo DECRETO N° 7.970/A, de 15 de outubro de 1927. As atas tratavam de assuntos referentes a orientações, informações e normas de como as professoras deveriam atuar em sala de aula. (Anexo 4).

¹¹ As fotos foram escaneadas em um CD e fornecidas para este estudo.

¹² Nesse boletim estão contidos dois discursos um do Presidente Getúlio Vargas e outro do Ministro Gustavo Capanema, discursos realizados por ocasião da Solenidade do Centenário da Fundação do Colégio D. Pedro II, em 1937.

¹³ A partir do Código do Ensino Primário de 1950, foi possível identificarmos os decretos-leis, leis e regulamentos de ensino primário do Estado de Minas Gerais, publicados entre 1927 a 1950, e assim pude fazer o pedido, via e-mail, à biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais do Decreto nº 7.970/A, de 15 /10/ 1927, que Aprovou o Regulamento do Ensino Primário e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1928. Esse decreto foi assinado pelo Presidente do Estado de Minas Gerais, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, e pelo Secretário de Estado do Interior, Francisco Luiz da Silva Campos e também, do Decreto nº 8094, de 22 /12/1927, que Aprovou o Programa do Ensino primário e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1928. Esse decreto está em conformidade com o Decreto 7.970/A, de 15/10/1927, foi assinado pelo Presidente do Estado de Minas Gerais Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e pelo Secretário de Estado do Interior, Francisco Luiz da Silva Campos.

Com objetivo de obtermos mais documentos ou relatórios referentes à escola e ao período em questão, visitamos também a Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia-MG. Com a ajuda de um funcionário conseguimos apenas ter contato com recortes de jornais que relatavam as datas de criações dos grupos escolares da cidade de Uberlândia-MG.

Após vários contatos, visitas e e-mails realizados, envolvendo pessoas e instituições, como a escola onde atuaram as referidas professoras que participaram da pesquisa, o Arquivo Público Municipal, a Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia e a Biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, foi possível localizarmos, identificarmos e selecionarmos Atas de reuniões, fotos, leis, decretos, regulamentos e programas referentes ao ensino primário e aos discursos de políticos da época. Esses documentos fizeram parte de nossa pesquisa.

Paralelamente a este trabalho de busca de fontes, fizemos o levantamento bibliográfico. O estudo das fontes e da bibliografia nos ajudou na elaboração do roteiro¹⁴ que foi usado para entrevistar as professoras.

Após os primeiros contatos com elas e a elaboração desse roteiro, marcamos as datas das entrevistas. Nesses primeiros contatos, procuramos elaborar o cenário de pesquisa que para González Rey, é “a apresentação da pesquisa por meio da criação de um clima de comunicação e de participação que facilita o envolvimento por parte das pessoas” (2005, p.84). Que também entende, o objeto da pesquisa como “um sujeito interativo, motivado e intencional” (GONZÁLEZ REY, 2002, p.53).

As entrevistas foram gravadas com a autorização das entrevistadas e depois transcritas. Após a sua transcrição,¹⁵ retornamos às entrevistadas e fizemos a leitura de suas narrativas. Durante a leitura, as professoras fizeram algumas modificações em seus depoimentos e autorizaram a sua utilização na pesquisa, mediante o documento Termo de Cessão¹⁶. Suas narrativas foram analisadas de acordo com os objetivos da pesquisa e com o apoio de aspectos teóricos referentes à temática.

¹⁴ Anexo 1.

¹⁵ Anexo 2.

¹⁶ Anexo 3.

A nossa opção pela História Oral Temática como uma metodologia aconteceu por se tratar de um recurso que produz narrativas e depoimentos de uma forma mais ou menos controlada sobre determinadas temáticas. Observamos que essa metodologia explora as relações entre memória e história, colocando em evidência a construção dos sujeitos que se tornam atores de sua própria identidade.

Consentimos, com os autores abaixo, que esta metodologia “possibilita narrar o passado a partir do olhar do presente, incorporando experiências do narrador, do seu próprio agir cotidiano” (SANTOS & ARAUJO, 2007, p.199), além de permitir o estudo da vida e do cotidiano de pessoas comuns. “A História Oral pretende ser um campo multidisciplinar onde, independentemente das várias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalho tenham um território para o diálogo sobre maneiras da abordagem das entrevistas e campo de troca de experiências” (MEIHY, 1996, p.26).

Esta é uma nova possibilidade de pesquisa que surgiu a partir da Nova História Cultural. Nessa perspectiva, a História Oral cresceu onde prevalecia a história política, operária, local e a história dos grandes vultos. A história oral, segundo Meihy (1996) é constituída de três modalidades: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. Essas formas têm como princípio as narrativas orais. A história oral de vida é mais subjetiva e a experiência de vida é narrada pela própria pessoa. A história oral temática preocupa-se com temas específicos e preestabelecidos, busca evidenciar um acontecimento pela narrativa de quem o presenciou ou viveu. Quanto à tradição oral, suas referências estão ligadas ao passado, diz respeito à visão de mundo das comunidades e à permanência dos mitos.

Para esse trabalho, consideramos importante refletirmos um pouco sobre alguns aspectos referentes à memória, suas relações com a história por entender que a memória é a base da História Oral, e por que as narrativas das professoras se apoiaram em suas próprias memórias.

Em nossos estudos, percebemos que a memória é um recurso valioso para constituir a história do cotidiano. Faz parte de um processo dinâmico que busca significados que vão reestruturando os elementos que serão lembrados, no sentido de reordená-los, conservá-los ou excluí-los e alimenta-se de lembranças, às vezes vagas ou até mesmo contraditórias, o que a

torna ainda mais rica. Considerando o seu funcionamento em sua especificidade, Nora afirmou que:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta à dialética lembrança/esquecimento [...] um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] enquanto a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais, uma representação do passado, operação intelectual que sempre busca a análise e o discurso crítico (1993, p.9).

No entanto observamos que a reaproximação desses dois pólos, a memória e a história, só têm a contribuir para o processo de construção de uma história permeada do vivido. Atentando que o processo de criação da memória é histórico, revelador de circunstâncias que envolvem a formação de consciência e mentalidade e está ligado à identidade, à percepção de si e dos outros. Conforme notamos no depoimento abaixo:

Guardo com satisfação lembranças dos anos de trabalho. Tenho uma saúde que me permite viver alegre e trabalhando. Recordo da vida que já está chegando ao final, com alegria pelo dever cumprido. Procuro ainda aprender um pouco do muito que me falta. Choro quando sinto necessidade, porque entendo que a dor nos faz crescer o coração e nos prepara para vidas melhores (ANTONIALI, 2008, p.158).

As memórias são experiências, fontes, matérias primas da história e têm como tarefa reconstruir o passado. Mas também, são experiências que se vive no mundo íntimo, que permitem relacionar o presente com o passado e ao mesmo tempo pode interferir no processo atual das representações. Pois, “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1987, p.11).

A função da memória é criar e recriar o já vivido. “Ela [a memória] vive de acreditar dos possíveis e de esperá-los, vigilante, à espreita” (CERTEAU, 1998, p. 131). Arrasta os sonhos que continuam exigindo um tempo de realização. Com eles aparecem as cobranças, as perdas e os estranhamentos diante de uma realidade que sendo tão nossa nos escapa e parece levar consigo algumas lembranças, surpresas e confirmações de elementos que fortalecem nossa ação.

Minha mãe dizia que eu nasci pra ser professora. Eu acho também, por que não fiz outra coisa. Hoje me arrependo porque não sei pintar, não sei fazer crochê, não sei bordar e nem costurar, se soubesse tinha mais com o que divertir. (CARRIJO, 2008, p.155).

O ato de memorizar é uma oportunidade de recordar o passado e até poder avaliar o que já foi vivido. Para Bosi (1987), a função da memória também é o conhecimento do passado que se organiza, que se ordena e se localiza cronologicamente no tempo, evocando uma visão de mundo.

Assim, o historiador como um artista que vai lapidando o diamante, faz um trabalho de reconstrução das lembranças, no que lhe for possível, a partir do discurso atual dos acontecimentos passados. Tendo em vista que “a lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia” (BOSI, 1987, p. 39).

Nesse sentido, no ato de lembrar, as professoras tiveram a possibilidade de construir e reconstruir uma imagem a partir de suas representações presentes na consciência, sobre o que viveram ou o que experimentaram no passado.

Minhas aulas eram muito boas!!! Eu tenho consciência. Eu posso dizer pra você que dei aula com o coração, com amor e grande veneração pela terra onde nascemos. [emoção] e com sabedoria! Eu lia muito. Eu estudava muito. Tanto é que eu quis fazer o curso de diretora... [emoção]. Eu nunca esmoreci na luta, não (FREITAS, 2008, p.143).

As imagens serão diferentes, pois os seus valores e as suas idéias sofreram modificações e não são mais as mesmas pessoas (BOSI, 1987). As lembranças das professoras são imagens entrelaçadas em outras imagens e, segundo Halbwachs (2004), são reconstruções do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada.

As lembranças das professoras revelaram dois tipos de memórias, as individuais e as coletivas. De acordo com Halbwachs (2004), a memória coletiva contém a memória individual e estas não estão isoladas. Tomam sempre, como referência, pontos externos ao sujeito. Por isso o suporte da memória individual encontra-se relacionado às percepções

produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica. Nessa perspectiva, esse mesmo autor sinalizou que não há memória que seja somente imaginação pura e simples ou representação histórica que se tenha construído que seja exterior. Ou seja, todo esse processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito. A vivência em vários grupos, desde a infância, estaria na base da formação de uma memória autobiográfica e pessoal. Nas percepções acrescentadas pela memória histórica, as lembranças podem, a partir da vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas.

Eu me lembro, quando fiz 10 anos, estava no quintal de casa e meu irmão me perguntou o que eu estava fazendo.
Eu disse pra ele: __A minha escola é aqui. Quero ser professora.
Ele respondeu: __Não vai ganhar nada; trabalha, trabalha e fica pobre.
Eu respondi: __Não preciso de dinheiro, eu não preciso de dinheiro, eu vou precisar muito é de aluno para ensinar o que eu vou aprender. Porque quero ser professora; é isso o que eu quero.
Ele perguntou: __ Você não quer ir para Belo Horizonte estudar?
Eu respondi: __Não, quero ser professora. Os meus irmãos mais velhos formaram-se em Ouro Preto e as minhas irmãs foram para Ribeirão e Uberaba estudarem. Uma fez Farmácia e a outra Odonto.
Ele respondeu: __ Então vou levar você para Uberlândia, para a Escola Normal, ser aluna do professor José Inácio. Falam que ele é bravo.
Eu respondi: __Quero ser aluna dele, ele pode ser bravo. Eu tenho memória.
A minha mãe disse: __Ela quer ser professora, deixa ser o que ela quiser, porque vocês estudaram o que quiseram.
Eu tinha um irmão advogado muito talentoso.
Esse irmão disse: __Não vai ser professora não. Professora sofre muito.
Eu disse: __Quando a gente gosta, a gente não sofre (FREITAS, 2008, p.139).

Podem criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginam ter acontecido ou pela internalização que fazem de representações de uma memória histórica, ou seja, de uma sucessão de acontecimentos marcantes na própria história ou na história de um país.

A manifestação de memórias individuais decorre da inserção delas em campos de significados de domínio coletivo, pois,

no ato de lembrar nos servimos de campos de significados – grupos sociais- que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória (BARROS, 1989, p. 30).

Portanto, a memória individual ou coletiva é importante e necessária para atualizarmos a percepção da realidade e compreendermos as transformações ocorridas na sociedade. O relato, com base na memória, é uma maneira de estabelecer as relações com o passado e apreender a dinâmica da sociedade. “Sendo que a memória apóia-se sobre o passado vivido que permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural...” (HALBWACHS, 2004, p.75). Assim as memórias das professoras se apoiaram no que viveram no passado. Tal fato tornaram-nas mais vivas, mais naturais e mais reais do que outra fonte documental.

As professoras, suas identidades, seus limites e suas possibilidades fizeram parte do processo e constituíram em elementos essenciais para a nossa análise. A história oral foi um recurso que possibilitou construir uma representação sobre o passado, preencheu os espaços deixados pela documentação escrita e trouxe vivências e representações individuais. Nesse sentido, Thompson afirmou que “A evidência oral, transformando “objetos” de estudos em “sujeitos”, contribuiu para uma história que não é só mais rica e mais comovente, mas também, *mais verdadeira*” (2002, p.137).

A análise das entrevistas também foi permeada pela história cultural, buscando os conceitos de apropriação propostos por Chartier, no sentido de identificar o modo como, em um determinado tempo e lugar, uma realidade social foi construída, pensada e lida. Segundo esse autor, a apropriação “tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (1985, p.26).

Nesse sentido, buscamos analisar, relacionar e confrontar as entrevistas das professoras, os documentos¹⁷ e a bibliografia, procurando identificar as questões relacionadas ao civismo, à moral, à disciplina, à higiene e saúde que foram utilizadas na tentativa de civilizar, moralizar e higienizar o povo e ainda qual o significado de educação, de escola e de professor para as professoras entrevistadas, por julgarmos que são aspectos importantes para compreendermos como essas profissionais se apropriaram dos ideais republicanos proclamados na época.

¹⁷ Atas de reuniões de professoras do período de 1933 a 1948; as fotografias, os discursos um do Presidente Getúlio Vargas e o outro do Ministro Gustavo Capanema, realizados por ocasião da Solenidade do Centenário da Fundação do Colégio D. Pedro II em 1937, no Rio de Janeiro; o Regulamento e o Programa do Ensino Primário em vigor no ano de 1927 e o Regulamento do Ensino Normal.

Em síntese, o presente trabalho investigativo compõe-se de três capítulos e das considerações finais. No primeiro capítulo procuramos identificar sinais que evidenciaram a formação da professora referenciada pela pedagogia nova e pelo ensino primário. Uma formação que se deu no sentido de inculcar os ideais republicanos de civilizar, de moralizar e de higienizar o povo. Fizemos alguns apontamentos sobre a Escola Normal no Brasil, em Minas Gerais e em Uberlândia, como o lugar de formação do professor primário.

No segundo capítulo, realizamos um estudo sobre o grupo escolar como a expressão de um movimento histórico-educacional brasileiro em favor da escola pública, que teve início no período do império e se disseminou de forma mais efetiva após a proclamação da república em 1889, configurando-se como o lugar onde se processou a educação republicana.

No terceiro capítulo, apresentamos as professoras entrevistadas e como foram se constituindo como professoras primárias republicanas em seu modo de ser, pensar, sentir e agir e, por fim nas considerações finais, apresentamos as descobertas deste estudo.

CAPÍTULO 1



Figura 2: Escola Normal de Uberlândia - 1940.¹⁸
Fonte: Arquivo Público Municipal. Uberlândia/MG

MODO DE SER PROFESSORA, NA REPÚBLICA

A escola era a primeira coisa. A vida da gente girava em torno da escola. E o professor significava tudo. O professor era tudo na vida. Ele era a pessoa mais importante. Ele deveria formar o homem de amanhã. Na época, já era assim. O professor ensina e aprende o que ensina (ANTONIALI, 2008, p.161).

¹⁸ O prédio da Escola Normal do município de Uberlândia constitui-se no lugar de formação das professoras primárias. As vestes e a posição das normalistas revelam sobriedade e formalidade, quesitos imprescindíveis para a época. A arquitetura do prédio indica todo um aparato de ostentação e, o poder e a força da educação para conquistar a ordem e o progresso.

Em seu depoimento, a professora Antonialli declarou o sentido dado à escola, ao professor e ao modo como os saberes e as práticas requeridas de uma professora deveriam produzir os sentidos e os significados acerca da educação republicana. Desse modo, as narrativas das professoras Antonialli (2008), Freitas (2008), Pereira (2008) e Carrijo (2008) revelaram o que foi proposto para a época, uma nova pedagogia determinada para a sua formação e como esta foi colocada em prática no seu cotidiano escolar e demonstraram como apreenderam esse modo de ser professora na república.

Neste primeiro capítulo, procuramos identificar sinais que evidenciaram a formação das professoras referenciada pela pedagogia nova e pela escola primária graduada¹⁹. Refletimos também, sobre o seu lugar de formação, a Escola Normal no Brasil, em Minas Gerais e no município de Uberlândia/MG.

Partindo do pressuposto de como as professoras perceberam o processo de escolarização do ensino proposto na época, o modo como elas se apropriaram e reproduziram o que foi pensado e construído acerca da educação, da escola e do modo de ser professor e pela forma de como expressaram e praticaram o pensamento que foi historicamente concebido, observamos que, para além da Escola Normal, a sua formação se deu também a partir de suas histórias de vida, de suas vivências e de suas experiências pessoais, familiares e escolares.

No entanto, em nossos estudos, verificamos que, ao tratar da formação profissional das professoras primárias, esta ficou a cargo da Escola Normal²⁰. Segundo Tanuri (2000), no início da república, pelo menos, no nível das aspirações e das proposições, já se tinha um consenso de que a formação dos professores deveria acontecer mediante um preparo regular e uma nova pedagogia.

Nessa perspectiva, entendemos que a reforma da instrução pública teve como base, portanto, um investimento na formação de professores primários sob a égide dessa nova

¹⁹ Sistema de organização vertical do ensino por cursos ou níveis que se sucedem. As características principais da escola graduada são: a) agrupamento dos alunos segundo um critério nivelador que, pelo geral, é a idade cronológica para obter grupos homogêneos; b) professores designados a cada grau; c) equivalência entre um ano escolar do aluno e um ano de progresso instrutivo; d) determinação prévia dos conteúdos das diferentes matérias para cada grau; e) o aproveitamento do rendimento do aluno é determinado em função do nível estabelecido para o grupo e o nível em que se encontra; f) promoção rígida e inflexível dos alunos grau a grau. (Diccionario de las Ciencias de la Educación, Madrid: Santillana, 1983).

²⁰ “Os republicanos paulistas iniciaram, em 1890, a reforma do ensino pela reforma da Escola Normal” (SOUZA, 1998, p. 39), considerando uma concepção já ventilada por Rui Barbosa, de que a reforma escolar deveria passar pela reforma dos métodos e pela reforma dos professores.

pedagogia. Partindo desse entendimento, a escola normal constituiu-se em uma instituição escolar responsável pela formação de professores para a escola primária, tornando-se um espaço privilegiado para produzir um modo de ser, pensar, sentir e agir sobre a educação, a escola e o ser professor na república.

Nesse sentido, as reformas curriculares, voltadas para essa formação, sofreram influência das filosofias científicas, tendo em vista que o currículo poderia ajudar na mudança das práticas escolares, introduzindo uma nova cultura escolar e favorecendo na produção de um novo homem. Um homem que pudesse construir uma nova sociedade, a sociedade republicana.

Assim sendo, foi pensado um modelo de formação, no sentido de incutir os ideais republicanos de civilizar, de moralizar e de higienizar o povo, disciplinando os seus corpos e as suas mentes, mediante uma nova forma de escolarização o grupo escolar.²¹ Esse modelo escolar se tornou referência básica para a organização racionalizada do tempo e do espaço, bem como para o controle sistemático do trabalho das professoras (FARIA FILHO, 2000).

A Professora Freitas (2008), em sua narrativa, revelou a relação que havia entre os conteúdos ministrados na Escola Normal e na escola primária e trouxe alguns elementos acerca dos conteúdos das disciplinas de psicologia e filosofia e do modo como o professor deveria pensar e agir para formar o novo homem do amanhã.

Os professores davam a matéria que era ensinada na escola primária. [...] As aulas de psicologia eram sobre a formação da criança nas diversas idades. Lembro que recomendavam para ter muita paciência, porque nem todas as crianças eram iguais. [...] O professor de filosofia ensinava sobre o Ideal: que era se ocupar com aquilo que está de acordo com o que a gente pensa, com o que a gente quer (FREITAS, 2008, p.140).

A partir da formação das professoras primárias, o novo parecia chegar à escola primária republicana. A semente parecia frutificar e os ideais republicanos de moralizar, de civilizar e de higienizar pareciam ser internalizados para depois serem exteriorizados pelas professoras em seus discursos e em suas práticas, transformando-as em “nobres e obscuras

²¹ “uma nova organização administrativo-pedagógica; uma escola para atender um grande número de alunos e cumprir os desígnios do ideal da educação popular” (SOUZA, 1998, p.30).

colaboradoras”²², por meio de uma formação que se deu referenciada pela pedagogia nova e pelo ensino primário.

1.1. A FORMAÇÃO DA PROFESSORA REFERENCIADA PELA PEDAGOGIA NOVA E PELO ENSINO PRIMÁRIO

A preocupação maior em torno dessa formação aconteceu por volta de 1889 quando ocorreu em nosso país a Proclamação da República. Observamos que neste mesmo período as cidades estavam crescendo, a vida urbana se valorizando cada vez mais e o capitalismo se desenvolvendo. O país se encontrava frente a uma realidade que exigia novas profissões. A ciência, a tecnologia e a indústria também passavam por um grande avanço, provocando transformações sociais, políticas e econômicas. Diante desse panorama, surgiu a necessidade de organizar o povo em torno de uma mesma linguagem e de uma nova cultura, para se constituírem em um sentido de nação e ao mesmo tempo imprimir nesta nação uma direção única, dentro do capital.

A educação escolar tornou-se assim, essencial no programa da República. Os movimentos de reformadores e renovadores da educação, conectados às transformações da sociedade, perceberam a necessidade da expansão dos sistemas escolares para instruir, educar e formar o povo. Desse modo, para alcançar os seus objetivos, a instrução, a educação e a formação de todos os cidadãos deveriam acontecer na escola. “O ensino passa a ser visto como instrumento de construção política e social” (LOURENÇO FILHO, 1962, p.21). A professora Freitas, parece ter assimilado bem esse princípio.

O civismo é um sentimento de brasilidade, é lutar para que a sua Pátria seja de seus filhos. O civismo representa o patriotismo, é como se guardássemos a Pátria no coração, é amar verdadeiramente a Pátria, produzindo, fazendo e realizando (2008, p.143).

²² Discurso do Prefeito Vasco Gifone na Ata da solenidade da entrega de diplomas no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, em 1934. (Livro de Atas de reuniões das professoras - 1933-1937).

A partir da compreensão dessa nova realidade, a escola foi assumindo uma função diretiva e redentora no sentido de inculcar um novo comportamento e remodelar uma nova sociedade. Mesmo que, de forma incipiente, passou a ser entendida dentro de um processo mais amplo, relacionado a fatores familiares, religiosos, econômicos, políticos e culturais.

A reorganização da instrução pública, as reformas escolares e a formação dos professores passaram a ser vistas a partir de princípios educacionais emanados por um ideário positivista de modificar a sociedade brasileira identificando a liberdade de ensino com a prosperidade da nação.

Foi atribuído à ciência um poder de criar um padrão civilizatório, a partir de um maior conhecimento do homem, das condições de seu crescimento, do seu desenvolvimento individual e de uma maior compreensão acerca das possibilidades de sua integração cultural. Segundo Santos (2008), foi diante desse contexto que se iniciou no Brasil a difusão dos ideais da Escola Nova, com uma mensagem de instrumentação institucional e de remodelação da ordem política, econômica, social e cultural.

Os difusores da Escola Nova²³ iniciaram um discurso, denunciando o atraso da escola pública em relação às novas exigências da vida social, com a intenção de provocar profundas mudanças e despertar a necessidade de “Uma nova escola para forjar um homem novo para uma nova cidade” (TEIVE, 2008, p.94). A reconstrução da cidade e do homem tornou-se parte fundamental de um processo que “constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica” (ELIAS, 1993, p. 193) a de transformar os indivíduos em força produtiva, de modo a garantir e ampliar o movimento produtivo do capital.

Diante disso, o Estado necessitava de cidadãos que, além de saber ler, escrever e contar deveriam pensar sentir e agir de uma nova forma, de modo a se comportarem como cidadãos patriotas e produtivos para o capitalismo. A escola passou a ser um instrumento de regeneração²⁴, de civilização, de moralização e de higienização, em especial dos pobres, para estabilizar e consolidar o regime. Nos estudos de Cunha, a civilidade foi concebida como o:

²³ Os renovadores da educação. Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, entre outros.

²⁴ As tendências eugênicas cresceram no país, reservando um lugar importante para a educação. No Brasil, o movimento eugênico surgiu por volta de 1918, sob a liderança do Médico Renato Kehl(1889-1974), para divulgar conhecimentos eugênicos e higiênicos, cujos princípios se baseavam em revelar aquilo que estava

processo de construção de códigos de comportamento, normas de conduta, boas maneiras, educação pessoal que se concretiza por meio de um conjunto de regras a serem observadas com o intuito de portar-se com dignidade, cortesia e elegância” (2009, p. 236).

Nessa perspectiva, a escola da república deveria civilizar, moralizar e higienizar as crianças, para inculcar-lhes o amor à pátria e ao trabalho, a submissão às leis, o respeito à livre imprensa, à propriedade privada e à liberdade, inculcando também os valores éticos e estéticos da racionalidade capitalista. Desse modo, o Estado assumiu a responsabilidade de formar o professor e torná-lo apto a ensinar a ler, a escrever, a contar e a desenvolver nas crianças, em especial as mais pobres, os valores e os significados relacionados ao ideal republicano e ao mundo do trabalho. Quanto a esses aspectos, julgamos que foram bem recebidos pelas professoras:

Eu tinha muito respeito pelos alunos, principalmente por aqueles que tinham mais necessidade de ambiente, que tinham falta de recursos financeiros, os menos dotados em casa. Algumas crianças não tinham pais, moravam com os avós ou padrinhos (FREITAS, 2008, p.145).

A escola da república seria, portanto um instrumento de ordem, coesão e de legitimação nacional para estabilizar o regime republicano. No entanto, para isso acontecer, o professor deveria se transformar em um propagador das idéias republicanas. As reformas teriam como alvo realizar esta transformação e provocar uma mudança no modo de ser, pensar, sentir e agir. O professor deveria converter-se em um professor regenerador, civilizador, moralizador e higienizador para contribuir na formação coletiva de uma nova mentalidade.

A formação dessa nova mentalidade girou em torno da aplicação dos preceitos da pedagogia da Escola Nova, cuja base se processou após o triunfo das ideias liberais, quando suas primeiras manifestações pontuaram a presença desse novo ideário. No Brasil, os

incorporado no indivíduo pela herança genética. Caberia assim à escola dar o bom acabamento ao bom material fornecido pela hereditariedade. A busca da regeneração estava associada à preocupação com a descendência e com o futuro da espécie, quanto a sua preservação física e fisiológica. Nesse sentido, o educador Fernando de Azevedo defendia a educação física e moral (GUALTIERI, 2008, p.3-4).

reformadores e renovadores partiram das críticas à escola tradicional e das primeiras manifestações do liberal Conselheiro, Rui Barbosa, representando assim “o início de um movimento educacional que é expressão, antes de tudo, de movimentos sociais mais amplos” (NAGLE, 2001, p. 311). A arte de educar, segundo os seus princípios estava intrinsecamente relacionada com a racionalização e a uniformização da escola graduada, com os procedimentos do método de ensino intuitivo²⁵, com o aprender fazendo, com o desenvolvimento dos sentidos humanos, a atividade física e a formação especializada do professor.

Nessa perspectiva, por volta de 1920, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, educadores brasileiros e outros profissionais ligados à escola primária, com base nos conhecimentos que foram difundidos na Europa e nos Estados Unidos, organizaram suas críticas à pedagogia que vinha sendo aplicada no país até então. No entanto, Nagle (2001) declarou que o movimento *escolanovista* no Brasil teve uma particularidade em relação ao movimento internacional, pois as iniciativas aqui foram de caráter público e nos outros países foram de caráter privado. Eles apresentaram uma renovação escolar pública revestida de um caráter formador, com o objetivo de eliminar os obstáculos ao progresso e formar uma nova concepção de homem.

Seguindo esses princípios, entre 1920 a 1930, ocorreu a implantação de diversas reformas educacionais em vários Estados do país, valorizando a escola como lugar central para a realização do ideal de progresso na nação. Nesta reorganização da instrução pública, surgiu uma nova concepção de infância e de escola primária, e a nova pedagogia adquiriu uma dimensão metodológica. No entanto, as suas apropriações se deram de maneira diferenciada, mais centrada nos métodos e nas técnicas, ou seja, na chamada Escola Ativa; baseada em uma formação cívica e moral que deveria acontecer na escola, considerada a instituição central para civilizar e formar o homem, de acordo com as novas demandas do capital, que era a de “disciplinar e controlar o trabalhador para a fábrica e de formar a elite

²⁵ “[os alunos] seguindo os princípios das lições de coisas, deveriam observar os mesmos objetos ou a sua representação através de desenhos e ou gravuras [...]. Tratava-se, pois, de lições de coisas, no sentido pestalozziano: lição pelos olhos, pelo tato, pelo ouvido”. [...] “Comenius que, assim como Rousseau é considerado o precursor do novo método sistematizado por Pestalozzi [...]” (TEIVE, 2008, p.49-115).

dirigente [...] Para a superação do atraso nacional e o ingresso na modernidade” (BORGES, 1993, p.35-36).

A intenção era ensinar de maneira eficaz tendo como sujeito do conhecimento a criança-aluno, para isso tornou-se imprescindível prescrever aos professores do curso normal, orientações como as que se seguem no Decreto do Regulamento do Ensino nas Escolas Normais nº 8.162, em seu artigo nº 37, que tratava dos fins, dos modos e dos programas de ensino: “[...] o seu objetivo primordial e final que consiste na formação de professores primários [...] em que se deve suscitar e cultivar as qualidades que lhe serão futuramente indispensáveis no exercício do magistério: iniciativa, aptidões didáticas e gosto pelo estudo” (MINAS GERAIS, 1928, p.88).

A formação profissional do professor foi assim referenciada por um conjunto uniforme de saberes, repertórios, métodos e técnicas da pedagogia *escolanova* em interação com a dinâmica organizacional dos grupos escolares, subentendida, sobretudo, a partir de uma correlação entre ensino normal e educação escolar infantil. Uma vez que a finalidade era a de criar uma unidade teórica, prática e profissional. Os reformadores empenharam-se em organizar o campo educacional e as suas especialidades.

Nessa direção, as características de nossa educação pública e as ideias pedagógicas que iriam nortear a sua evolução foram se delineando e os primeiros profissionais da educação tornaram-se visíveis em defesa das ideias da escola renovada. Assim sendo, mais preocupados com a qualidade e mais conectados às transformações econômicas, sociais e políticas do país, divulgaram ao povo e ao governo em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido pelo educador Fernando de Azevedo e subscrito por outros vinte cinco signatários.

O Manifesto foi fruto de um trabalho realizado no interior da ABE (Associação Brasileira de Educação), associação criada em 1924, no sentido de unir esforços em favor de uma política educacional. De acordo com Saviani (2007), o Manifesto apresentou-se como um documento doutrinário e de política de educação nacional; enunciou as bases, os princípios e os procedimentos da Escola Nova; defendeu a escola pública e propôs a construção de um sistema nacional de educação pública. O documento trouxe a necessidade de uma renovação educacional em nível nacional, defendendo a aplicação dos princípios da nova pedagogia. Seu conteúdo foi marcado por questões pedagógicas, filosóficas e políticas

com influências da biologia, da psicologia e da sociologia. Os renovadores defenderam como fim da educação>

A educação nova, alargando a sua finalidade para além dos limites de classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar “a hierarchia democrática” pela “hierarchia das capacidades”, recrutadas em todos os grupos sociaes, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação. Ella tem por objecto, organizar e desenvolver os meios de acção durável, com o fim de “dirigir o desenvolvimento natural e integral do ser humano em cada uma das etapas de seu crescimento”, de accôrdo com certa concepção do mundo (MANIFESTO, 1984, p. 411).

Desse modo, percebemos, nessa citação, a finalidade biológica que a educação deveria assumir, bem como a questão da seleção a partir das capacidades, legitimando assim a exclusão. Porém, educação nova seria “o dever mais alto, mais penoso e mais grave, é, de certo [ela que daria] ao povo a consciência de si mesmo e de seus destinos e a força para afirmar-se e realizá-los...” (MANIFESTO, 1984, p.425).

O manifesto defendeu uma reforma social realizada a partir de uma ação sobre o indivíduo e mostrou uma reação contrária à concepção tradicional de educação, destacou os fatores psicológicos e biológicos do interesse; a atividade e o trabalho cooperativo relacionados ao meio em que vive o aluno. Segundo sua proposta, a escola deveria se transformar em um organismo vivo constituindo-se em uma “comunidade em miniatura” (MANIFESTO, 1984, p.416). Assim, mediante um discurso difundido pela elite, o manifesto representou um processo de revisão crítica do problema da educação em confronto com a educação tradicional. Para Nagle “O movimento da Escola Nova significou um processo de remodelação das instituições escolares como consequência da revisão crítica da problemática educacional” (2001, p.321).

Para executar esse plano, seria necessário atuar de acordo com os princípios de uma escola única, gratuita, obrigatória, laica e de co-educação, servindo de base para o desenvolvimento da democracia. Assim a pedagogia nova deu ênfase aos processos educacionais voltados para a aprendizagem e tornou-se hegemônica com o movimento da Escola Nova. O que gerou mudanças na compreensão do processo de aprendizagem, maiores

preocupações com as características infantis e a rejeição dos fundamentos da pedagogia tradicional, provocando a abertura de novos espaços para a Escola Nova.

Segundo Araujo (2008), nesse momento, no âmbito das escolas normais, as produções teóricas, metodológicas e pedagógicas dos pioneiros da educação nova e os cultores das ciências da educação ganharam projeção nacional. As suas contribuições se deram, principalmente, no currículo, nos processos metodológicos, na institucionalização ao respeito à criança, à sua atividade, aos seus interesses e às suas necessidades, ao pautar-se pela sua centralidade, ao conceber a escola como um espaço aberto à iniciativa das crianças que, interagindo entre si e com o professor, poderiam realizar a própria aprendizagem e construir seus conhecimentos.

Os pressupostos de uma nova escola surgiram para semear um ideário republicano e incutir um novo modo de ser professora primária, o que pudemos confirmar a partir das evidências encontradas no caderno de geografia e história, de 1949, da professora Freitas e também quando tratou dos princípios básicos que vieram influir na escola como: o princípio psicológico, ligado à educação integral, à formação de hábitos, atitudes, habilidades e valores e o princípio de que a escola deveria preparar para a vida na própria vida, tendo a liberdade como um motivo de aprendizagem.

Princípios básicos que vieram influir na escola: 1º princípio psicológico "Não se ensina a uma criança ensina-se a toda a criança." Nenhuma aula é insignificante, nenhuma atitude da profª deixa de contribuir pª a educ. integral. Na esc. primária a aprendizagem concomitante tem 1ª importância. O melhor profª é o que se serve da sua matéria pª educar. A aprend. concomitante, às vezes, é mais importante do que a que temo em vista. Ao fazer um estudo, a ex/ adquire hábitos, habilidades, técnicas de ling. de leitura, de ciências, etc. Não são itens benéficos, podemos chamá-los de valores. A criança e toda ela afetada pelo conhecimento da matéria da aprendiz. concomitante é + import. do que a formal. 2º princípio: A esc. deve preparar

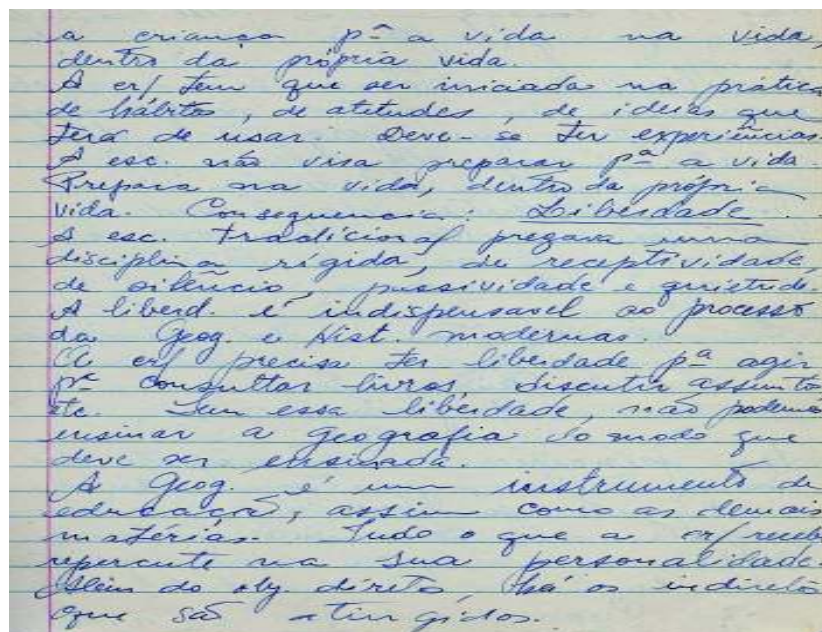


Figura 3: Caderno de geografia e história da professora Freitas – 1949.
Fonte: Arquivo pessoal da professora Freitas.

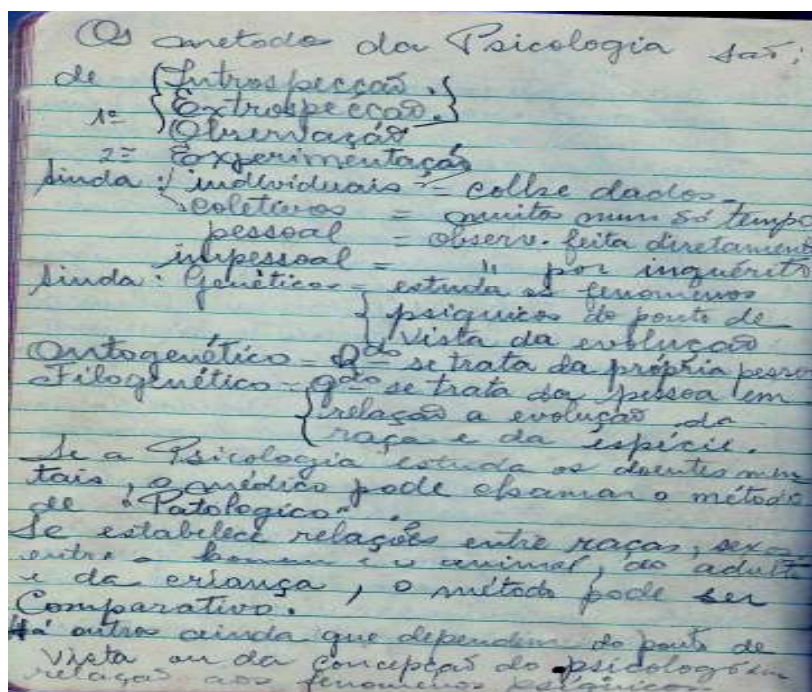
Fontoura (1959), ao tratar do tema Escola Nova, declarou que, no final do século XIX, surgiram várias Escolas Novas, em vários países como: Rússia, Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica, Suíça e Itália, cada uma com suas características próprias de acordo com a experiência de seu criador. Fontoura (1959) citou a criação de uma escola na cidade de Iasnaia-Poliana, em 1861, com o objetivo de dar à criança uma vida mais natural e cheia de liberdade. Essa escola foi criada pelo pensador e poeta russo, Leon Tolstoi (1828-1910), considerado o precursor da Escola Nova.

Na Inglaterra, de acordo com Fontoura (1959), a primeira escola criada com princípios técnicos foi a de Sanderson (1857-1923). Ele propunha que o trabalho escolar fosse baseado no interesse. Foi nesse mesmo período que Cecil Reddie (1858-1932), em 1889, também na Inglaterra, criou a *The New School*. Foi o primeiro estabelecimento com o nome Nova Escola. Reddie denunciou o formalismo, a disciplina rígida e os castigos da escola clássica inglesa. O sucesso das Escolas Novas inglesas chamou a atenção dos pedagogos franceses e de Demolins que criaram, em 1899, a célebre “*L'Ecoles des Roches*”.

Quanto à Escola Nova da Alemanha, Fontoura (1959) afirmou que ela começou com Herhann Lietz em 1898. Sendo que, em 1906, Wineken fundou a escola *Freie Schulgemeinde*, dirigida pelos alunos e, em 1910, surgiu a primeira Escola Nova pública, a partir da reforma

KERSCHENSTEINER e foram chamadas “escolas do trabalho”. Na Bélgica, o movimento das Escolas Novas também se espalhou. Lá Decroly (1871-1932) criou a “*École de l’Ermitage*” em 1907, que se tornou conhecida pelo seu método o “centro de interesses”. Método que foi incorporado ao artigo 303 do Regulamento de Ensino de Minas Gerais em 1927.²⁶

Já na Suíça, em Genebra, de acordo com Fontoura (1959), o educador Ferrière (1879-1948), em 1899, criou o “*Bureau International de Écoles Nouvelles*”, com o objetivo de coordenar as atividades das Escolas Novas de todos os países. Em 1912 Claparède (1873-1940) juntou-se a Ferrière, a Pierre Bovet e a outros e fundaram o “*Institut Jean Jacques Rousseau*”, para estudar e experimentar novos métodos educacionais. Pudemos comprovar o estudo desses métodos e dos testes utilizados por Claparède nos cadernos de psicologia da professora Freitas.



²⁶ Artigo 303. O curso das escolas urbanas compreende: desenho, leitura e escrita, língua materna, aritmética, cálculo mental e noções de geometria, noções de *cousas* em torno dos centros de interesses infantil, de acordo com o método Decroly, *geographia* geral e do Brasil, especialmente de Minas Gerais, principais fatos da história pátria, com particularidade Minas Gerais, noções de educação moral e cívica e de urbanidade, rudimentos de *sciências naturaes e de hygiene*, canto, exercícios *physicos*. (Art 303, Decreto 7.970/1927, p.1228). Decreto nº 7.970/A, de 15 de outubro de 1927 que aprovou o Regulamento do Ensino Primário e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1928, o Decreto nº 8.094, de 22 dezembro de 1927, que aprovou o Programa do Ensino primário e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1928.

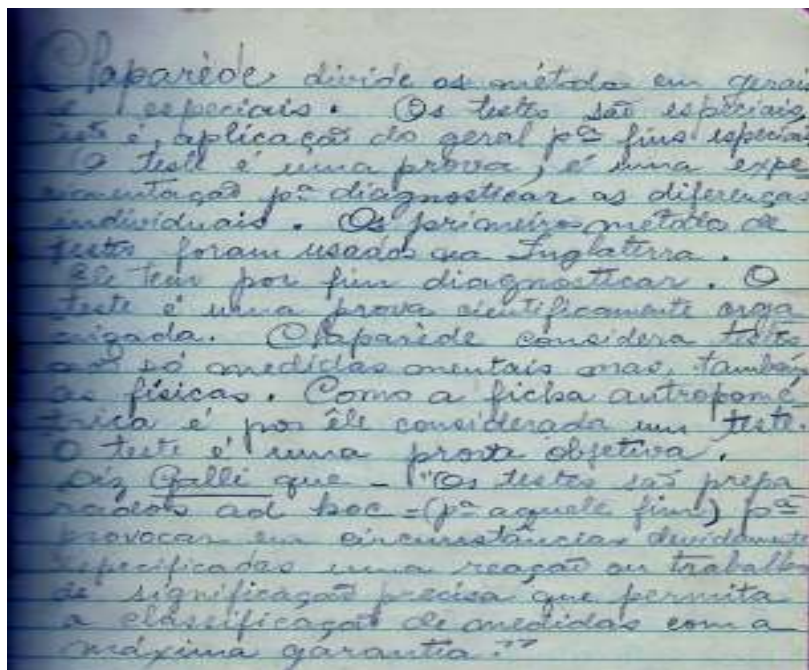


Figura 4: Caderno de Psicologia da Professora Freitas - 1948.
Fonte: Arquivo pessoal da professora Freitas.

Na Itália, Maria Montessori (1870-1940) criou, em 1907, a “*Casa dei Bambini*”, o princípio fundamental de sua escola era a liberdade da criança, disciplinar para a liberdade, para o trabalho, para o bem. E nos Estados Unidos, foi John Dewey (1859-1952) o precursor da Nova Escola. Filósofo, psicólogo e pedagogo liberal, considerado o maior vulto da educação americana e grande defensor da Escola Ativa, criou em 1896, a “*University Elementary School*” na Universidade de Chicago (FONTOURA, 1959, p. 102-107).

No Brasil, o movimento da Escola Nova chegou na década de 1920, a partir dos reformadores da educação²⁷. Ganhou visibilidade, por meio da organização da ABE (Associação Brasileira de Educadores) em 1924. Foi quando se difundiram, de maneira mais sistemática, os ideais da Escola Nova e os seus métodos, principalmente com a publicação e circulação de boletins, livros, revistas, artigos em jornais e também com a organização de congressos.

Verificamos que foram várias as iniciativas com o objetivo de disseminar, por todo o mundo e também no Brasil, as crenças dessa nova pedagogia, no anseio de renovação geral valorizando a atividade da criança, a autoformação e a liberdade, para vencer a barreira do silêncio, da imobilidade e da passividade. Foi um movimento no sentido de introduzir valores

²⁷ Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira e por outros profissionais ligados à escola primária.

morais e sociais, formar o indivíduo para atuar de acordo com os ideais dessa nova sociedade e contribuir para o desenvolvimento do capitalismo. O desenvolvimento da sociologia, da biologia e da psicologia contribuiu muito para essa renovação da escola.

Veiga (2007) nos apresentou algumas características básicas dessas escolas novas fixadas por Ferrière. Elas deveriam administrar uma educação integral, ou seja, intelectual, moral e física; ser ativas, com práticas individualizadas e com trabalhos manuais obrigatórios; deveriam ser autônomas, campestres em regime de internato e de co-educação.

Adolphe Ferrière, segundo Veiga (2007) no *Bureau International de Écoles Nouvelles*, em 1912, definiu alguns aspectos básicos para esta nova pedagogia e trouxe princípios quanto à organização geral, à formação intelectual e a moral. A organização geral deveria se apresentar como um laboratório de pedagogia prática; em sistema de internato situado no campo, considerado como meio natural da criança; deveriam ser organizados trabalhos manuais, de marcenaria para desenvolver a habilidade, a firmeza, a observação, a sinceridade e o governo de si; excursões e trabalhos livres para desenvolver o espírito inventivo e praticar a cultura do corpo a partir de jogos e desportos. Quanto à formação intelectual, a Escola Nova deveria procurar desenvolver o espírito crítico mediante aplicação do *método* científico com observação, hipótese, comprovação e lei. O ensino deveria ser baseado em fatos, na experiência, na atividade pessoal da criança e nos seus interesses. A teoria deveria vir depois da prática. O trabalho individual consistiria numa investigação e o trabalho coletivo em uma troca de documentos que deveriam ser reunidos individualmente.

A formação moral deveria ser exercitada de dentro para fora, pela experiência e prática do sentido crítico e da liberdade. As recompensas seriam utilizadas para aumentar o seu poder de criação e os castigos para pôr a criança em condições de alcançar o fim considerado bom. O ambiente deveria ser de ordem e higiene e a educação da consciência moral consistiria em narrações que provocassem verdadeiros juízos de valor e a educação da razão prática deveria ocorrer pela reflexão e pelo estudo que conduziria ao progresso individual e social. Assim, a criança deveria ser preparada para ser um cidadão que cumprisse com seus deveres para com a pátria e para com a humanidade (VEIGA, 2007, p.218-220). Observamos alguns desses princípios nos depoimentos das professoras.

Eu orientava que não podiam pegar as coisas dos outros. Eles também, não podiam responder o pai e a mãe. Eu ensinava as atitudes que deveriam ter com o pai e com a mãe e contava histórias de fundo moral. (ANTONIALLI, 2008,p.161). [...] No comportamento moral entra tudo. Entra o respeito na família, com os pais, na empresa entre os empregados e patrões. Moral também é ser um cidadão correto, é ser um eleitor (CARRIJO, 2008. p.154).

As expressões: Escola Nova, Escola Ativa e Escola do Trabalho, normalmente são utilizadas para se referir à nova pedagogia, mas há uma variação nelas. A expressão Escola Nova foi utilizada pela primeira vez em 1889, pelo educador inglês Cecil Reddie (1858-1932), e refere-se “a uma nova filosofia pedagógica que prevê a construção de uma sociedade harmoniosa e cooperativa pela mudança do ser humano”. A expressão Escola Ativa é de 1917 e foi criada pelo educador suíço, Pierre Bovet (1878-1965). E a expressão Escola do Trabalho apareceu em 1912, através de Georg Kerchensteiner (1854-1932). Os termos Escola Progressista e Escola Moderna também foram utilizados (VEIGA, 2007, p. 217-272).

Desse modo, a Escola Ativa pode ser entendida como sendo o conjunto dos meios pedagógicos e psicológicos para se atingirem os fins de Escola Nova. Aquela é a ação interessada, que significa a participação intensa e vibrante do aluno na educação. Seu objetivo é reformar as técnicas de ensino, tornar o ensino mais vivo e dinâmico. O professor nessa escola sugere trabalhos, levanta problemas, cria interesses para o aluno. A participação do aluno é intensa na aula.

Assim sendo, o eixo do trabalho pedagógico deslocou-se da compreensão intelectual para atividade prática, do aspecto lógico para o psicológico, dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos de aprendizagem, do professor para o aluno, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade, da quantidade para a qualidade. Cabia nesse caso, ao professor acompanhar a criança auxiliando-a em seu próprio processo de aprendizagem.

As classes eram muito boas! Mas acho que dependia do tom de voz. Para dar aula a professora tem que ter uma voz própria, não pode ser muito alta, nem muito baixa. Uma voz que chame atenção e seja convidativa. Para a aula ser boa o professor não pode exceder nas tarefas e não deve ir além da compreensão das crianças (FREITAS, 2008, p.144).

Pudemos inferir que a proposta da Escola Nova foi a formação de um homem novo. Uma formação que o preparasse para o trabalho, para as atividades práticas, para atender os interesses da burguesia e do capital. Nessa direção, Borges afirmou ser uma proposta que teve como base:

uma matriz teórica baseada na Psicologia, na Sociologia e na Biologia, de forma a convencer, cimentar os diferentes interesses de classe e estratos sociais em jogo. Os princípios liberais foram: a liberdade econômica, concorrência, igualdade jurídica, individualidade, direito de ter propriedade, fraternidade, diferenças de aptidões e capacidades, democracia, criação de um Estado Nacional (BORGES, 1993, p.22).

Para a execução dessa proposta, os professores deveriam utilizar os métodos ativos e criativos, centrados no aluno. Os métodos de ensino surgidos a partir da Escola Nova representaram grandes contribuições para a educação, embora suas propostas estivessem mais voltadas para o desenvolvimento do capitalismo.

Entre os principais *métodos*, Fontoura (1959) citou os de jogos, de conversação ou discussão, de estudo dirigido, de Thayer, de problemas, de Dalton, de Winnetka, de Cousinet, de Jena, de Montessori, de Decroly e o de projetos. O *Método* de Jogos (1805) consiste em transformar o ensino em jogo. Froebel tornou o jogo em um *método* de ensino verificando que por meio das atividades lúdicas a criança possa se interessar e se entusiasmar mais pelo ensino e aprender sem sentir. O *Método* de Conversação ou de Discussão é o que se desenvolve pelo diálogo entre o professor e os seus alunos. A conversação permite estabelecer relações de afeto e de confiança e a discussão desperta a atenção, provocando o interesse pelo assunto, levando o aluno a descobrir novos problemas e dificuldades. O *Método* de Estudo Dirigido é uma técnica de aprendizagem realizada na classe com a orientação do professor. Os alunos se dividem em grupo para pesquisarem os aspectos do assunto, utilizam livros, revistas, jornais, gravuras e discutem entre si. O professor estimula, explica, corrige e responde as perguntas e depois os alunos fazem um relatório e apresentam.

O *Método de Dalton*, segundo Fontoura (1959), foi criado pela professora Helen Parkhurst (1916). A professora passa uma tarefa para cada menino fazer, pode ser um assunto a ser pesquisado ou um problema a ser resolvido, o qual depende de estudo e pesquisa. Conforme o assunto ou problema o aluno se dirige para uma sala. As salas são destinadas para

as matérias e estão equipadas com material necessário daquela matéria. Por exemplo: sala de Linguagem, de Geografia, etc. A sala se transforma em um laboratório, onde as crianças estudam, pesquisam e trocam idéias. Quanto ao *Método de Winnetka* foi criado pelo educador americano Carleton Washburne, em 1915, e consiste em aliar o ensino individual ao ensino coletivo. O aluno pertence a uma classe e no final do ano letivo toda a classe faz um exame e cada aluno é promovido ou não. Cada aluno recebe um trabalho de uma determinada matéria e, à medida que termina, recebe outros trabalhos. Sua aprovação é por matérias. No método, há níveis de adiantamento. O período da manhã é destinado ao estudo individual e o da tarde é destinado ao trabalho em grupos com teatro, música ou esporte.

O *Método Cousinet* (1925) tem sua proposta baseada no trabalho por equipes. De acordo com Fontoura (1959), o criador desse método era francês e foi inspetor escolar Roger Cousinet era pedagogo; sua proposta distribuía os alunos em grupos de 6 a 10 integrantes, cada equipe deveria realizar uma tarefa com orientação do professor. Não havia horários rígidos e nem programa de ensino obrigatório. Para Cousinet, as atividades em grupo devem seguir as seguintes etapas: obter as informações mediante uma pesquisa sobre o objeto de trabalho, expor e elaborar as informações no quadro, depois fazer a correção dos erros de ortografia, uma cópia individual no caderno do resultado obtido, um desenho individual relacionado ao assunto, e por fim escolher o desenho mais significativo, fazer a leitura do trabalho do grupo e elaborar uma ficha-resumo.

Quanto ao *Método de Jena*, (1923) constituiu-se em um processo socializado desenvolvido na cidade de Jena, na Alemanha por Peter Petersen. Essa técnica propõe que os grupos de trabalho sejam formados por alunos de diversos níveis mentais, porque é assim que ocorre na vida em sociedade. A diferença de cultura permite que os melhores auxiliem os mais fracos, desenvolvendo sentimentos de cooperação e fraternidade humana. Segundo esse método, a força de coesão de cada grupo está nos laços afetivos e fraternos e não na homogeneidade.

O *Método Montessori* (1907) foi desenvolvido pela médica italiana, Maria Montessori. Pode ser resumido nos princípios de liberdade que permite o desenvolvimento natural da criança, na atividade onde é o indivíduo quem se educa e educar-se significa agir e reagir. Nesse método, a educação é inseparável da ação e da atividade do aluno, já que cada criança é única e deve ser respeitada. Na realização dos processos didáticos, houve um afastamento

desses princípios, quando confeccionaram-se jogos e materiais de ensino padronizados, determinando o caminho que o professor deveria seguir, dificultando o interesse do aluno, pois o ensino da Escola Nova deve ser menos rígido.

O *Método Decroly*, (1901) ou centros de interesses, foi desenvolvido pelo belga Ovide Decroly. Os centros de interesses seriam a família, a escola, a sociedade, o universo (o sol, a lua, as estrelas, a terra, a água, o ar, os minerais), o mundo vegetal, o mundo animal, etc. Segundo esse método, educar é partir das necessidades da criança e consiste em adaptar o ensino à evolução mental dela, pois a criança é imediatista, só compreende o que é objetivo e concreto. Seu mundo gira em torno de si. Então Decroly imaginou um programa de ensino baseado no egocentrismo da criança, a saber: necessidade de alimentar-se, de lutar contra as intempéries, de defender-se contra os perigos e acidentes, de ação, do trabalho, da renovação constante e da alegria solidária. Nesse *método*, não há divisão de matérias; é um método vitalista. “A criança deve ser educada para a vida através da vida.” [...] “Uma escola da vida pela vida” (FONTOURA, 1959, p.119). Esse foi o *método* adotado no Regulamento de Ensino primário de Minas Gerais conforme reza o artigo 303:

O curso das escolas urbanas compreende: desenho, leitura e escrita, língua materna, aritmética, cálculo mental e noções de geometria, noções de *cousas* em torno dos centros de interesses infantil, de acordo com o método Decroly, *geographia* geral e do Brasil, especialmente de Minas Gerais, principais fatos da história pátria, com particularidade Minas Gerais, noções de educação moral e cívica e de urbanidade, rudimentos de *sciências naturaes e de hygiene*, canto, exercícios *physicos* (MINAS GERAIS, Decreto 7.970/1927, p.1228).

O *Método de projetos* (1918) foi criado por William Heard Kilpatrick e é um método centrado na atividade prática dos alunos, de preferência manual. Um projeto pedagógico que segue esse *método* deve apresentar as seguintes características: a atividade deve ser intencional, bem orientada e realizada em um ambiente natural. Deve ter valor educativo e ser uma atividade realizada pelos próprios alunos. Os projetos podem ser manuais, de descobertas, de competição e de comunicação. De acordo com Fontoura (1959), todos esses *métodos* são ativos e tiveram como base a ausência de um programa rígido, o que conferiu à escola a adoção de programas flexíveis que poderiam ser modificados de acordo com a realidade.

Diante do exposto, pudemos inferir que o movimento da escola nova representou uma crítica aos padrões de educação anteriores ao século XIX, provocando uma revisão dos procedimentos tradicionais de ensino. Entretanto, produziu estratégias de ação e formas de controle ao criar padrões de homogeneização em detrimento da heterogeneidade do povo que por ser considerado indolente, deveria ser civilizado, moralizado e higienizado, para se transformarem no cidadão apto e consciente de seus deveres, mediante a aplicação dos princípios dessa nova pedagogia. Assim houve um propósito que se transformou em ações no sentido de instituir um lugar para formar os formadores desse povo.

1.2. LUGAR DE FORMAÇÃO: A ESCOLA NORMAL NO BRASIL

O projeto de formação do professor, no Brasil, teve início em Niterói, no Rio de Janeiro, no ano de 1835, a partir da Lei nº 10 de 1835, por iniciativa das províncias, cujo modelo de implantação foi o europeu, mais especificamente, o da França.²⁸ No entanto, de acordo com Araujo, Freitas & Lopes (2008) a ideia da necessidade de formação do professor surgiu ainda no século XVI com sugestões encontradas nos escritos de Lutero e Roterdã.

Saviani informou que “Desde a Convenção, instalada após a Revolução Francesa entre 1792 e 1795, as instituições encarregadas da formação dos professores, em especial para as escolas primárias, tenderam a receber o nome escolas Normais. Seguindo essa tendência geral, as províncias brasileiras também começaram a implantar as respectivas escolas normais. [...] Ao longo do século XIX foram surgindo escolas normais nas várias províncias que constituíam o Império brasileiro, num processo intermitente em que essas instituições eram criadas, em seguida fechadas e depois reabertas” (2008, p.7).

Nesse sentido, após a primeira experiência de Niterói, várias escolas normais foram criadas e instaladas nas províncias: em Minas Gerais (1835 -1840), na Bahia (1836 -1841), em São Paulo (1846), em Pernambuco e no Piauí (1864 -1865), em Alagoas (1864 -1869), em São Pedro do Rio Grande do Sul (1869), no Pará (1870 - 1871), em Sergipe (1870 - 1871), no Amazonas (1871), no Espírito Santo (1873), no Rio Grande do Norte (1873 - 1874), no Maranhão (1874 e 1876), na Corte (1874, 1880), no Paraná (1876), em Santa Catarina (1880),

²⁸ Onde se deu a origem dos cursos normais, em 1794 quando Joseph Lakanal (1762-1846), em uma perspectiva iluminista e com um posicionamento democrático, propôs a formação de professores. Segundo o seu projeto, como parte de uma instrução pública, o professor deveria ser alguém com capacidade de instruir (ARAUJO, 2008).

no Ceará (1880 - 1884), no Mato Grosso (1874), em Goiás (1882 - 1884) e na Paraíba (1884 - 1885). Em 1867 havia 04 escolas normais e em 1883 o número passou para 22 (TANURI, 1979, p.23; 2000, p. 64-65).

Essas primeiras iniciativas coincidiram com a hegemonia do grupo conservador para consolidar a sua supremacia e estabelecer o seu projeto político. De acordo com Kulesza (1998), o nascimento dessas escolas nas províncias se deu vinculado aos tradicionais Liceus²⁹, que se tornaram referência para o desenvolvimento do ensino normal público e privado. Tais escolas, quando instaladas, apresentaram uma organização didática simples, o curso era de dois anos e tinha um currículo com base nos conteúdos dos estudos primários. A infraestrutura era simples e a frequência era reduzida. Segundo a mesma autora, essas experiências tiveram pouco aproveitamento.

Entretanto, a reforma do ensino primário e secundário na Corte, de autoria do ministro do Império Carlos Leôncio de Carvalho, se concretizou, a partir do Parecer nº 7.247 de 19 de abril de 1879. Assim se estabeleceu, pela primeira vez no ensino primário do Brasil, a prática de lições de coisas, sendo incluído também no curso normal da Corte a disciplina Prática do ensino intuitivo. O que foi incorporado depois por volta de 1890, nas escolas-modelo, anexa à Escola Normal de São Paulo (TEIVE, 2008). Portanto, a reforma do ensino iniciou-se, pela reforma dos métodos e pela reforma dos mestres na Escola Normal³⁰.

Para Tanuri (2000), as escolas normais, destinadas ao preparo específico de professores para o exercício de suas funções, estavam intimamente ligadas à institucionalização da instrução pública ocorridas no mundo moderno³¹. Assim a formação de professores para as escolas primárias no Brasil foi tornando-se uma exigência tendo em vista os anseios de conquistar uma nova ordem social, os quais foram intensificados, principalmente, a partir da constituição de um governo republicano.

²⁹ Tradicionalmente destinados à formação das elites masculinas, em sua preparação para ingresso no ensino superior, influenciou fortemente as iniciativas de criação das Escolas Normais (KULESZA, 1998).

³⁰ Foi o pedagogo Messmer o primeiro a usar a denominação escola normal, no ano de 1770 (ESCOLANO BENITO, 1982, p.56). Passando da Alemanha para a França, em 1794. Designando-se assim porque “[...] eran las escuelas que daban la norma docente” (GUSMAN, 1986, p.17). Nas escolas normais estudariam as normas didáticas para o ensino nas escolas primárias.

³¹ [escolas normais] Conectadas à implantação das ideias liberais, a partir de 1870, de democratização, obrigatoriedade da instrução primária, secularização e extensão do ensino primário a toda a população (TANURI, 2000).

Nesse governo, o fervor ideológico, fundamentado na democracia, na federação e na instrução, como via de redenção do país herdado do Império, manteve-se constante. O novo regime republicano assumiu a função de regenerar, civilizar, moralizar e higienizar para se legitimar. Sendo que o meio mais viável para isso, na concepção dos republicanos seria a educação. Nessa perspectiva “A questão da construção da nação desdobra-se em duas idéias a ela vinculadas, [...]: a da exigência de incorporação do povo à nação e a da insuficiência do povo para o exercício da cidadania” (ROCHA, 2004, p.18).

Entretanto, a República ao se constituir essencialmente pelo princípio democrático-representativo e federativo³², segundo o modelo constitucional, assumiu uma forma de estado oligárquico, levando os Estados a assumirem a responsabilidade de formar um professor com o objetivo de se capacitar para instruir e educar a criança. Isso sinalizou a ausência do governo central nas atividades normativas e financiadoras e provocou um desenvolvimento educacional desigual entre os Estados.

No entanto, as oligarquias cada vez mais imbuídas da necessidade de uma escola primária para as classes populares, no anseio de renovação e na preocupação com a alfabetização para habilitar o povo para o voto, dirigiram-se para o desenvolvimento do Ensino Normal. Coube, portanto à república, a tarefa de desenvolver de forma qualitativa e quantitativa e efetivar a implantação das escolas normais, “[...] concebida como padrão e como modelo, com o intuito de normalizar e regularizar todas as outras escolas. [...] conteúdo e método devem ser os baluartes para a formação do professor” (ARAÚJO, 2008, p.322). O saber como ensinar deveria estar associado ao saber o que se vai ensinar. Como manifestou a professora Freitas “A gente devia saber o que é ser professor, devia saber transmitir, saber que direção tomar na vida profissional e saber respeitar a sala de aula, dando conhecimentos necessários para as séries que vai ensinar” (2008, p.140).

A Escola Normal, formadora de mestres deveria transformá-los em propagadores desses ideais republicanos, fez parte das estratégias de disseminação de um novo modelo docente para as escolas primárias, planejadas como instâncias que deveriam produzir os saberes científicos e pedagógicos. Na opinião de Teive (2008), tornou-se instituição

³² As províncias foram promovidas à categoria de Estado e passaram a possuir uma autonomia quase irrestrita. Os Estados, a partir dessa realidade, mobilizaram-se para organizar, administrar e implantar o ideário republicano em prol da reconstrução e difusão de novos valores, condutas e normas requeridas pela realidade republicana (ROCHA, 2004).

responsável pela formação de professores para a escola primária e constituiu-se num lugar privilegiado para a produção de um modo de pensar, sentir e de agir em uma situação de ensino escolarizado.

Segundo Teive (2008), o espaço escolar precisava ser remodelado de modo a dar nova visibilidade à modernidade³³ republicana e adaptar-se à pedagogia moderna e ao higienismo³⁴. Isso fez surgir os grupos escolares como parte de um projeto civilizador que iria colaborar na reforma social e na difusão de educação popular. Nesse caso, o que se esperava da educação escolar pública e do professor primário era a formação moral, cívico-patriótica como um dos fundamentos da construção da nacionalidade e a formação científica para sair do atraso e caminhar para a ordem e o progresso.

De acordo com (ARAÚJO, AQUINO E LIMA, 2008), a Escola Normal deveria habilitar o professor primário para poder desempenhar, com a máxima dedicação, vigor e profissionalismo, a missão de educar o povo para a vida em sociedade no contexto urbano e rural. Deveria oferecer uma formação intelectual, moral e profissional, tornando-se um centro multiplicador de saberes teóricos, demonstrativos e práticos referente ao trabalho pedagógico da escola primária. Assim sendo, as Escolas Normais³⁵ com duração de três anos em 1908 e 4 anos em 1910, ministravam disciplinas que apresentavam uma estrutura curricular de moldura enciclopédica dotada de dez matérias de cunho literário, de natureza científica e técnica e de fundamentos morais e pedagógicos³⁶.

Portanto, para modernizar intelectual e moralmente a sociedade, a professora deveria dominar os conhecimentos e possuir uma sólida formação moral e cívica, sendo capaz de

³³ Segundo Berman, a história da modernidade iniciou-se no século XVI e representa “O turbilhão da vida moderna [...] grandes descobertas nas ciências físicas [...] a industrialização [...] crescimento urbano [...] Estados nacionais cada vez mais poderosos [...] um mercado capitalista mundial [...] em permanente expansão” (1988, p.16). Para Schwartzman a modernidade sugere que todas as sociedades, hoje, compartilham um destino e uma condição similar, descrita como uma grande proximidade com novas tecnologias e, ao mesmo tempo uma grande incerteza ... (1991, p.50).

³⁴ O higienismo trata-se de uma intervenção da medicina social, propagando a necessidade de lutar contra as doenças de modo contínuo, propondo medidas que disciplinem a rotina doméstica, o cuidado com os filhos e outras práticas de higiene pessoal (DURÃES, 2002).

³⁵ Escolas Normais de Minas Gerais (BORGES, 2005), de São Paulo (MONARCHA, 1999), São Carlos (NOSELLA, BUFFA, 2002), Paraíba (KULESKA, 1997), Goiás (BRZEZINSKI, 1987), Ceará (OLINDA, 2003), Piauí (SOARES; FERRO, 2003), Natal (ARAÚJO, AQUINO, LIMA, 2008).

³⁶ As matérias de caráter literário eram Português e noções de Latim, Francês, Música. As de natureza científica e técnica compreendiam: Aritmética, Álgebra e Geometria, Noções de Física, Química, História Natural e Higiene, Desenho Natural, Caligrafia, Trabalhos Manuais e Exercícios Físicos. As matérias de Fundamentos Pedagógicos e Morais seriam Pedagogia, Instrução Moral e Cívica, Economia Doméstica, Legislação Escolar e Prática na Escola Modelo (ARAÚJO, AQUINO E LIMA, 2008, p.197).

formar o espírito da criança para cultivar os pensamentos e sentimentos republicanos. A tarefa da professora era instruir, no sentido de desenvolver e prover de conhecimentos a mente da criança e educar no sentido de desenvolver o caráter, a disciplina e as qualidades morais, além de dirigir os seus pensamentos, os sentimentos e a sua conduta³⁷. A seleção e a organização do conhecimento escolar faziam parte de um processo social e estava relacionado a necessidades de legitimação, de controle e de propósitos de dominação (SILVA, 1995).

Nessa direção, por volta de 1920, a divulgação dos princípios e dos fundamentos do movimento *escolanovista* fundamentou as reformas estaduais do ensino primário e normal, fornecendo elementos para uma revisão crítica dos padrões até então existentes. O que mais importava naquele momento foi difundir esse novo modelo no espírito do *otimismo pedagógico*, voltado para os conhecimentos sobre o desenvolvimento e a natureza da criança, os métodos e as técnicas de ensino (NAGLE, 2001).

No campo de formação de professores, a principal influência foi a inserção e a valorização das ciências consideradas basilares para uma nova compreensão acerca da função social da escola e do papel assumido pela criança no contexto social mais amplo. Dentre essas ciências, destacamos a biologia, a psicologia e a sociologia, que foram incorporadas aos currículos dos cursos de formação e auxiliaram na produção de novas concepções sobre o campo educacional.

As disciplinas científicas no currículo de formação das professoras permitiriam a apropriação do conhecimento científico pelas professoras, com a intenção de consolidar uma maneira de pensar, sentir e agir. Por exemplo, a inclusão da disciplina higiene escolar na formação das professoras influenciou na educação física e intelectual, estabeleceu princípios e procedimentos, guiou a moral e os bons costumes, no sentido de afastá-las dos perigos dos vícios, do álcool, do fumo e desenvolveu o gosto pelo trabalho³⁸. Introduziram também, a forma correta de sentar, de escrever, alertou para o perigo da fadiga. “Eu ficava contente, quando observava que eles estavam se desenvolvendo. Até o modo de se posicionarem na carteira eu ensinava.” (CARRIJO, 2008, p. 155). E apontaram para a necessidade de descanso,

³⁷ Conforme a concepção de Norbert Elias, “o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica” (1993, p.193).

³⁸ Tais aspectos estão presentes tanto no Decreto nº 8.225, de 11 de fevereiro 1928, que aprovou o programa de ensino Normal do Estado de Minas Gerais, quando trata da educação moral e cívica (p.252), como no Decreto 8.094/1927, que tratou do programa do Ensino Primário, nos deveres higiênicos dos alunos no item nº 10. “Não jogar, não fumar, não beber” (p. 1719-1720).

de recreios, de excursões, de exercícios físicos como elementos indispensáveis para a higiene do cérebro. Essas disciplinas trabalhavam na perspectiva da formação do caráter e para despertar o amor pela Pátria e o orgulho de pertencer a ela. Foi o que observamos nas orientações que eram passadas a partir das atas de reuniões das professoras entrevistadas por nós.

[A professora técnica, Maria Aparecida Lomônaco] continuou expondo que o assunto para a reunião de hoje era: Atividades extra-programa. Essas atividades são necessárias e trazem grande proveito para as crianças, compreendem auditórios, excursões, jornal escolar, museu, hora de história, etc. No decorrer dessas atividades, deverá haver a colaboração das crianças que apresentarão iniciativas espontâneas e a professora aproveitará a oportunidade para ensinar boas maneiras e princípios de socialização (ATA DE REUNIÃO, 11 de março de 1944).

A disciplina psicologia deu ênfase aos conteúdos vinculados à natureza da criança, à dinâmica de seus interesses, às leis do crescimento e às da conduta humana³⁹, à educação dos sentidos, da inteligência, da memória, da vontade, da imaginação, da atenção, do hábito. A importância das disciplinas que se relacionavam com a constituição da nacionalidade também cresceu no ensino republicano do governo de Getúlio Vargas, na medida em que este as vinculava ao amor a Pátria, ao dever do cidadão e convocava as professoras para infundir o amor e o respeito ao país.

Entre o período de 1935 a 1939, o espaço público e a formação do professor em consonância com o processo de centralização autoritária vivida no país, foram mantidos sob controle e sob vigorosa vigilância. Esse controle com relação ao campo educacional foi explicitado pelo Ministro Gustavo Capanema, um mês após a implantação do Estado Novo, em seu discurso proferido no Centenário do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, quando afirmava que o Estado deveria assumir a suprema direção da educação em todo país, não só fixando seus princípios fundamentais, mas controlando sua execução.

³⁹ Conforme consta no caderno de psicologia da professora Freitas de 1948. As 10 leis de conduta humana de Claparède. Lei da necessidade, a extensão da vida mental, da tomada de consciência, da antecipação, do interesse, do interesse momentâneo, da reprodução do semelhante, do tateamento, da compensação e da autonomia funcional (Arquivo pessoal da professora Freitas).

A educação, no Brasil, tem que colocar-se agora decisivamente a serviço da Nação. [...] A educação atuará, pois, não no sentido de preparar o homem para uma ação qualquer na sociedade, mas precisamente no sentido de prepará-lo para uma ação necessária e definida, de modo que ele entre a constituir uma unidade moral, política e econômica, que integre e engrandeça a Nação. [...] A escola é a base da educação. [...] é fora de dúvida que a escola permanece, e há de sempre permanecer, como o principal, o mais adequado e rendoso instrumento da educação. [...] O Governo Federal dar-lhe-á sua plena colaboração. Por um lado, presidirá ao empreendimento, orientando-o, coordenando-o, controlando-o (CAPANEMA, 1937, p. 21-24).

A formação do professor exigia que a arte de ensinar se pautasse pela arte de saber fazer a partir do método ativo, mediante os preceitos da pedagogia nova e com ênfase nas doutrinas e nos métodos de ensino. A política de formação docente fez parte da política educacional e integrou a diretriz maior dada pelo projeto do regime. Um regime autoritário que se consolidou entre 1937 a 1945.

A educação passou, então, a ser considerada como uma função social de excepcional relevo, e a sua finalidade já não era simplesmente ministrar noções e conhecimentos assentados, mas essencialmente preparar a criança e o adolescente para viver em sociedade, para enfrentar e vencer os obstáculos, os riscos e os fracassos que a vida social oferece a cada um. Educar seria rigorosamente socializar o ser humano. Despertar no indivíduo o máximo de eficiência, e atirá-lo no largo fórum das competições humanas, eis aí a finalidade visada pela nova pedagogia (CAPANEMA, 1937, p. 18).

Um dos traços da política desse período foi o nacionalismo, que destacava a formação docente como veículo de ordenação e modernização do ensino. Os inspetores escolares e as professoras técnicas de ensino se tornaram figuras chave na questão da difusão e na sustentação dos sentimentos de nacionalidade almejada.

A técnica Lourdes de Carvalho lembrou então as professoras que: o canto está sendo descuidado, não só no nosso grupo, mas em todas as escolas. Relatou também a observação feita por ela na comemoração do término da guerra: a falta de patriotismo do nosso povo, falta de entusiasmo para cantar o nosso hino nacional; atitude irreverente diante da bandeira. Pediu então, as professoras que procurassem despertar o civismo em nossas crianças, sendo a primeira medida a tomar, ensinar-lhes a cantar o hino nacional com entusiasmo, corrigindo-lhes os erros e discutindo a significação de suas palavras (ATA DE REUNIÃO, 12 de maio 1945).

Esse período se caracterizou por um governo exercido pela força, por falta de uma base social e econômica sólida. Na busca de uma resposta à questão da identidade nacional, o Estado Novo assumiu ares de nacionalista e moderno. Porém, valorizou uma idéia de modernização que se impunha.

Esse Projeto é de cunho civilizatório, num intuito de modelação a uma modernidade previamente concebida; disciplinador e racionalizador do trabalho, segundo o modelo da fábrica; incorporador do povo à nação, porém, hierarquizando a população; tutorial na condução do povo. Sob a direção de uma elite culta; enfim, construtor de uma conformação nacional marcadamente autoritária (ROCHA, 2004, p.141).

A educação foi transformada em um mecanismo de enquadramento, como um dispositivo para disciplinarizar os corpos. “[Um] Estado constituído sobre o fortalecimento da família; pela propriedade do lar salubre; pelo saneamento; pela educação higiênica, eugênica, intelectual e moral” (CARVALHO, 1986, p. 114). Esta é a visão de um Estado paternal, tutorial que tinha como meta disciplinar seus súditos a partir das professoras primárias.

A concepção de educação no Estado Novo configurou-se assim, de maneira evidente, por uma concepção doutrinária de caráter autoritário. Nessa perspectiva, a política educacional foi se definindo segundo os princípios do Estado Novo com base em diretrizes emanadas do poder federal que, em novembro de 1938, pelo decreto-lei nº 868, criou a CNEP (Comissão Nacional de Ensino Primário) com o objetivo de mudar a política educacional elementar vigente, até então relegada aos Estados e aos Municípios. A intenção era nacionalizar o ensino elementar e também realizar uma campanha de combate ao analfabetismo.

Dessa forma, tornou-se explícita a orientação político-educacional capitalista de preparação de um maior contingente de mão-de-obra, principalmente com as reformas do ensino de 1942 a 1946, quando foram decretadas as Leis Orgânicas do Ensino, conhecidas como a Reforma Capanema, a partir das leis: Orgânica do Ensino Industrial Decreto Lei 4.073, de 30/01/42; Orgânica do Ensino Secundário Decreto Lei 4.244, de 09/04/42; Orgânica do Ensino Comercial Decreto Lei 6.141, de 28/12/43; Orgânica do Ensino Primário Decreto Lei 8.529, de 02/01/46; Orgânica do Ensino Normal Decreto Lei 8.530, de 02/01/46 e a Lei Orgânica do Ensino Agrícola Decreto Lei 9.613, de 20/08/46 (RIBEIRO, 2003). Tais reformas foram efetivadas e mantiveram um caráter dual, elitista e conservador.

O chamado amálgama de uma escola nova para um Estado Novo não é outra coisa senão a permanência, mesmo naquele contexto em que fora derrotado, de propostas que ali permaneceram e continuaram a produzir efeitos, ainda que o contexto desfavorável procure transfigurá-los (ROCHA, 2004, p. 182).

No entanto, em outubro de 1945, o presidente Getúlio Vargas foi deposto e terminou oficialmente o Estado Novo e em 1946, já no regime redemocratizado, novos rumos políticos foram repensados a partir de um debate educacional. Assim sendo, o ensino primário, pelo Decreto Lei 8.529/46, passou a ser estruturado da seguinte maneira: Ensino primário fundamental - primário elementar - 4 anos de duração, e em primário complementar 1 ano destinados a crianças de 7 a 12 anos e o ensino primário supletivo - 2 anos. No conteúdo deste Decreto Lei, evidenciou-se a influência do movimento *escolanovista* nos artigos 39 e 41 ao instituírem a gratuidade, a obrigatoriedade e optarem pela descentralização estabelecida nos artigos 24 e 25. Havia um propósito de uniformizar o ensino elementar em todo o país. Porém, o que prevaleceu foi uma política educacional fomentada pelos cuidados dos Estados e dos Municípios.

O Decreto Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946, oficializou, como finalidade do ensino normal, o seguinte: 1. Prover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias. 2. Habilitar administradores escolares destinados às mesmas escolas. 3. Desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância. Um Decreto com finalidades e objetivos bem definidos, prevendo funções que, de qualquer forma, poderiam e deveriam ser preenchidas pelo ensino normal. Nesse sentido, a partir do Decreto-Lei 8.530/46, montou-se uma estrutura de cursos de nível médio. O de 1º ciclo de 4 anos, para a formação de regentes, que seria ministrado em escolas normais regionais e o curso de 2º ciclo de 3 anos, para formar professores. Também foram criados os Institutos de Educação onde deveriam funcionar os cursos já citados e como anexos os jardins de infância e a escola primária; os cursos de especialização de professores primários e o curso de habilitação de administradores escolares.

Nesse sentido observamos que, a partir da legislação, novas exigências foram surgindo para o professor, como o diploma, a habilitação e a especialização. Em 1946, o Decreto Lei nº 1.873, de 28 de outubro de 1946, adaptou o ensino Normal, no Estado, aos princípios e

normas da Lei Orgânica do Ensino Normal, de acordo com o Decreto Lei Federal nº 8.530, de 02 de janeiro de 1946. O decreto estabeleceu as normas, os tipos de curso, inclusive de especialização e de habilitação para administradores escolares e estabeleceu no seu artigo 301 a obrigatoriedade do diploma de normalista para o ensino primário. O que não foi efetivado, porque, por um longo tempo, o número de professores leigos ainda era grande. E a reforma Capanema vigorou até a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961 (RIBEIRO, 2003).

Para legitimar as crenças veiculadas pela República, as escolas normais, que cuidavam da formação inicial das professoras primárias, assimilaram e reproduziram essas crenças em vários Estados do Brasil, inclusive em Minas Gerais.

1.3. A ESCOLA NORMAL EM MINAS

Em nossos estudos, verificamos que o processo de escolarização, em Minas Gerais, deu-se a partir do século XVIII, com a instalação do Colégio do Caraça pelos padres lazaristas que, segundo Romanelli (2000), restabeleceu-se em 1854, ao ser instalado o Seminário na província de Mariana, período em que marcou a sua presença, por fornecer os primeiros políticos do Império.

No entanto, ao se referir à realidade educacional em Minas, Mourão (1962) afirmou que a atenção a esta área foi muito precária até 1889 e que antes da proclamação da república havia muitas dificuldades. Entre as dificuldades apontadas pelo autor, podemos destacar a descontinuidade das políticas, a falta de professores habilitados, os vencimentos irrisórios, o rigor quanto à idoneidade do professor e a deficiência na fiscalização.

Sobre a formação dos professores no Estado, Araujo (2008, 2009) apontou que, entre 1840 a 1889, existiram escolas normais em Ouro Preto⁴⁰, Campanha, Diamantina, Montes Claros, Sabará, Paracatú, Uberaba e São João Del Rei. Entretanto, a situação da educação e da formação do professor passava por sérias dificuldades, uma realidade que se configurava na

⁴⁰ Primeira escola criada pela Lei nº 13 de 1835, estabelecida em 1840, embora com funcionamento irregular até 1872.

república e revelava-se como herança do período imperial. Reconhecemos essa questão no relatório de 1871, do presidente da Assembléia Legislativa da província de Minas Gerais, Antonio Luis Affonso de Carvalho, ao se pronunciar sobre as escolas normais:

A criação de escolas normais é de urgente necessidade: os professores não se formão por despachos de nomeação, nem se habilitão por ligeiros exames em logares remotos, em que muitas vezes não há quem esteja no caso de ser juiz de sua aptidão, ou se há, mora distante e não se presta no momento determinado. Eu não comprehendo como se pretenda ter bons professores, sem dar-lhes escolas normais, em que previamente estudem com perfeição as matérias que tem de ensinar (apud ARAUJO, 2009, p.4).

E na mensagem de 1888, do presidente da Província de Minas Gerais, Luiz Eugenio Horta Barbosa, quando se dirigiu à Assembléia Provincial, nos seguintes termos

As oito escolas normais que funcçionam na província não têm correspondido em resultado ao que de semelhantes instituições se devera esperar; [...] convém reformal-as, restringindo-lhes o número, de modo ser possível dotal-as de pessoal docente habilitado, sufficientemente remunerado, dispondo de conveniente material de ensino e dirigido por pessoas que tenham espécies conhecimentos e aptidões (apud ARAUJO, 2009, p.5).

Nos relatórios de 1871 e de 1888, foram apresentadas as dificuldades e preocupações da época quanto à formação da professora e à necessidade da mesma estudar conteúdos que iriam lecionar para compreender a sua tarefa de formar cidadãos.

Borges (2005) afirmou que, com a Proclamação da República, este aspecto se destacou vinculado à idéia de romper com o atraso e construir a idéia de Nação. Nesse sentido, a formação do professor primário mineiro emergiu e foi constituindo-se em tema importante e vinculou-se à difusão da escola pública, obrigatória e gratuita com base nos ideais requeridos pela República, o que provocou as reformas e a construção de um projeto com estratégias de ação, que entrelaçou e compôs práticas sobre a formação, justificando assim as medidas tomadas pelo governo.

Diante desta realidade, os republicanos mineiros, como nos outros Estados, entenderam que a solução seria investir na escola, visto que o propósito era civilizar,

moralizar e higienizar, para sair da crise social, econômica e política e construir a República. Ao se referir a este ponto, em 1897, o secretário dos Negócios do Interior do Governo de Minas Gerais, Henrique Augusto de Oliveira Diniz, manifestou a sua preocupação com o crescimento da instrução pública, por considerá-la essencial para a consolidação do regime republicano. Para o secretário “A República será verdadeiramente amada quando constituir-se em sentimento consciente do povo e a difusão desse sentimento fundamental só poderá ser generalizada e fortalecida pela instrução” (apud FARIA FILHO e VAGO, 2000, p. 34).

Dando prosseguimento a esse propósito, seis anos depois em 1903, o secretário do interior, Delfim Moreira, demonstrou mais especificamente sua preocupação com o analfabetismo e com as crianças vadias e abandonadas, afirmando que a solução poderia estar na obrigatoriedade do ensino primário público (FARIA FILHO e VAGO, 2000).

Assim sendo, para combater o analfabetismo e provocar a inserção social, o secretário sugeriu alguns pontos importantes que deveriam ser considerados para se fazer a desejada reforma mineira de educação, como cuidar da habilitação do professor; realizar a disseminação da instrução primária; fazer fiscalização; pensar no método, no programa de ensino, no mobiliário e nos aparelhos escolares. Para isso, deveriam construir casas apropriadas e higiênicas e criar fundos necessários para o custeio.

Nesse momento, a modernização⁴¹ se mesclava de nacionalismo. Começava também um processo de institucionalização do profissional da educação⁴² e a crença de que da formação adequada do professor tanto em Minas Gerais, como no restante do país, decorreria melhor escolarização, progresso e desenvolvimento, constituindo-se assim um pensamento que tinha, como pressuposto positivista, o princípio de que a reforma da sociedade se daria pela reforma do indivíduo.

Nesse sentido, as reformas dos cursos de formação, tanto o curso normal como o curso superior tornaram-se urgentes e inúmeras reformas da instrução pública primária e normal aconteceram, a partir da crença de que a educação seria o melhor caminho para formar o

⁴¹ O conceito de modernização foi introduzido pelas ciências sociais no pós-guerra para caracterizar os processos de transição que os países e nações *atrasadas*, ou *subdesenvolvidas*, deveriam, esperava-se, passar para alcançar os níveis de renda, educação e produtividade tecnológica característicos dos países industrializados. (SCHWARTZMAN, 1991, p.50). Para Berman “No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, [da vida moderna] mantendo-o num perpétuo estado de vir - a - ser, vêm a chamar-se “modernização” (1988, p.16).

⁴² Essa questão foi tomando forma e ganhou ênfase a partir de 1920, com o movimento de reformulação e remodelação do ensino, quando estes assuntos passaram a ser tratados por profissionais da educação.

cidadão para a república, para construir a idéia de Nação e elevar o país junto às nações civilizadas. No entanto, as requeridas mudanças de valores, de comportamentos e de hábitos na escola primária passariam primeiro pela reforma dos cursos de formação do professor, a fim de determinar um formato conectado às novas ideias urbanas e industriais.

Conectadas a essas preocupações, de acordo com Araujo (2008), nas primeiras décadas do século XX ocorreu também a criação dos grupos escolares⁴³. Em Minas Gerais, eles surgiram a partir da Lei nº439, de 28/09/1906, com João Pinheiro, o presidente do Estado. Em seu artigo 1º, “o governador de Minas Gerais fica autorizado a reformar o ensino primário e normal de modo a transformá-lo em um instituto de educação intelectual, moral e física” (MINAS GERAIS, Lei 439, 1906, p.1). Essa lei evidenciou o ensino primário, normal e superior. Entretanto a questão da formação do professor continuou sendo objeto de preocupação e de várias reformas legislativas na educação mineira.

Nessa perspectiva, o professor primário em Minas Gerais nasceu e se fez pelo poder constituído, mediante uma normatização do governo para acesso ao magistério, mesmo antes de ser reconhecido. E no Regulamento de instrução pública de 1911, no art. 82, como exigência, patenteou-se que o candidato ao magistério deveria ter boa conduta moral, aptidão física e não possuir nenhuma moléstia contagiosa, além de apresentar competência profissional. Como por exemplo, a conduta moral e a saúde vinculada ao higienismo. Tornou-se evidente que os professores deveriam ser dotados de características favoráveis às prioridades do governo republicano e transformarem-se em sujeitos atuantes na manutenção dos interesses estatais.

Nesse sentido, o curso normal possibilitaria a formação de um professor atento aos princípios republicanos, habilitando-o para ensinar a partir desses princípios. De acordo com Gonçalves, “A reforma do ensino Normal trouxe consigo uma grande expectativa, principalmente por parte do governo, pelo fato de estar ligada à remodelação do ensino primário, uma vez que a proposição de formar o professor era fundamental para a reforma.” (2006, p.43). Na tentativa de controlar o acesso ao magistério, o Estado regulamentou também o Curso Normal em seu artigo nº 114, no Regulamento de Instrução Pública de 1906, trazendo

⁴³ Os grupos escolares surgiram como modalidade de escola primária acompanhando o processo de urbanização e democratização do ensino público. Como mencionou Faria Filho (1996) “dos pardieiros aos palácios”, esta realidade possibilitou a constituição de uma nova e expressiva cultura escolar em Minas Gerais.

como objetivo único do ensino normal a prática do magistério primário que seria realizada nos grupos escolares e nas escolas isoladas (MINAS GERAIS, 1906, p. 172).

A partir do exposto, pudemos inferir que a organização da instrução pública em Minas Gerais esteve intrinsecamente ligada à instalação da República e com isto emergiu com mais força no cenário brasileiro as questões ligadas às escolas normais, aos grupos escolares e à formação do professor a partir de novos programas e métodos de ensino.

A instrução passou a ser o elemento de integração do povo à Nação. Surgiu assim a necessidade de uma nova escola, uma escola que fosse organizada conforme os interesses do projeto de educação da nova ordem que ora se implantava. De acordo com Santos (2008), para uniformizar o ensino primário no Estado de Minas Gerais, o Decreto nº 4524/1916 unificou os programas das Escolas Normais, tomando como padrão a escola Normal da Capital e com o direito a requerer a equiparação. Esse quadro perdurou até 1925, quando o Decreto nº 6831/1925, que regulamentava o ensino Normal em Minas Gerais, passou a exigir o atestado de equiparação só para as escolas privadas.

A formação do cidadão deveria acontecer a partir da educação popular, para consolidar o novo regime e promover o desenvolvimento social e econômico. Em Minas Gerais isso se evidenciou nos anos 1920, quando as estratégias de formação passaram pela escola normal, introduzindo na escola pública os métodos novos, como os de projetos e os de centros de interesses. O teor *escolanovista* foi assumindo o discurso político, conforme observamos no Decreto 7.970, em seu artigo nº 303, que aprovou o Regulamento do ensino primário de 20/01/1928.

O curso das escolas urbanas compreende: desenho, leitura e escrita, língua materna, aritmética, cálculo mental e noções de geometria, noções de *cousas* em torno dos centros de interesses infantil, de acordo com o método Decroly, *geographia* geral e do Brasil, especialmente de Minas Gerais, principais fatos da história pátria, com particularidade Minas Gerais, noções de educação moral e cívica e de urbanidade, rudimentos de *sciências naturaes e de hygiene*, canto, exercícios *physicos*. (MINAS GERAIS, 1927, p.1228).

Segundo Nagle (2001), a reforma mineira dentre as que já existiam, foi a melhor no sentido de ser diferente e complexa e estabeleceu-se a partir dos regulamentos do Ensino Normal e Primário. Com a institucionalização da Escola Normal, passou-se a exigir dos

professores a ida até a capital para se habilitarem e posteriormente se submeterem a exames para receberem o diploma de professor. De acordo com a lei, deveriam ser realizados concursos e provas de habilitação para serem considerados aptos para o exercício da docência (SANTOS, 2008).

Em meados de 1927, com a reforma realizada pelo secretário dos Negócios do Interior, Francisco Campos e pelo inspetor de Instrução pública, Mario Casasanta, a formação de professor em Minas Gerais, a partir da adoção dos princípios da Escola Nova, sofreu importante reformulação.

Do ponto de vista ideológico, em função de sua postura liberal, ao investir na educação, Antonio Carlos e o secretário do Interior, Francisco Campos, esperam estar contribuindo para promover uma ampla reforma nas consciências e, a partir daí, criar uma nova ordem social – a sociedade democrática aberta – em que se desconhecem lutas e conflitos. É a reconstrução social pela escola. [...] Segundo Francisco Campos, a principal função da escola é integrar o indivíduo ao meio social, dotando-o de certa homogeneidade na maneira de sentir, transformando-o de indivíduo em cidadão. A palavra cidadão expressa, para Campos o indivíduo capaz de exercer sua liberdade, no sentido da racionalidade existente. Ser é ser racional. Por isso, para ele, a função da escola é transformar os indivíduos em seres racionais, adaptando-os de maneira adequada à sociedade (PEIXOTO, 2003, p. 78-79).

As preocupações em relação ao Ensino Normal se justificaram, por considerarem o trabalho do professor a base de apoio do ensino primário. Tendo como elementos mais importantes na reforma os novos métodos, os programas e o professor. Com a concepção da criança como um ser em evolução, dotado de características próprias, os métodos de ensino deveriam se concentrar na atividade do aluno, pois o ponto central no processo educativo seria o aprender preconizado pelo educador americano Dewey ⁴⁴.

As ideias da Escola Nova chegaram à escola mineira pelo Estado, sob a influência positivista que acreditava no potencial da ciência, no sentido de possibilitar julgamentos mais precisos e com maior clareza para interferir, de forma positiva no meio. Essas ideias fundamentaram-se no conhecimento da criança e na importância em oferecer uma educação baseada nos parâmetros das ciências que explicavam o comportamento humano. Para

⁴⁴ John Dewey (1859-1952) foi o precursor da Nova Escola. Filósofo, psicólogo e pedagogo liberal, considerado o maior vulto da educação americana e grande defensor da Escola Ativa, criou em 1896, a “*University Elementary School*” na Universidade de Chicago (FONTOURA, 1959, p. 102-107).

favorecer o ensino e a aprendizagem, o ambiente deveria ser adequado, envolvendo o prédio, a sala de aula, as condições de higiene, a ventilação e os serviços sanitários.

Nessa perspectiva, o secretário Francisco Campos assumiu uma atitude empreendedora e inovadora, promoveu a reforma do Ensino Normal, para oferecer ao futuro professor os instrumentos indispensáveis ao exercício de sua profissão.

O ensino primário vale o que valerem os professores e o valor destes estará necessariamente em função do Ensino Normal. Será, conseqüentemente, tarefa destituída de seriedade nos seus objetivos rever o curriculum primário refundindo-lhe os programas, estatuinto sobre os métodos e processos de ensino, renovando-lhe o espírito e demarcando-lhe novas e largas finalidades se, ao mesmo tempo, não se procura formar a mentalidade do professor primário à medida das exigências a que ele tem de satisfazer, ordenando-lhe desde cedo o espírito, no quadro intelectual e profissional, em que é chamado a exercer a sua atividade (CAMPOS, 1945, p.12).

Na reforma, a formação docente ampliou a sua duração para sete anos⁴⁵ e, na reorganização do Ensino Normal, prevaleceu o mesmo espírito que orientou o processo no ensino primário. Se nele tudo deveria convergir para o desenvolvimento da criança, no Curso Normal deveria estar sempre presente a ideia de formar o professor. Até as disciplinas destinadas à formação geral deveriam desenvolver e suscitar, nas alunas, qualidades indispensáveis ao exercício do magistério e que, segundo o artigo 39 do Decreto 8.162/1928, do Regulamento do Ensino Normal, seriam a iniciativa, as aptidões didáticas e o gosto pelo estudo. Observamos alguns destes elementos na fala da professora Antonialli.

No magistério, eu gostava de metodologia e psicologia, porque eram matérias que me preparavam para o magistério e que me levaram a boas leituras. Nós tínhamos aulas práticas. Eu era amante da boa leitura. Eu lia livros como: Mulheres de Bronze, E o Vento levou, Éramos seis, etc. Estes eram os meus preferidos (2008, p.158).

⁴⁵ De acordo com o Decreto nº 6831/1925 que regulamentava o Ensino Normal em Minas Gerais, a formação do professor para o ensino primário se dava em 6 anos, assim distribuídos: Curso Fundamental, com a duração de 2 anos, tendo como objetivo reforçar a formação básica do futuro professor e Curso Normal, com a duração de 4 anos, destinado à formação pedagógica. O esquema de formação previsto por Francisco Campos, de acordo com o Decreto nº 8.162/1928, compreendeu três cursos, desenvolvidos em 7 anos: o de Adaptação, posterior ao Primário, com a duração de 2 anos e se destinava ao preparo do candidato à matrícula no Curso Preparatório; o Curso Preparatório, com a duração de 3 anos, destinava-se a ministrar a cultura geral indispensável à formação do magistério primário; e o de Aplicação, com a duração de 2 anos e de caráter estritamente profissional. Seu currículo era composto pelas seguintes disciplinas: Psicologia Educacional, Biologia e Higiene, História da Civilização, particularmente dos métodos e processos da educação, Metodologia e Prática Profissional.

A formação do professor foi um dos pontos fundamentais na renovação do ensino mineiro, visto que dirigiu a sua atenção para o aperfeiçoamento do professor, programou cursos, conferências e até instituiu, partir do Decreto nº 7.970/1927, no Regulamento do Ensino Primário, o dia da leitura⁴⁶, bem como a edição da Revista do Ensino⁴⁷. Essa experiência pode ser comprovada a partir do Livro de Atas de reuniões de professoras primárias, do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão de Uberlândia-MG.

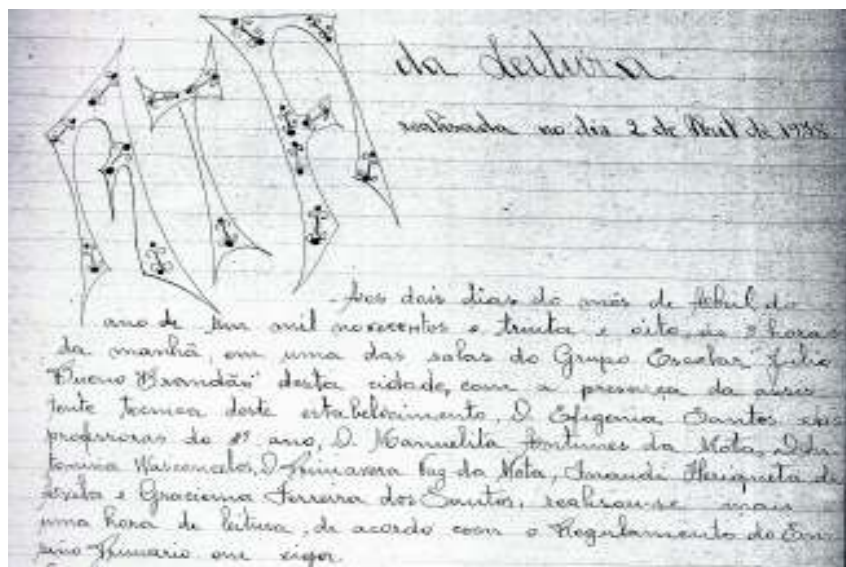


Figura 5: 1º § da Ata de Reunião de 02 de abril de 1938.
Fonte: Doc. da Secretaria do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão.

Em 1929, o governo criou a Escola de Aperfeiçoamento⁴⁸, implantou um curso pós-normal para a formação de docentes para o Curso Normal e de especialistas na área do ensino. O objetivo era habilitar os professores para levar à frente as ideias propostas e colocar em prática o que estava previsto nos regulamentos e nos programas de ensino. Nessa direção, Francisco Campos trouxe para o Brasil os pedagogos europeus⁴⁹. A professora Freitas em seu

⁴⁶ Que se constituiu de duas horas semanais, nas quintas-feiras, destinadas à leitura na biblioteca ou reuniões com as assistentes técnicas ou inspetores, com finalidade de atualização. Conforme Art. 437 § 11 do Regulamento do Ensino Primário: observar o dia de leitura, às quintas feiras, reunindo-se na biblioteca do grupo ou na sala que for designada, dedicando, no mínimo duas horas, a leituras, particularmente relativas a *método* de ensino, e outras matérias indispensáveis à cultura magisterial (p. 1260).

⁴⁷ Destinada a publicações referentes à educação e à instrução primária no Estado, no País e no estrangeiro, conforme art. 99 do Decreto/ nº 7.970/1927.

⁴⁸ A Escola de Aperfeiçoamento constitui-se num laboratório de pesquisas e experimentação na área de metodologia do ensino, e num importante centro de irradiação dos novos métodos (PEIXOTO, 2003, p. 95).

⁴⁹ Theodore Simón - médico professor em Paris, Jeanne Milde - professora em Bruxelas da academia de Belas Artes, Leon Walter, Artur Perelet e Helena Antipoff (assistente de Claparède) os três últimos foram do Instituto

depoimento se recordou desse fato, que revela bem a intenção da política educacional da época.

Estou me recordando de que Claparède veio ao Brasil com Helena Antipoff. Ela ensinava psicologia. [...] Dona Helena Antipoff foi muito bem recebida em Belo Horizonte pelo Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, governador de Minas Gerais, na época. Ela fundou a escola modelo e começou os cursos. [...] Ela veio dar ao Brasil o que o Brasil estava precisando e ela deu. Ela morreu com 82 anos, em 1975 ou 1976. Estudei com ela em 1948 (2008, p.147-148).

De acordo com Peixoto (2003) com o objetivo de preparar e aperfeiçoar técnica e cientificamente os candidatos do magistério normal e as diretoras dos grupos escolares, o governo também enviou um grupo de professores aos Estados Unidos. Segundo a autora, a reforma foi uma ação para modernizar, mas se mostrou conservadora.

As ideias da Escola Nova encerravam um potencial libertador, quando insistia no conhecimento da criança e num ensino adequado as suas necessidades, mas na medida em que condicionava a expansão da escola, à qualidade e a uma questão de método, contribuía para dissimular as causas da marginalização e as discriminações determinadas pela ordem social e econômica. Quando enfatizou a inserção do indivíduo ao meio e o ensino sob medida, adaptado às necessidades biopsicológicas e cientificamente aferidas por testes, afastou as possibilidades de crítica à ordem social e justificou a exclusão. Por consequência, a Escola Nova não colocou em risco o avanço da ordem burguesa.

No entanto, as reformas deixaram marcas na educação, provocaram um estímulo na busca de novos caminhos no processo de aprendizagem, valorizaram a arte e o brinquedo na escola, especialmente, para o ensino primário e concorreram para o surgimento de pesquisas na área. Podemos afirmar que determinaram o início da especialização e a abordagem da educação como problema de natureza técnica no ensino e influenciaram na formação dos professores e dos profissionais da área. Tendência que foi reforçada em 1930 e que dominou até 1960. Para Peixoto (2003), o movimento renovador mineiro, apesar do caráter autoritário e burocrático, considerou aspectos que ainda constituem um desafio, tais como o acesso a oportunidades de participação, o ingresso na força de trabalho e a insuficiência de vagas.

Jean-Jacques Rousseau de Genebra. Fizeram adaptação de testes de inteligência e ministraram cursos de Psicologia aplicada à aprendizagem (PEIXOTO, 2003).

A partir de 1931, os órgãos de administração ampliaram a fiscalização sobre as escolas e as unidades de ensino passaram a contar com os serviços das professoras de educação física, de desenho, de trabalhos manuais e com os serviços dos inspetores escolares e da professora-técnica, encarregada da orientação pedagógica.

Os inspetores e as professoras técnicas traziam os programas. [...] De vez em quando a gente recebia a visita do inspetor. “Ele inspecionava o diário, assistia às nossas aulas, fazia relatórios e passava para a diretora” (PEREIRA, 2008, p.149). [...] A nossa orientadora, [professora técnica] Maria Aparecida Lomônaco, de vez em quando, entrava na sala e conversava com os alunos. Ela sentia que os alunos estavam sendo bem preparados, que não iam perder o ano. Ela observava que a classe estava homogênea na aprendizagem. Ela me elogiava. Ela percebia que eu cumpria com as orientações, que eu não perdia tempo. Eu gostava dela e de receber elogios dela. Ela fez o curso em Belo Horizonte (FREITAS, 2008, p 142).

Segundo o depoimento da professora Freitas, a professora-técnica, fiscalizava o ensino e a aprendizagem dos alunos, observando preceitos exigidos, como a homogeneidade na aprendizagem. E assim foi se configurando na escola uma estrutura hierarquizada na figura do técnico. Segundo Peixoto:

orientadas pelas idéias do taylorismo, em ascensão no País, naquele momento, tais mudanças conduzem a um processo de modernização marcado pela necessidade de se prever e controlar todos os aspectos relacionados à dinâmica do trabalho escolar (2000, p. 92).

Nessa direção, houve uma intensa movimentação para executar a reforma Francisco Campos. Mas os seus efeitos na prática foram limitados e indicou um retrocesso em relação ao período anterior, mediante medidas que diminuíram a oferta de vagas. O ensino de escolas rurais, urbanas e noturnas foi suspenso, com as justificativas baseadas na falta de frequência, na deficiência de matrículas, na falta de prédios e no corte de verbas para o ensino. Os salários dos professores foram reduzidos e grupos escolares e escolas rurais foram extintos, conforme o Decreto nº 9.892, de 03/1931. Esta tendência de corte nas despesas com o ensino se manteve durante esse período.

Em 1934 publicações decorrentes de convênio firmado entre a União e os Estados, para uniformização das estatísticas educacionais e melhor conhecimento da situação real do ensino no país, mostram que, em Minas Gerais, o número de unidades escolares de ensino primário baixou de 5.173 em 1930 para 2.430 em 1932. Sendo que no mesmo período, o número de alunos matriculados reduziu-se significativamente. De 451.766 alunos matriculados no ensino primário em 1930, passamos a ter 272.027 alunos (CUNHA apud PEIXOTO, 2000, p.90).

A partir de 1937, com as reformas, o Estado assumiu o controle, antes realizado por entidades da sociedade civil. Em nome da técnica, da eficiência e da eficácia impôs um Estado que passou a dirigir todos os setores. Nesse sentido, Peixoto (2000) declarou que a escola em Minas em conformidade ao que foi imposto pelo regime autoritário também, evidenciou-se por seu caráter burocrático e controlador.

Com o golpe de 1937, a tendência liberal foi substituída pelo autoritarismo e a educação novamente foi chamada para contribuir na legitimação desse novo regime, tornando-se instrumento de difusão ideológica. Como um elemento de fortalecimento dos laços da união nacional, a escola desenvolveu um intenso programa de educação cívica, com auditórios, cultos aos símbolos da pátria e aos grandes homens. O que pudemos comprovar na narrativa da professora, quando relatou sobre as suas práticas de educação cívica:

Houve um período que nós recebemos uma ordem de Belo Horizonte para hastearmos a bandeira toda semana. Dona Lourdes de Carvalho, a diretora, distribuía cópias do Hino Nacional e nas capas dos cadernos também tinha a letra do Hino. Eu ensinava quem escreveu o Hino Nacional, por que escreveu e quando escreveu. Explicava que o Brasil precisava ficar independente e devia ter o seu próprio hino. As crianças sentiam a beleza da letra do Hino. Eles procuravam os adjetivos no dicionário. Para ouvirem o Hino ficavam de pé e colocavam a mão no coração. Eu ficava empolgada, ensinava de coração o Hino Nacional. Para os alunos que tinham mais dificuldades, eu ensinava sob forma de competição, para estimulá-los a aprenderem. Ensinava também o Hino da Bandeira. Eu fazia os alunos copiarem os Hinos e depois analisava junto com eles. Nós estudávamos os significados dos adjetivos (FREITAS, 2008, p.143).

Segundo a narrativa da professora Freitas, a ordem recebida de Belo Horizonte foi a instrução de nº 16, publicada no jornal Minas Gerais de 4 de setembro de 1942, dada pelo chefe do departamento de Educação, Eliseu Laborne. Durante o Estado Novo, de 1937 a 1945, o governo não se preocupou muito com a divulgação de um ideário pedagógico e se

omitiu na criação de escolas, mas deu ênfase no combate ao comunismo, levantou a bandeira do nacionalismo e do trabalhismo, esteios em que se apoiou, mas não deixou de se manter atento aos acontecimentos escolares e ao seu potencial regenerador, civilizador e moralizador.

O que foi constatado mediante a instrução nº 13 do Departamento de Educação, publicada no jornal Minas Gerais de 21 de Janeiro de 1942, que versava sobre a matrícula nos estabelecimentos de ensino primário e organizações de classes no § 20 “A preocupação do professor deve ser a de transformar o aluno que se apresenta em situação inferior à média em um elemento útil à coletividade, o que só conseguirá fazendo ressaltar os valores que ele possui, ainda que em grau abaixo do normal” (MINAS GERAIS, 1942).

A professora Freitas, quando atuou na época, apropriou-se bem dessa instrução do Senhor Eliseu Laborne:

... A escola era a coisa mais importante que tinha. Porque a criança estava crescendo e aprendendo para viver melhor; se não soubesse ler e escrever se não tivesse ambiente e se não tivesse recursos, ela não poderia progredir. Uberlândia estava crescendo muito e precisava de gente para dominá-la em todas as atividades, não só nos empregos que iam ocupar.[...] Eu não tive um aluno que ficasse para traz. Os mais pobres, eu levava para casa para aprenderem as mínimas coisas que não sabiam, para se igualarem aos outros. (FREITAS, 2008, p.146 -147).

Após 1945, com a mudança de regime, foram promulgados os Decreto/lei de nº 8.529, de 02 de janeiro de 1946 da Lei Orgânica do Ensino Primário e o Decreto/lei de nº 8530 da Lei Orgânica do Ensino Normal, cuja finalidade expressava, em seu artigo 1º, formar professores para as escolas primárias, habilitar administradores escolares para estas escolas e desenvolver e propagar conhecimentos e técnicas sobre a educação da infância. De acordo com o seu artigo 2º, o ensino normal seria organizado em dois ciclos. O primeiro destinado às regentes de ensino primário, seria de quatro anos e o segundo ciclo, destinado à formação de professores primários, seria de três anos. O mesmo decreto estabeleceu também as diretrizes gerais necessárias para o funcionamento das escolas normais, os princípios e as normas vinculadas aos métodos, aos conteúdos e aos estudos e processos didáticos.

Para Santos (2008), as Leis Orgânicas do Ensino normal e primário consolidaram o modelo nacionalista de formação de professores, elaborado na gestão do Ministro Gustavo Capanema, conservando sua base no modelo nacionalista. Com a nova Constituição de 1946,

definiu-se, como competência da União, fixar as diretrizes e as bases da educação nacional, trazendo, no artigo de nº 166, que a educação é um direito de todos e deveria se inspirar nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana e no artigo nº 168 os princípios da obrigatoriedade e da gratuidade do ensino primário.

De acordo com Romanelli (2001), os princípios liberais da Constituição de 1946 que asseguravam direitos e garantias individuais, estavam impregnados de um espírito democrático e foram inspirados nos princípios proclamados na década de 1930, pelos renovadores da educação. No entanto, só foram vislumbrados na década de 1950, com as discussões em torno da Lei de Diretrizes e bases da educação Nacional, promulgada somente em 1961.

Sem contrariar a regra e seguindo os passos do Estado, o município de Uberlândia também sonhou e lutou para civilizar, moralizar e higienizar o seu povo para conquistar a ordem, o progresso e consolidar o regime republicano.

1.4. A ESCOLA NORMAL EM UBERLÂNDIA

Uberlândia nasce consagrada como uma cidade destinada ao progresso e para realizar este ideal, mediante um discurso de grupos sociais dominantes, buscou-se de forma veemente uma imagem de modernidade, de civilidade, de ordem e de progresso.

Sua história de organização como um povoado começou em meados do século XIX, por volta de 1820, com a concessão de sesmarias⁵⁰, quando várias famílias, do oeste e sul de minas, começaram a se deslocar para o Triângulo Mineiro, o Sertão da Farinha Podre. Entre essas famílias se destacaram as de Felisberto Alves Carrejo, Francisco Alves Carrejo, Luiz Alves Carrejo e Antonio Alves Carrejo que, ao adquirirem terras devolutas, tornaram-se proprietários das fazendas Olhos d'água, Laje, Maribondos e Tenda, denominado o povoado dos "Carrejos". A professora Carrejo recordou-se deste fato e nos contou que:

⁵⁰ Sesmaria, segundo o dicionário Aurélio é um Lote de terra inculto ou abandonado, que os reis de Portugal cediam a sesmeiros que se dispusessem a cultivá-lo. Antiga medida agrária, ainda hoje usada no RS, para áreas de campo de criação. [Havia a sesmaria do campo (que perdura) e a sesmaria do mato. A légua de sesmaria tem 3.000 braças, ou 6.600 metros. (FERREIRA, A B H, Dicionário da Língua Portuguesa. 3ª edição. Editora Positivo, 2004).

Felisberto Carrejo foi um dos primeiros moradores, da Fazenda da Tenda. Naquela época, dom Pedro dava terra pra quem quisesse, mas tinha que produzir. A gente fazia o documento da terra, mandava para Uberaba ou para o Rio de Janeiro e depois recebia a escritura que se chamava Sesmaria. Felisberto Carrejo, foi o primeiro professor e Juiz de Uberlândia. Ele fez uma tenda em sua casa, por isso o nome Fazenda da Tenda. Quando já tinha certo número de habitantes e crianças, ele começou a dar aula. Viajava para Uberaba comprava papel, costurava estes papéis a mão e fazia os cadernos para as crianças (CARRIJO, 2008, p.152).

Em vista disso, Felisberto Alves Carrejo inaugurou o processo de escolarização no município, quando instalou, em 1835, em sua própria residência, na fazenda da Tenda, na época o Povoado dos Carrejos, a primeira escola primária de alfabetização e uma capelinha, “foram os primeiros lampejos de uma civilização nascente” (ARANTES, 2003, p.67). E vinte cinco anos após a primeira escola primária de alfabetização, em 1860, foi instalada a primeira escola provincial no distrito São Pedro de Uberabinha.



Figura 6: Arraial de São Pedro de Uberabinha – século XIX
Fonte: Catálogo da amostra “Nossas Raízes: sua história começa aqui – 2000/2005”
PMU/Museu Municipal de Uberlândia.

Por volta de 1852, de acordo com Teixeira (1970), o Dr. José Lopes da Silva Viana, Vice Presidente de Minas Gerais, assinou a Lei nº 602, de 21 de maio, criou o Distrito da Paz

no lugar denominado São Pedro de Uberabinha. Em sete de junho de 1888 foi elevada à categoria de Vila de São Pedro de Uberabinha, e pouco mais de dois meses emancipou-se, a partir da Lei nº 4.643 de 31 de agosto de 1888 e elevando-se à categoria de cidade pela Lei de nº 23 de 24 de maio de 1892.

Nessa época, de acordo com Arantes (1938, p.39), a área da cidade era calculada em torno de 1.100 quilômetros quadrados e a sua população girava em torno de 5.000 habitantes.

O Arraial de Nossa Senhora do Carmo de São Sebastião da Barra do qual originou Uberlândia, ficava à beira de um caminho. Veio a onda do Progresso, numa fúria implacável e transformou o cenário primitivo do povoado no belíssimo painel, retratando a formosa Uberlândia de agora (ARANTES, 1957, p.41).

Em 1929, o município passou a chamar Uberlândia, por determinação da lei 1.128. Este nome foi formado pela junção de dois radicais: uber (latim) que significa fértil e land (germânico) que significa terra, cujo significado se traduz em terra fértil. Geograficamente, Uberlândia se localizava na porção ocidental do estado de Minas Gerais, área de entroncamento sul/sudeste do país. Seus recursos naturais: água, clima, solo, topografia e seus habitantes, um povo civilizado, hospitaleiro, de boa índole, disciplinado e trabalhador foram considerados fatores determinantes de desenvolvimento e progresso.

De acordo com Dantas “grande parte dos habitantes da cidade desenvolveu um sentimento bastante ufanista como espécie de marca identitária [que] nasceu com a cidade” (2001, p.8). Sonhavam, pois, transformar o município em uma grande, progressista e eminente cidade. Com a criação da estrada de ferro Mogiana, em 1895, o telégrafo em 1899, o cine teatro São Pedro em 1909, a empresa telefônica e o sistema de água potável em 1910 e a Companhia Mineira Auto Viação Intermunicipal em 1912, a cidade passou por um processo de melhorias e urbanização acelerada.

Para construir, desenvolver, organizar, civilizar e higienizar a cidade, inúmeras medidas foram tomadas. Como, por exemplo, a publicação oficial do Código de Posturas no início do século XX, em 1903. Para Rodrigues (1993), foi um processo de disciplinarização e de ordenamento, montado com papéis sociais bem definidos e distribuídos. Os políticos traçariam os projetos, a polícia garantiria o cumprimento desses projetos e à imprensa caberia o papel de difundir as ideias, de ordem, de civilidade, de modernidade e de trabalho.

Tais ações revelaram uma concepção de progresso vinculada a atividades que iriam controlar os hábitos, os costumes, a moral, as práticas e os comportamentos, ou seja, o cotidiano dos sujeitos, pois a presença de mendigos, crianças vadias e animais circulando na cidade incomodavam. As imagens não combinavam com o caráter grandioso da cidade e nem com o modelo de cidade ideal a ser implantada. Sempre comparada a São Paulo, ao Rio de Janeiro e a Paris, a capital da modernidade.



Figura nº 7: Uberlândia, vista aérea dos anos de 1940.
Fonte: Arquivo Público Municipal.

Portanto, era importante estar em sintonia com essas grandes cidades e cuidar da urbanização, da arquitetura, do comércio, da industrialização, da higiene pública, da cultura e do lazer. Quanto à cultura e ao lazer, a professora Antonialli, em seu depoimento, quando se manifestou sobre o seu relacionamento com as colegas professoras, revelou-nos que em Uberlândia se praticava ‘o *footing*’, expressão utilizada para explicar que o trânsito, nos finais de semana, na avenida Afonso Pena era fechado, para as pessoas passearem.

O meu relacionamento com as colegas era ótimo, sentia bem com todas. Eu era muito alegre e expansiva. Todas brincavam muito comigo. Eu tinha um relacionamento excelente. Elas faziam questão de levar-me para sala. Às vezes comunico-me com a professora Célia Cunha por telefone. Hoje ela reside em Belo Horizonte. Eu tenho uma foto tirada na saída da escola. Maria Guilhermina Guimarães já falecida, também está na foto. [...] A vida da gente era aquilo. Saímos aos domingos para assistir a sessão das seis no Cine Uberlândia. Era um desfile de modas. Todos chegavam à janela para ver as moças passarem (ANTONIALLI, 2008, p.159-160).

A partir de sua fala e da fotografia abaixo, pudemos constatar que na cidade se praticava ‘o *footing*’. Na fotografia, da esquerda para a direita, as professoras Antonialli, Cunha e Guimarães, foram fotografadas em 1946, quando passeavam pela avenida Afonso Pena. A imagem revela um estilo de vestir, calçar e pentear próprio da época. Demonstra também o modo de pensar, ser e agir das professoras; são fragmentos de um passado histórico cultural, onde essas professoras estavam inseridas.



Figura 8: As professoras Antonialli, Cunha e Guimarães.
Fonte: Arquivo pessoal da professora Antonialli - 1946.

Enfim, esta

cidade imaginada se concretizou e prossegue se aperfeiçoando. [...] As transformações se acentuaram e a realização de um sonho parecia se aproximar. Semeada a semente na “terra fértil”, esta se encarregou de frutificá-la, uma vez que a cidade se tornou principal centro regional. [...] e o ideal de progresso persiste (DANTAS, 2001, p.68 e 158).

Este sonho também foi o sonho brasileiro, que acreditou e ainda acredita na construção da cidade e do cidadão, segundo os princípios da ordem, do progresso, da civilidade, da moralidade e da modernidade.

Quanto ao processo de escolarização no município de Uberlândia, no final do século XIX e início do século XX, ele coincidiu com o seu processo de organização política, econômica e cultural e com os movimentos que estavam ocorrendo em Minas Gerais e no Brasil. O cenário educacional nacional e regional incidia sobre o contexto local, em especial no período do Estado Novo, com as suas idéias de ordem, de progresso, de civismo, de moral de higiene e de disciplina. Suas proposições estavam intimamente conectadas à visão de uma “escola produzida como a instituição capaz, não apenas de instruir e educar a infância e a juventude, mas de produzir um país ordeiro, progressista e civilizado” (FARIA FILHO, 2002, p.24).

Nessa direção, as professoras primárias seriam as protagonistas na construção desse ideal e para dar continuidade aos anseios do governo e da população de Uberabinha como uma estratégia de desenvolvimento material, intelectual e moral. Em maio de 1911, o Presidente do Estado de Minas Gerais, Dr. Júlio Bueno Brandão, prometeu destinar verbas para a construção do primeiro Grupo escolar do município (GATTI & FILHO, 2004). O Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, o qual será objeto de nosso estudo no segundo capítulo.

Araujo (2008), em seus estudos, revelou que, com a intenção de investir na educação pública para conquistar tão almejado desenvolvimento, foi criada, em 1924, e equiparada em 1926, junto ao *Ginásio de Uberabinha*,⁵¹ a Escola Normal de Uberlândia, pelo coronel Antônio Silveira, diretor do ginásio, segundo nos indicou o ofício enviado à Câmara

⁵¹ Instituição privada que iniciou suas atividades em 1912 sob a direção de Antonio Luiz da Silveira e que oferecia nesse período a instrução primária e Secundária, em regime de internato, Semi-internato e Externato para ambos os sexos, apesar de ser uma instituição privada contou com a liberação de recursos financeiros do poder público municipal para a Escola Normal anexa ao Gymnásio de Uberabinha (SANTOS, 2008. p.30).

Municipal “... vou criar, neste Gymnasio, a Escola Normal, equiparada, e, bem assim, o Instituto Commercial. Da equiparação da primeira, tenho, sr. Presidente da Câmara, promessa formal do Exmo Sr. Presidente do Estado” (Ata da Câmara Municipal de Uberabinha de 21 de Novembro de 1924).

Assim, o Ensino Normal surgiu impulsionado pelo desenvolvimento do ensino primário, uma vez que era preciso formar o profissional docente que pudesse, no exercício de sua atividade em sala de aula, contribuir para a construção desse ideal de formar o cidadão, segundo os princípios da ordem, do progresso, da civilidade e da modernidade. Os dirigentes Uberabienses começaram a investir, concretamente, na formação do professor. O que se evidenciou a partir da criação do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão e pela abertura da Escola Normal de Uberlândia, os quais se constituíram como grandes símbolos de civilização e progresso da época.

O Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão e a Escola Normal de Uberlândia, juntos funcionariam em sintonia para contribuir largamente com o processo de escolarização do município e com os objetivos propostos para a época de concepções de ordem, de progresso e civilidade, vinculados ao educar e instruir. Nessa perspectiva, a escola seria o principal instrumento disseminador desses ideais.



Figura 9: Instituto Brasil Central/Escola Normal de Uberlândia/MG -1941.
Fonte: Rev. Uberlândia Ilustrada, nº10, 1941 p. 21.Arquivo pessoal professora Carrijo.

Observamos que os prédios do Grupo Escolar e da Escola Normal também surgiram como elementos materiais específicos de que os dirigentes lançaram mão para mostrar ostentação, poder e força, como um aparato visível do progresso de Uberlândia, além de demonstraram, a partir de sua arquitetura, que a educação seria o eixo condutor da ordem, do progresso e da civilidade.

Para Santos (2008), as escolas normais representaram um marco difusor da educação republicana, constituíram em um dos maiores símbolos educacionais e representantes do espírito da modernidade. Desse modo, seria o lugar de formação, onde as professoras receberiam orientações relacionadas aos novos métodos de ensino, ao desenvolvimento de um sentimento de amor à pátria, de nacionalidade e de condutas disciplinadoras para se tornarem fiéis colaboradoras na consolidação do Estado republicano.

A Escola Normal de Uberlândia favoreceu para que as jovens do município e da região, ao concluírem o ensino primário, pudessem continuar seus estudos e não precisassem mudar-se para outras cidades. Este foi o caso de uma das professoras entrevistadas por nós. A professora Freitas, que é natural de Ituiutaba/MG e veio para Uberlândia/MG para estudar nessa escola.

Em 1930 eu estudei no Grupo Escolar João Pinheiro de Ituiutaba⁵². Era o único grupo escolar da cidade. [...] Eu fiz o curso Normal, na Escola Normal de Uberlândia Professor José Inácio de Sousa. Formei-me em 1937. Eu era aluna interna, muito nova, só tinha 11 anos, já estava no 3º normal (2008, p.139).

De acordo com Araujo, a Escola Normal de Uberlândia trouxe grandes vantagens econômicas para a nossa região. Fortaleceu o ensino primário, transformou-se em um acontecimento de ordem instrutiva importante. Por isso a sua consolidação mediante a equiparação⁵³, foi tratada como “uma cruzada civilizadora” (2008, p.336).

⁵² O Grupo Escolar João Pinheiro de Ituiutaba foi criado em 22/12/1908 e instalado em 21/01/1910.

⁵³ Logo que a Escola Normal de Uberlândia foi criada em 1924, iniciou-se uma longa batalha na Câmara Municipal e pela imprensa para que fosse equiparada aos estabelecimentos oficiais congêneres. O que ocorreu a partir do Decreto 7349, em 1925. A sua equiparação foi comemorada como uma independência intelectual e cultural, considerada uma grande conquista para a cidade e para a região (ARAÚJO, 2008, p. 232-239).

Quanto à formação das professoras, a grande influência foi a valorização e a inserção, nos currículos dos cursos normais, das ciências que iriam auxiliar na produção de novas concepções educacionais. Verificamos, pelos depoimentos, que todas as nossas entrevistadas cursaram o Normal nessa escola. De acordo com o depoimento da professora Freitas.

O programa não era rígido. Lembro-me de que a gente ia aprendendo. Os professores davam a matéria que era ensinada na escola primária. [...] As aulas de psicologia eram sobre a formação da criança nas diversas idades. Lembro que recomendavam para ter muita paciência, porque nem todas as crianças eram iguais. Recomendavam para não dar aula de modo geral. Falavam muito que cada criança reagia de modo diferente, por isso devíamos ter muita paciência. Não devíamos dar castigos rigorosos, severos, para não afastar a criança da escola, pois tinha poucas crianças. Devíamos respeitar muito a criança, ter muita paciência, para ir arrebanhando cada vez mais. Também era recomendado para dar a parte lúdica. Eu gostava muito de dar brinquedos e levar os alunos para o pátio. Na aula de metodologia de ensino os professores falavam sobre o respeito e a formação de hábitos, de atitudes e de habilidades. Eu era muito nova. Eles orientavam muito para respeitar bastante a criança. Mas nós deveríamos também, exigir e fiscalizar os objetos escolares (2008, p.140).

A professora Pereira (2008) concluiu em 1933 e declarou que gostava mais das aulas de moral e cívica. A professora Antonialli concluiu em 1946 e declarou: “No magistério eu gostava de metodologia e psicologia, porque eram matérias que me preparavam para o magistério e que me levaram a boas leituras” (2008, p.157). Quanto à professora Carrijo (2008), concluiu o curso Normal em 1954. Observando o seu certificado, pudemos conferir as disciplinas estudadas pela professora. Conferimos a presença da biologia, da psicologia e da sociologia, disciplinas vinculadas à proposta da pedagogia nova. Observamos também as disciplinas de higiene e educação sanitária que certamente conectadas aos princípios do higienismo e a disciplina de canto e música, para despertar e desenvolver o civismo.

Escola Normal anexa ao Colégio "Brasil Central"

Curso de Formação de Professores, Divisão do curso *Letras - Série*

Relação dos estudos feitos e promoção da diplomação - *Lueta Carrijo*

DISCIPLINAS	NOTAS	SERIES	Observações
Português	sessenta e cinco	3ª	esta última
Psicologia Educacional	noventa e sete	3ª	matriculou-se no 2º
Metodologia Ensino Primário	setenta e cinco	3ª	após o curso formou-se
Geografia	noventa e sete	3ª	de topografia e trigonometria
Especialização Educacional	noventa e dois	3ª	em 1º de dezembro
História da Educação	noventa e um	3ª	lei nº 1873, de 28 de
Desenho e Artes Aplicadas	noventa e dois	3ª	fevereiro de 1946, art. 1º
Matemática e Física	noventa e dois	3ª	
Educação Física	oitenta	3ª	
Tratado de Desenho	setenta	3ª	
Biologia Educacional	noventa e um	2ª	
Biologia e Educação Vegetal	noventa e um	2ª	
Matemática	setenta e oito	1ª	
Física e Química	sessenta e oito	1ª	
Geometria e Física da Terra	setenta e um	1ª	
Módulo de conjuntos	oitenta e quatro		

Lancada em 7 de dezembro de 1946

A Diretora
Maria da Glória Sousa

Figura 10: Certificado da professora Carrijo - 1954.
Fonte: Arquivo pessoal da professora Carrijo.

As professoras, para realizarem a missão proposta de instruir e educar para civilizar, moralizar e higienizar, deveriam se formar e dominar conhecimentos úteis e práticos, embutidos nessas disciplinas para difundir e incutir uma nova atitude perante a vida cotidiana. O importante era despertar e desenvolver não só em si, mas também em seus alunos pensamentos e sentimentos republicanos. Para isso foram constituídos os grupos escolares como lugar de educação republicana.

CAPÍTULO 2



Figura 11: Alunos do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão - 1930 .⁵⁴
Fonte: Arquivo Público Municipal.

O GRUPO ESCOLAR COMO LUGAR DE EDUCAÇÃO REPUBLICANA

A escola primária no Brasil até 1890 ocorria em qualquer lugar. Podia acontecer em uma igreja ou em um espaço improvisado da casa do professor. No entanto, com o advento da República, o espaço improvisado saiu de cena, para se transformar em um espaço legítimo; *no lugar* onde pudesse acontecer a formação do novo homem (DURÃES, 2009).

⁵⁴ Essa fotografia nos mostra o momento em que os alunos estão saindo de forma dispersa e tranquila do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão em 1930. A imagem revela que as crianças não estão uniformizadas e suas vestes são aparentemente, simples.

Nessa perspectiva, o grupo escolar surgiu, configurou-se como *o lugar* por onde iria se processar a educação republicana e se caracterizou como a expressão de um movimento histórico-educacional brasileiro em favor da escola pública, que teve início no período imperial e se disseminou, de maneira mais efetiva, após a proclamação da República, em 1889.

A criação de um lugar próprio, a construção de um prédio para a escola, significou a conquista de uma identidade que, “Em certo sentido, o grupo escolar pela sua arquitetura, sua organização e suas finalidades aliavam-se às grandes forças míticas que compunham o imaginário social naquele período, isto é, a crença no progresso, na ciência e na civilização” (SOUZA, 1998, p.91).

De acordo com Araujo (2006), os grupos escolares foram concebidos a partir de um processo de escolarização que procurou produzir para a educação escolar princípios de uma racionalidade e de uma uniformização do ensino que envolvia o professor e o aluno, mediante um processo pedagógico, no qual o método de ensino utilizado seria o simultâneo⁵⁵, em substituição ao ensino mútuo⁵⁶; deu ênfase na faculdade de intuir⁵⁷, como uma faculdade capaz de mostrar a direção metodológica para o ensino e a aprendizagem; com um trabalho de inspeção em seu papel fiscalizador e com uma organização do espaço de modo diferenciado, mediante a construção de edifícios que pudessem ser identificados como “palácios” (Faria Filho, 1996).

Na Ata de Reunião do Grupo escolar Júlio Bueno Brandão, de 1941, lavrada pela professora Pereira, nós observamos a presença e a permanência de alguns desses elementos, como a questão do método, a concepção de aprendizagem, a sua aplicação em um tempo determinado e a presença da professora assistente técnica, em seu papel orientador e fiscalizador.

⁵⁵ Ensino simultâneo faz parte do Método Simultâneo que, Segundo Mourão (1959), “[...] no ensino simultâneo, a classe é dividida em grupos ou divisões e estas vêm completas para ler; todos aproveitam; quando uma divisão não está lendo, está fazendo outra coisa com os seus decuriões ou primeiros de mesa; são fáceis as comparações e há emulação para os primeiros lugares” (p.19). De acordo com Faria Filho (2000), a introdução desse método aconteceu mediante a produção de materiais didáticos e pedagógicos, por exemplo, livros, cadernos, quadro-negro e outros (p.142).

⁵⁶ O método mútuo ou lancasteriano consistia na utilização que o professor fazia de monitores. O professor indicava os *mais fortes* e incumbia-os de dirigir exercícios, recompensar e punir os *mais fracos* (MOURÃO, 1959).

⁵⁷ Com ênfase dada ao método de ensino intuitivo. Intuir nessa perspectiva é pensar mediante a percepção sensível e material, sob a presença das coisas e dos objetos (TEIVE, 2008).

Ata

da leitura do dia 22 de Fevereiro de 1941.

Às 22 dias do mês de Fevereiro de 1941, às 8,30 horas, em uma das salas do Grupo Escolar "Bueno Brandão", realizou-se mais uma das reuniões regulamentares, para as professoras de 1º e 2º anos, sob a presidência da Presidente do Instituto Tecnico, D. Maria Epigenia Santos Silva.

Presentes as professoras Julieta Rezende, Graciana Ferreira do Santos e sua substituta, Maria Albrete, Eduardina Rezende Barros, Luiza Mota, Gracinda Mota, Manoelita Mota e Edith Costa Pereira, começou a senhora tecnica uma palestra, insistindo sobretudo sobre a disciplina nas classes, que deverá ser imposta desde o 1º mês de aula, para maior proveito. Explicou também a vantagem de estabelecer um horario para todas as classes, assim por exemplo, as professoras de 1º e 2º anos farão no primeiro dia do mês o programa para todo o mês e também um horario, sendo possível no primeiro as aulas de Sinteza e Língua Patria. As crianças nas 1ª aulas se acham mais atentas e descansadas, por isso, depois do recreio deverão ser dadas aulas de desenho, caligrafia, aulas que não dependam de muito esforço mental por se achar a criança cansada.

Leu no a senhora tecnica uma palestra referente ao ensino primario. O ensino deverá fazer do conceito para o abstrato, assim a professora deve observar, antes do ensino de aritmetica se a criança sabe somente contar ou se tem noções concretas dos numeros, ela deve ligar a contagem do numero a objetos. No 1º ano não se deve passar da dezena até que o aluno chegue a ter ideia de centena. A leitura e a escrita devem ser ensinadas juntas, o resultado será melhor e para isso deu nos exemplos de diversos problemas. No principio dar-se a problemas fáceis, os mais complicados serão dados no fim do ano. Mostrar desenhos e escrever no quadro os nomes e quantos foram mostrados, é um meio de obter disciplina, principalmente nas classes repetentes. Os alunos repetentes não são anormais, atribue-se esta falha a uma fase pouco solida e para preenche-la é necessario que se dê exercícios para educar a atenção e motricidade da criança, calculos mentais, exercícios ortopedicos como escrever diversas palavras no quadro depois de manchar uma, mandando o menino abracarem a colega e ao levanta-la dizer qual a que faltou.

A leitura silenciosa e mecanica devem ser dadas alternadamente. As historias são indispensaveis para desenvolvimento da linguagem, forçe além de prenderem a atenção da criança desenvolvem a linguagem. Os alunos em classe devem ter liberdade de se expandirem com a professora e ela terá oportunidade de ir corrigindo sua linguagem. Aconselhou também as professoras fazerem folhetins escolares e listas de anotações para as classes, para maior interesse do aluno.

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a reunião. Para constar, eu, Edith Costa Pereira, designada pela Srma. Diretora, lavrei a presente ata que

Figura 12: Ata de Reunião das Professoras do G. E. Júlio Bueno Brandão de 22/02/1941.
Fonte: Livro de Atas de Reuniões de professoras do arquivo da Secretaria do G. E.

Nessa direção, a instituição dos grupos escolares no Brasil e em Minas Gerais se deu mediante uma nova organização administrativo-pedagógica do ensino primário, a partir da racionalização, uniformização e padronização desse ensino, da divisão do trabalho docente e o

início de sua profissionalização, da classificação dos alunos, da instituição de programas, de exames e da construção de prédios. Com a utilização de novos critérios pedagógicos, arquitetônicos e sociais vinculou-se a diferentes concepções de tempo, espaço e corpo, produziu e reproduziu nas mentes das crianças novos valores e novas condutas sociais, originários do pensamento republicano gerando assim, uma nova cultura escolar.

2.1. OS GRUPOS ESCOLARES NO BRASIL E EM MINAS GERAIS

Os grupos escolares, instituídos no Brasil e em Minas Gerais, resultaram do fortalecimento do pensamento republicano na educação escolar e representaram a ruptura de um modelo educacional oferecido pelo império brasileiro; a implantação de uma nova modalidade escolar; a esperança e a confiança em um futuro melhor, mediante a transformação da sociedade a partir da formação do indivíduo, por meio de uma nova escola. Assim sendo, para Nóbrega, os grupos escolares:

[...] podem ser entendidos, de maneira geral, como as primeiras escolas públicas primárias que no Brasil utilizaram-se de uma forma de organização administrativa, programática, metodológica e espacial baseada nas concepções educacionais de tipo “moderno” – já em uso em algumas escolas particulares à época, como a Escola Americana de São Paulo-, fundadas num ideal de racionalização, pode-se dizer numa economia escolar dominante na Europa e nos EUA na segunda metade do século XIX e início do século XX (NÓBREGA, 2003, p 253).

Nesse sentido, os grupos escolares se converteram em símbolo e funcionaram como divulgadores dos valores republicanos. Ultrapassaram o limite do espaço escolar e provocaram mudanças no pensar, no sentir e no agir para civilizar, moralizar e higienizar.

Os reformadores e renovadores educacionais, com uma proposta de organização e controle pedagógico e administrativo, movimentaram-se rumo à reorganização da própria sociedade, a partir da formação de um novo modelo de homem. Um novo homem que pudesse ser capaz de atender aos anseios de uma nova sociedade e de uma nova economia, que ora se iniciava.

Nesse contexto, Araujo (2006, p.236) declarou que surgiram, em diferentes estados brasileiros, as primeiras experiências de implantação e de institucionalização dos grupos escolares. Em São Paulo (1894), no Maranhão (1903), em Minas Gerais (1906), no Rio Grande do Norte (1908), no Mato Grosso (1908), no Espírito Santo (1908), na Paraíba (1911), em Santa Catarina (1911), em Sergipe (1916) e em Goiás (1918). Segundo o mesmo autor, o grupo escolar foi a expressão de uma política educacional de caráter público, que emergiu com vistas a atender a um projeto republicano.

Nessa direção, em Minas Gerais, ocorreram grandes alterações em relação à educação primária, ocorridas a partir da reforma João Pinheiro de 28 de setembro de 1906, quando se estabeleceram as diretrizes para a escola pública. A partir dessa reforma, João Pinheiro⁵⁸ sancionou a Lei nº 439 que trouxe, como pressupostos, a educação intelectual, moral e física; a gratuidade e a obrigatoriedade e o Regulamento da Instrução Primária e Normal do Estado de Minas Gerais, de 16/12/1906, que dispôs sobre a instalação de educação escolar no Estado e introduziu uma mudança fundamental no ensino e na instrução pública.

O objetivo dessa reforma pode ser observado nessa afirmação contida no regulamento: “Encontrar no espírito público o principal colaborador na obra grandiosa que se propõe a fazer de cada criança em idade escolar um cidadão digno de uma Pátria livre” (MINAS GERAIS, Decreto 1.960/1906, p.8).

Porém, Araujo (2006) apresentou algumas restrições contidas na Lei e no Regulamento, quanto ao desenvolvimento da política educacional, quando se referiu à institucionalização dos grupos escolares, ao priorizar as localidades que pudessem oferecer prédios, terrenos ou dinheiro e, ao estimular a iniciativa privada para colaborar com o Estado na viabilização dessas políticas públicas. Isso demonstrou seu caráter seletivo, em especial, na questão referente à distinção dos alunos pobres pela inteligência, pelo comportamento e pela aplicação.⁵⁹ Esse aspecto foi bem assimilado pelas professoras entrevistadas e motivo de preocupação. A professora Carrijo (2008) relatou que dava mais atenção aos mais pobres, dirigindo-se sempre à carteira deles para orientá-los em suas dificuldades e a professora

⁵⁸ Mineiro de Serro, nascido em 1860 e falecido em 1908, abraçou, com grande convicção, os ideais republicanos. Foi professor da Escola Normal e mais tarde presidente do Estado de Minas Gerais, em 1906 (ARAUJO, 2006).

⁵⁹ “Ecos do ideário eugênico podem ser percebidos nas propostas de organização escolar e de currículo estabelecidas por determinadas políticas públicas” (GUALTIERI, 2008, p.5).

Freitas narrou o seguinte “Eu queria que todos se sentissem iguais. Não queria discrepância” (2008, p.141).

A relação entre os grupos escolares e os ideais republicanos se confirmou nas referências conceituais, manifestadas por Souza acerca da escola primária, sobre as novas intervenções pedagógicas e, ao expressar as novas relações entre educação escolar e a sociedade.

Extraír todo o sentido da escola graduada como templo de civilização requer um olhar atento para as múltiplas dimensões da pedagogia política implementada pelo Estado republicano. A democratização do ensino, a construção da nacionalidade, a formação do cidadão, a educação moral fundada na perspectiva política e social, bem como a estatização da escola e a renovação pedagógica são faces de um mesmo processo político e cultural (1998, p. 284).

Desse modo, os grupos escolares se tornaram os irradiadores dos ideais republicanos, como declarou a mesma autora.

A escola primária republicana instaurou ritos, espetáculos, celebrações. Em nenhuma outra época, a escola primária, no Brasil, mostrara-se tão francamente como expressão de um regime político. De fato, ela passou a celebrar a liturgia política da República; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria (SOUZA, 1998, p. 241).

A participação dos grupos escolares no projeto de consolidação dos ideais republicanos, que ora se efetivava foi notável, pois eles se transformaram em “templos de espetáculos e ritos” (SOUZA, 1998, p. 241) e contou com o apoio das professoras primárias entrevistadas por nós. Confirmamos isso em seus depoimentos, quando atuaram no grupo Escolar Júlio Bueno Brandão.

2.2. O GRUPO ESCOLAR JÚLIO BUENO BRANDÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL UBERLANDENSE

Uberlândia, na época denominada o município de Uberabinha, prosseguindo em sua grande aspiração de progresso e como uma estratégia de desenvolvimento material, intelectual e moral, criou o primeiro Grupo Escolar do município, a partir do Decreto 3200 em 20 de julho de 1911, conforme a lei 439, de 28 de setembro de 1906, sendo instalado em 1º de fevereiro de 1915⁶⁰. Denominado Júlio Bueno Brandão, em homenagem ao presidente do Estado, o prédio do grupo escolar surgiu de maneira suntuosa, para se transformar no lugar e se materializar em um espaço específico e assim atender ao projeto republicano de urbanização das cidades para instruir e educar as crianças.



Figura 13: Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão-1920.
Fonte: Arquivo Público Municipal – Uberlândia/MG.

Sua arquitetura em estilo neoclássico apresentava uma construção onde “o caráter monumental da escola deve distingui-la das outras construções para maravilhar os olhos infantis; [...] constitui o novo templo da ordem republicana” (TOULIER, 1982, p.2). De acordo com Carvalho (2002, p. 62), em sua criação, o Grupo Escolar contava com uma

⁶⁰ Conforme Decreto de criação do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, nº 3200, Uberabinha, 20 de Julho de 1911 (CARVALHO, 2002, p.59).

estrutura de oito cadeiras, um diretor, sete professoras e funcionava em dois turnos. Em 1916 havia 787 alunos matriculados entre 7 a 16 anos. Conforme consta no livro de termos de promoção e atas de exame, o nº. de alunos matriculados em 1930 era de 877; em 1940 de 516 e em 1945 eram 486 alunos⁶¹. Desde então, de acordo com Carvalho:

a sociedade uberabinhense, sob os princípios de progresso e desenvolvimento, proclamados pela elite local, empreenderam esforços para, a cada nova geração, oferecer maiores oportunidades de acesso e de permanência no processo de escolarização (2002, p.47).

Nessa mesma direção, surgiram vários outros estabelecimentos de ensino, o Gymnásio de Uberabinha, em 1912, uma instituição privada dirigida pelo Sr. Antonio Luiz da Silveira. Instituição que passou a ter anexos por volta de 1924, como a Escola de Comércio, a Escola Normal que funcionou sob a direção do Professor José Inácio de Souza e o Liceu de Uberlândia, fundado em 1928. Em 1929 o Gymnásio de Uberabinha foi estadualizado recebendo o nome de Ginásio Mineiro de Uberabinha e ao final de 1929 passou a se chamar Ginásio Mineiro de Uberlândia. Por volta de 1918, nasceu o Colégio Amor às letras, fundado pelo Professor Jerônimo Arantes, que funcionou até 1933. Em 1924, foi criada a Associação Brasil Central de Educação e Cultura (ABRACEC) que funcionou até 1989 (GATTI & FILHO, 2004).

Em 1932, foi criado o segundo Grupo Escolar de Uberlândia, denominado Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa. Nesse mesmo ano, apareceu também o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas. Em 1936 foi instalada a Escola Uberlândia da professora Ruilina Cotta Pacheco⁶². Até 1939 apareceram vários externatos: o Espírito Santo, o Rio Branco, o Nossa Senhora Aparecida, o Nossa Senhora do Carmo, o Nossa Senhora de Lourdes, o Sete de Setembro, o Santa Maria, o Santa Clara, o Santa Inês e o Brasil.

⁶¹ Os dados foram coletados do Livro que se destinava a lavrarem os Termos de promoção, as atas de exames dos alunos do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão ou termos referentes a comemorações e solenidades. Uberlândia 30 de novembro de 1930 p.07 e 98.

⁶² A professora Ruilina Cotta Pacheco era tia da professora Antonialli, que teve a oportunidade de estudar em sua escola. A professora Ruilina Cotta Pacheco também foi professora no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, conforme consta nas Atas de Reuniões.

De acordo com Gatti & Filho (2004), o que prevaleceu no processo de escolarização no município Uberlândia foi um grande crescimento numérico de estabelecimentos de ensino. O que revelaram e confirmaram as figuras abaixo, entre as décadas de 1920 a 1950.

Especificação	N.	Matriculas	Diplomados	Professores	Cadeiras	Classes	OBSERVAÇÕES
Ginásios (comuns)	1	177	20	13	18	11	
" particulares	2	118	—	17	18	15	
Escolas Normais	2	160	40	25	18	18	
Escola de Comércio	1	211	15	14	20	7	
Grupos Escolares	7	1858	98	40	28	29	
Externatos	8	498	80	25	28	27	Curso primário completo.
Cursos anêxos	5	220	60	12	12	15	
Escolas distritais	2	180	—	8	8	7	Singular estadual.
Escolas municipais	18	908	14	84	54	50	
Isoladas	11	300	—	15	10	20	Singular urbana.
	50	3415	371	257	199	221	

Denominação dos estabelecimentos constantes deste quadro:

Ginásios: — Ginásio Mineiro de Uberlândia, «Ginásio Brasil Central» (do Instituto Brasil Central), Ginásio Senhora das Lágrimas (do Colégio Senhora das Lágrimas.)

Escolas Normais: — Escola Normal de Uberlândia (do Instituto Brasil Central) Escola Normal Oficial Senhora das Lágrimas (do mesmo Colégio.)

Escola de Comércio: — Academia de Comércio de Uberlândia.

Grupos Escolares: — Grupo escolar «Bueno Brandão» Grupo escolar «Dr. Duarte Ulhoa».

Cursos anêxos: — Liceu de Uberlândia (anexo à Academia), Grupo escolar «Alonso Arinos» (anexo ao Instituto Brasil Central), Colégio Senhora das Lágrimas (anexo ao Colégio do mesmo nome.)

Escolas Distritais: — Escola Distrital de Santa Maria Escola Distrital de Martinópolis.

Escolas Municipais Rurais: — Rocinha, São Francisco, Tenda, Mareno, Maribondo, Buriti, Salina, Sobradinho, Castanos, Paraiso, Cruzeiro das Pedras, Mata das Dúas, Pontal, Dirisa, Matão, Machados, Lagado, Xapeduba.

Urbanas: São Vicente, «Grupo Municipal Benedito Valsdures».

Externatos: — Externato Rio Branco, Santa Luzia, Senhora de Lourdes, Senhora Aparecida, Senhora do Carmo, Dr. Duarte, Uberlândia, Sete de Setembro, Rui Barbosa.

Figura 14: Quadro Estatístico Escolar de Uberlândia/MG- 1938.

Fonte: Corografia do Município de Uberlândia Jerônimo Arantes.1ª Edição. 1938. p. 55.

ESTATISTICA ESCOLAR	
ENSINO PRIMARIO	
Exercício de 1951, município de Uberlândia (Dados fornecidos pela Agência de Estatística)	
PELO MUNICIPIO	
Unidades escolares:	
Grupos urbanos	4
Grupos rurais	7
Escolas suburbanas	7
Escolas rurais	44
	52
Matrículas:	
Grupos urbanos	1.177
Escolas suburbanas	630
Escolas rurais	1.549
	3.356
Frequência:	
Grupos urbanos	973
Escolas suburbanas	521
Escolas rurais	1.268
	2.762
Professorado:	
Grupos urbanos	44
Escolas suburbanas	18
Escolas rurais	48
	110
PELO ESTADO	
Unidades escolares:	
Grupos urbanos	3
Escolas Distritais	2
	5
Matrícula:	
Grupos urbanos	1.729
Escolas Distritais	150
	1.879
Professorado:	
Grupos urbanos	65
Escolas Distritais	3
	68
PARTICULARES	
Unidades escolares:	
Externatos	0
Cursos anexos	2
	2
Matrícula:	
Externatos	1.271
Cursos anexos	603
	1.874
Professorado:	
Externatos	40
Cursos anexos	10
	50
RESUMO	
Unidades escolares	78
Prof. em exercício	337
Alunos matriculados	7.204

Figura 15: Quadro Estatístico Escolar de Uberlândia/MG - 1951.

Fonte: Uberlândia Ilustrada. nº 15 p. 12, 1952. Arquivo pessoal de Carrijo.

Pudemos observar, a partir dessas figuras em que constam os quadros estatísticos escolares do município de Uberlândia, de 1938 e de 1951, que as unidades escolares municipais prevaleceram sobre as unidades estaduais e as particulares e que, num intervalo de 13 anos, o número de unidades escolares cresceu de 50 para 78, o número de professores de 287 passou para 337 e o número de alunos matriculados de 5215 para 7204.

Os dados demonstraram o anseio da elite cultural em instituir um espírito de civismo e em preparar os jovens para o ideal de progresso, desenvolvimento e modernização do município e revelaram uma preocupação em acabar com o analfabetismo, considerado um obstáculo para a formação do cidadão da República, já que os princípios de ordem, de

progresso, de civismo, de moral e de trabalho deveriam ser fortalecidos mediante a educação escolar.

Nessa direção, o grupo escolar tornou-se o lugar para instruir, educar e oferecer aos alunos e à comunidade atividades culturais, comemorações cívicas e os eventos esportivos, com a intenção de divulgar, incutir e modelar comportamentos sociais, morais e cívicos, esperados de um cidadão republicano.

2.3. LUGAR PARA INSTRUIR, EDUCAR, MORALIZAR E CIVILIZAR

Como parte de uma pedagogia que lhe era própria, iniciou-se, nos grupos escolares uma série de atividades, rituais e celebrações. Para Souza, tais atividades poderiam ser vistas como práticas escolares que simbolizavam e expressavam o “imaginário sóciopolítico da República” (1998, p.241).

Desse modo, novas estratégias⁶³ para instruir e educar foram introduzidas e incorporadas à escola primária, com o objetivo de “desenvolver nos alumnos o instituto social, offerecendo-lhes oportunidades de exercer os sentimentos de sociabilidade, responsabilidade e cooperação” (MINAS GERAIS, Decreto 7.970/1927, p.1200). Como por exemplo, as comemorações, as excursões e as instituições escolares⁶⁴, entendidas como sendo o clube de leitura, os auditórios, o pelotão de saúde, e o pequeno escoteirismo.

As práticas instrutivas⁶⁵ e educativas⁶⁶, nas quais a ciência e os valores cívicos e morais passaram a fazer parte dos conhecimentos mais válidos, relacionados aos ideais de

⁶³ Estratégia, aqui entendida como “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. Estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios” (CERTEAU, 1996, p. 99).

⁶⁴ O termo “instituições escolares” fazia parte do Regulamento do Ensino Primário o Decreto 7.970 de 1927 e foi utilizado para diferenciar das instituições complementares da escola: Associações de Mães, Conselhos escolares, Caixas escolares e Fundo escolar (MINAS GERAIS, Decreto 7.970/1927, p.1200).

⁶⁵ Meio de ter acesso a conhecimentos úteis, práticos e concretos essenciais para instruir. Que de acordo com Herbert Spencer “que conhecimento é importante possuir para orientar-se na vida? [...] Para a direta conservação própria, para a conservação da vida e da saúde o conhecimento mais importante é a ciência. Para a indireta conservação própria, o que se chama ganhar a vida [...] a chave indispensável é a ciência, e para fins da disciplina intelectual, moral e religiosa – estudo mais eficaz é [...] a ciência” (SPENCER, 1983, p. 67).

ordenar, moralizar, civilizar, progredir e higienizar foram fortemente influenciadas pelo movimento da escola nova e pelos princípios da escola ativa, que tinham como uma de suas características a participação dos alunos no processo do ensino e da aprendizagem e fizeram parte das novas estratégias de ensino que foram incorporadas pelos grupos escolares.

Para instruir e educar na república, a professora precisava possuir conhecimentos sobre o que iria ensinar e acima de tudo, ser exemplo e modelo para seus alunos. Exemplo, de amor à Pátria, de moral, de disciplina e de pontualidade. Nessa direção, a professora Freitas parece ter demonstrado bem o seu papel de professora republicana, pois pudemos conferir isso em seu depoimento.

A minha primeira obrigação como professora era a de conhecer o que eu ia ensinar. Eu tomava conhecimento do programa, e não dava, de espécie alguma, motivo para descumprimento de horários. Eu participava de todos os eventos. [...] Os professores deveriam dar exemplos. [...] Ser um bom professor é antes de tudo ter uma formação para trabalhar com alunos dentro de uma escola e numa sociedade em si. Ser professor era ter conhecimentos do que ele ia ensinar, era ser um conhecedor da pedagogia. [...] O professor era uma hombridade, era muito respeitado na sociedade. Ele tinha um papel muito importante, tinha que dar o exemplo. Por ser uma autoridade, podia também ser procurado para dar instruções e conhecimentos. [...] Eu acho que a professora é uma necessidade no país. Ela tem que ser valorizada ao extremo porque vai formar o cidadão da pátria. A professora é uma autoridade na parte política. Ela é uma autoridade, porque vai dar o que o aluno precisa para depois defender a sua Pátria e formar o espírito de tranquilidade (2008, p.145-147).

A professora já demonstrava uma forma própria de pensar, sentir e atuar em seu dia a dia. Esmerava-se na realização das festas de encerramento das aulas e das comemorações. Realizava cerimônias de culto à Pátria, à bandeira, ao hino, aos heróis nacionais, como por exemplo, o dia de Tiradentes e o dia do trabalho, demonstrados neste documento.

⁶⁶ Elas deveriam assegurar o cultivo dos valores morais e cívicos e despertar o sentimento de amor a Pátria.



Figura 16: Programa de comemorações: Dia 21 de abril e dia do Trabalho.

Fonte: Livro de Atas de reuniões das professoras de 1933. Doc. da Secretaria do G. E. Júlio Bueno Brandão.

Com a proclamação da República, os republicanos elegeram Tiradentes como o herói nacional, declarando o dia 21 de abril, o dia de sua morte, feriado nacional. De acordo com Carvalho (1990), o êxito de Tiradentes residia em sua identificação coletiva com a simbologia cristã e a escola republicana trabalhou a figura de Tiradentes como um herói exemplar. Para a professora Freitas ensinar os Hinos significava despertar o espírito de brasilidade nos alunos e fazê-los conhecer e amar o Brasil como uma Pátria.

Uma vez um aluno falou assim pra mim:

__ Dona Pina eu tinha impressão que o Brasil era só aqui em Uberlândia. Eu respondi: __ Não, bem, o Brasil é um país. Eu tinha obrigação de ensinar porque País, porque Estado e porque Município. Eu colocava nas provas: Quem era Tiradentes? Este a gente explorava mais, mostrava gravuras e quadros. A gente falava muito de Ouro Preto. Tiradentes era um homem de caráter que devia ser reverenciado a vida inteira porque deu ao país a sensação nítida e forte do que era a liberdade. Os alunos sentiam a morte dele e manifestavam a vontade de conhecer São João Del Rei e Ouro Preto. Eu falava também sobre Felipe dos Santos, soldado brasileiro que antecedeu Tiradentes na luta pela liberdade (FREITAS, 2008,p.144).

A comemoração do dia do trabalho simbolizava a política do presidente Getúlio Vargas e o trabalho no Estado Novo recebeu uma conotação religiosa de realização de um labor, de um sacrifício e renúncia em favor do país, como uma pátria ‘mãe gentil’. “A cidadania do trabalho aspirava à regeneração dos indivíduos e conseqüentemente da Pátria. [...] Ser brasileiro significava ser trabalhador” (VAZ, 2008, p.356).

Essas cerimônias emocionavam e tocavam a mente e o coração das crianças e das professoras. A escola primária foi o lugar em que se ensinaram os valores cívicos, mediante os modelos de como o cidadão da república deveria pensar, sentir e agir, com base no civismo republicano. “As festas escolares, tendo por fim interessar o povo na educação da infância e despertar o estímulo e a emulação entre os alumnos, deverão ser promovidas com a maior solemnidade pelas autoridades escolares, directores de grupos e professores” (MINAS GERAIS, Decreto 7.970/1927, p.1226). No grupo escolar Júlio Bueno Brandão, as professoras parecem ter sido leais às orientações do artigo nº 195, do Regulamento do Ensino Primário.

Eu gostava das comemorações, achava que era importante ensinar os alunos cantarem o Hino Nacional. Eles deveriam decorar o Hino. Era muito importante cantar o Hino e hastear a Bandeira nos feriados. Não era fácil não. Mas eu não descuidava de ensinar o amor à Pátria, tinha os auditórios. Todas as datas cívicas eram comemoradas. Para mim a Pátria é o lugar onde todos falam a mesma língua, obedecem as mesmas leis, têm os mesmos costumes. É a terra onde nascemos... [risada]. Todos os dias eu ensinava com entusiasmo sobre a importância de amar a Pátria (PEREIRA, 2008, p.150).

De acordo com o programa do ensino primário de Minas Gerais, aprovado pelo Decreto 8.094/1927, dentre as atividades propostas e criadas para serem trabalhadas no grupo escolar para civilizar, moralizar e higienizar estavam as instituições escolares, os exercícios físicos, as instruções morais e o canto. No que se refere à instrução moral, um meio para conseguir a educação moral deveria ser esse: adotando, no 1º ano, os cartões de deveres; no 2º ano, os reclames populares, os provérbios e as quadras populares; no 3º ano, as máximas e os pensamentos de homens notáveis e, no 4º ano, as biografias de homens eminentes. (MINAS GERAIS, Decreto 8.094/1927, p. 1716).

Em seus depoimentos as professoras manifestaram a utilização dos provérbios para ensinarem as crianças.

No curso primário, nas aulas de português, a gente ensinava muito através de provérbios. A gente analisava os provérbios com as crianças. Por exemplo: “Não faça aos outros, o que não queres que te façam”. “Antes um pássaro na mão do que dois voando”. “Quem muito quer tudo perde” este é o da cobiça. Contava a história do corvo que estava com um pedaço de queijo no bico, ao ver a lua refletida na água soltava o queijo pra pegar o que estava vendo refletido, por que era maior. Isto é a ganância. Tinha também o provérbio: “A união faz a força” – Explicava sobre o pai que com um feixe de varas na mão pedia para um filho quebrar. O filho não conseguia. Então o pai explicava para o filho que uma vara só ele conseguia quebrar, mas o feixe de varas ele não consegue quebrar sozinho. Unidos a gente vence melhor (ANTONIALLI, 2008, p. 161). [...] Eu gostava de passar para os alunos o provérbio: “A ordem é a beleza moral das coisas” de Emerson. Eu tinha esse provérbio no meu caderno de planos. Para mim, a base de muitas coisas é a ordem. Por exemplo: uma casa desordenada desorganiza a mente. Então a ordem ajuda na organização da mente, contribui para a economia na vida. Eu ensinava a ter cuidado com os cadernos. Eu ensinava também sobre o respeito às pessoas mais velhas, sobre os bons costumes e os bons hábitos. Eu insistia nos bons costumes e nos bons hábitos (PEREIRA, 2008, p. 150).

As professoras atuavam sobre os corpos e as mentes das crianças, estimulando-as na prática de novas normas de civilidade, no sentido de formar moralmente o cidadão. O pelotão de saúde, também fazia parte, como um auxiliar das professoras nessa formação, exercendo um controle maior sobre o asseio corporal e das roupas e como forma de instituir comportamentos considerados válidos. O pelotão de saúde deveria ser composto de alunos da quarta série e foi criado para fiscalizar e cuidar da higiene e da saúde dos escolares. Portanto, esperava-se que, com tais atividades, a criança desenvolvesse hábitos higiênicos e saudáveis

afastando-se do vício de fumar, beber e jogar, conforme orientação do item 10 do Programa de Ensino: “Não jogar, não fumar, não beber” (MINAS GERAIS, Decreto 8.094/1927, p.1719-1720). Todos os profissionais do grupo escolar deveriam incutir, desenvolver os hábitos de higiene e fiscalizar os alunos, no sentido de modificar os hábitos, não só da criança, mas de toda a família. Foi o que observamos nos depoimentos das professoras.

Os pelotões de saúde faziam preleções sobre a saúde na escola, e em casa. Falavam do valor do banho, para brincarem com moderação para não suarem muito (FREITAS, 2008, p.144). [...] Quando o pelotão de saúde visitava a sala, olhava as orelhas e os cabelos (PEREIRA, 2008, p.150). [...] Eu ensinava lavar as mãos antes de tomar o lanche que era servido todos os dias, cuidar do cabelo, sobre o banho e como as crianças deveriam fazer para tossir e espirrar. [...] A gente passava para as crianças o dia-a-dia. Falava para lavar as mãos em casa e mostrar para a mãe. [...] A saúde só existe onde existe a limpeza, onde não tem higiene não tem saúde (ANTONIALLI, 2008, p.160).

Um corpo saudável sinalizava também uma mente saudável e as teorias eugenistas na época, valorizavam a concepção de que a nação seria forte se o povo fosse sadio e forte. Em relação às crianças pobres, detectamos uma postura das professoras de atuar firme no sentido de higienizar e civilizar esses corpos, para conquistar entre os alunos as formas de comportamento consideradas válidas.

A higiene era difícil. Eu até peguei piolho. Eu ensinava que deviam tomar banho todos os dias, escovar os dentes e cuidarem para não pegarem piolho. Eu falava para as crianças pedirem para a mãe passar remédio na cabeça (CARRIJO, 2008, p. 154). [...] Sobre os cuidados de higiene, eu ensinava muito. Eu olhava se as unhas das crianças estavam cortadinhas, observava também, as mãos e a roupa (PEREIRA, 2008, p. 150). [...] Eu pedia ajuda para os meus irmãos. Todos podiam bem. Meu irmão era médico em Uberaba, quando visitava Uberlândia, ele visitava os alunos, comprava remédios e ensinava como cuidar da boca e dos dentes. Meu irmão me ajudou muito nessa parte (FREITAS, 2008, p. 145).

Os pelotões de Saúde e o ensino da educação física foram parte essencial para formar esse futuro cidadão. Conforme relatou a professora “Eu também dava aula de Educação Física para os meus alunos, porque esta aula desenvolvia muito a respiração, o organismo, os

membros do corpo e a postura. Eu dava ginástica de chão e muito brinquedo” (FREITAS, 2008, p.140).

A preocupação com a disciplina era uma constante. A professora precisava estar atenta o tempo todo para controlar o comportamento das crianças. Segundo o Regulamento de Ensino em seu artigo 324, “Os alumnos deverão observar as regras de *hygiene* individual, e os preceitos de boa conduta, de urbanidade e de polidez” (MINAS GERAIS, Decreto 7.970/1927, p.1233). Verificamos na ata da reunião abaixo que um dos pontos tratados foi a disciplina e a professora técnica solicitou a colaboração das outras professoras e sugeriu, como meios de melhorar a disciplina, desenvolver aulas mais interessantes, ou se for necessário aplicar o castigo de ficar na sala depois do horário regulamentar, ou utilizar o ‘Quadro de Honra’ ou o ‘Livro do Bom Comportamento’. Novas práticas pedagógicas, um modo mais suave de controlar as crianças.

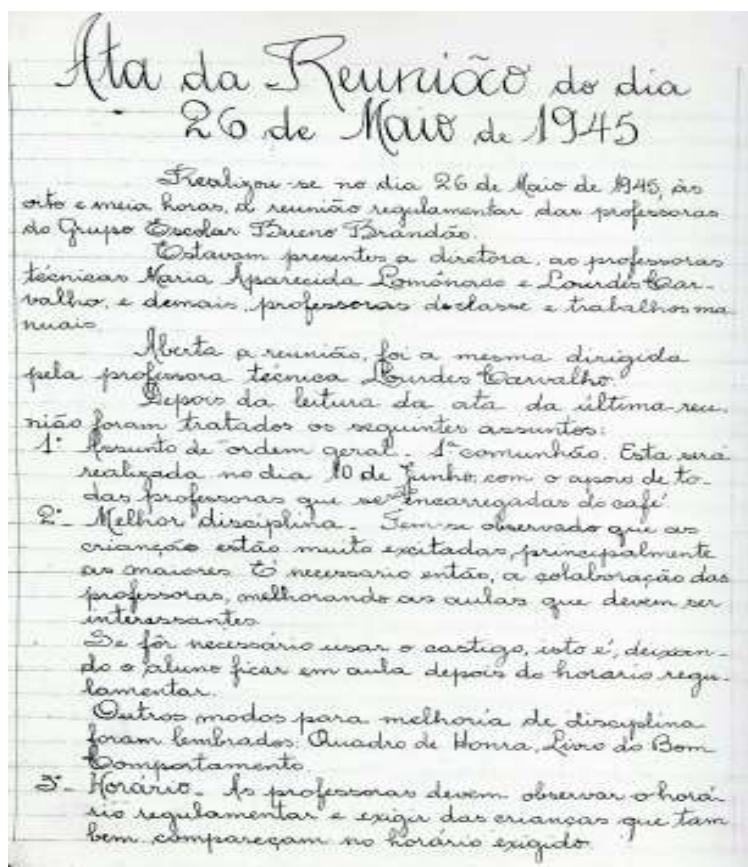


Figura 17: Ata de Reunião de profs. do G. E. Júlio Bueno Brandão-1945. Fonte: Livro de Atas do arquivo da Secretaria (1945 a 1948).

É interessante observar como as professoras entrevistadas assimilaram as orientações advindas do Regulamento do Ensino Primário e das professoras técnicas. Dentre as várias funções do professor assistente técnico, uma delas era formar juízo seguro e motivado sobre a ordem e a disciplina na sala de aula e no grupo escolar, pois a professora deveria ter e manter um controle sobre o comportamento da criança dentro e fora da escola, ou seja, na sala de aula, no pátio, nos recreios e na saída da escola. A fotografia abaixo, retirada na porta do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, trouxe em si indicações acerca da tarefa da professora ter que acompanhar os alunos na saída da escola.



Figura 18: Professoras e alunos do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão/1935.
Fonte: Arquivo Público Municipal - Uberlândia/MG.

A ordem era disciplinar os corpos e as professoras deveriam atuar no sentido alcançar a tão desejada disciplina.

Uma classe disciplinada é onde todos participam, respeitam uns aos outros e têm bons hábitos. Eu acho que é uma disciplina que não tem reações contrárias, que sabe esperar a sua vez. A agente passava algumas indicações, recomendações e orientações, principalmente na saída da sala, para não perturbarem as outras salas. Também porque os alunos brigavam na porta da escola. Em frente a escola tinha uma praça com bambus. Os alunos iam pro meio dela brigar. Dona Judith Moreira, a diretora, de vez em quando tinha que chamar os pais. Mas eu acompanhava os meus alunos até o portão. (FREITAS, 2008, p. 144). [...] Uma classe disciplinada é uma classe educada, que respeita o lugar e os mais velhos. A gente não tinha problemas. A disciplina era mantida, simplesmente com uma boa palavra, mesmo que fosse com energia (ANTONIALLI, 2008, p.161).

Para acompanhar e controlar as professoras, uma nova hierarquia foi instituída nos grupos escolares mineiros, a função de Inspetor Técnico Regional e de Assistente Técnica do ensino. Ambos tinham a seu cargo visitar os grupos escolares, tomar parte nas reuniões, estimular a educação voltada para a formação do caráter, recordar o professor de sua missão como o formador desse caráter, dar orientações, instruções, fazer relatórios e inspecionar pessoalmente as classes (MINAS GERAIS, Decreto 7.970/1927, p. 1162). Verificamos parte dessa característica nesta Ata de reunião realizada no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, em 1943:

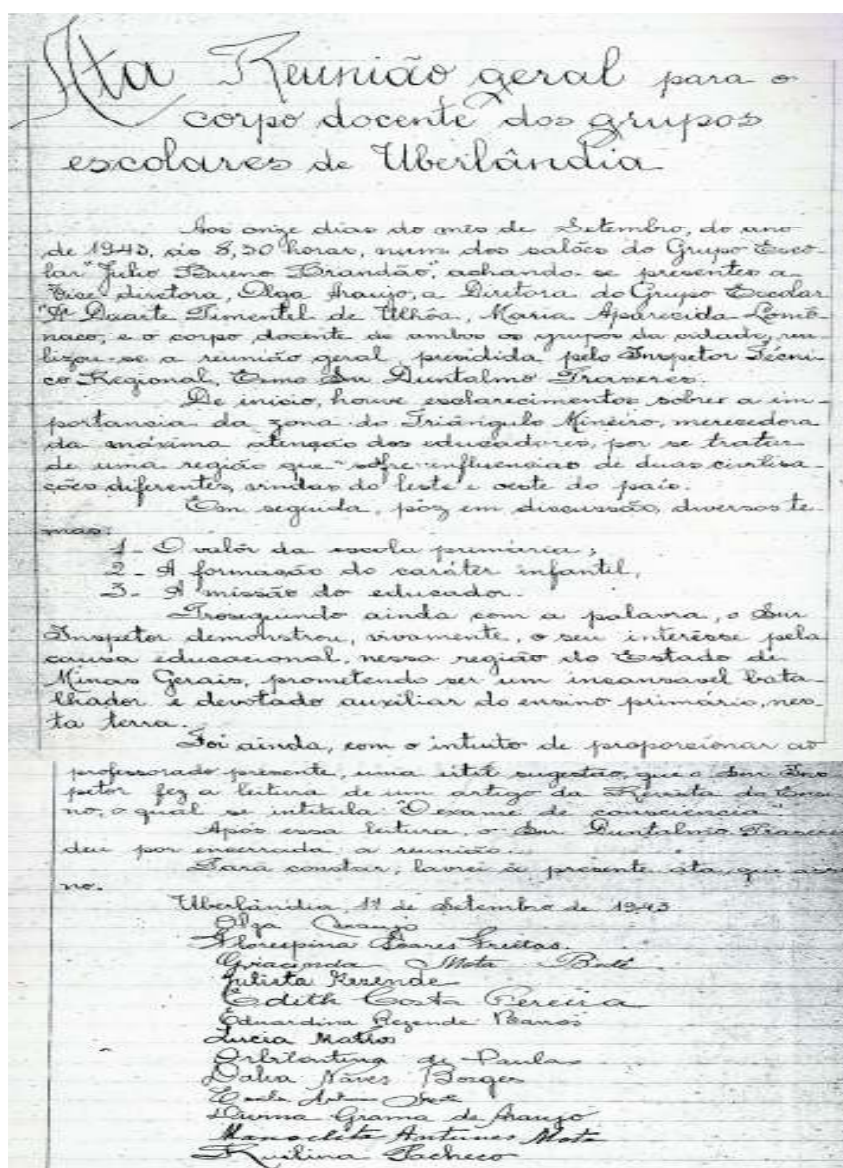


Figura 19: Ata de reunião dos Professores do G. E. Júlio Bueno Brandão - 1943.
Fonte: Livro de Atas do arquivo da Secretaria (1937- 1944).

Mais do que ensinar a ler, escrever e contar, mais do que instruir, as professoras deveriam educar os seus alunos e por meio deles os seus pais, observando os padrões de civilidade, de moralidade e de higiene. E assim inculcaram os novos valores e os costumes da nova sociedade capitalista, valores de ordem, de progresso e de trabalho. Cultuaram a Pátria, a bandeira, o hino e os heróis nacionais. Colocaram em prática os ideais republicanos de civilizar, moralizar e higienizar e regenerar.

CAPÍTULO III



Figura 20: Professoras do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão - 1941.⁶⁷
Fonte: Arquivo Público Municipal - Uberlândia/MG.

SER PROFESSORA NO GRUPO ESCOLAR JÚLIO BUENO BRANDÃO

Ainda que a imagem revelada pela fotografia possa nos informar pouco sobre o contexto histórico, pode nos indicar fragmentos históricos acerca de nosso estudo e de nossos sujeitos. De acordo com Edwards, a foto “contém e restringe dentro de suas próprias fronteiras, excluindo tudo o mais [...] [possui a] capacidade de descontextualizar e de se

⁶⁷ No plano superior, da esquerda para a direita estão as professoras: Celina Guimarães, Inaudi Serralha, Divina, Carmelita Cupertino, Edith da Costa Pereira (profª. entrevistada), Nilda Ribeiro e Primavera Mota. No plano inferior estão as professoras: Graciema, Gracinda da Mota Bedê, Olga Pacheco (vice- diretora), Judith Moreira (Diretora), Lúcia Matos, Luiza Machado e Ruilina Pacheco.

apropriar do tempo e espaço e daqueles que existem dentro dele, [tornando o] invisível visível, o despercebido percebido” (1996, p.16). A foto das professoras primárias, retirada no pátio do grupo escolar, na década de 1940, nos mostrou alguns aspectos importantes, referentes à disposição, à postura, ao traje e à fisionomia das professoras. Elementos importantes que a foto propôs transmitir, revelando formalidade, uniformidade, racionalidade, ordem, disciplina, seriedade e moralidade, mensagens vinculadas aos princípios e valores defendidos pelos republicanos. E como expressou a professora Carrijo “O professor deve dar exemplo, no modo de vestir, de sentar, deve ter boa convivência e ensinar as crianças a crescerem como cidadãos para cumprirem as leis, amarem a Pátria e a Deus” (2008, p.156).

Isso pode evidenciar que as professoras primárias do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, ao longo de suas vidas, foram se constituindo como pessoas e como professoras, na medida em que cada uma, em seus processos de formação com suas experiências de vida pessoal, familiar e profissional foram tomando para si os princípios e valores que produziram um modo de ser e de estar no mundo, ou melhor, um modo de pensar, sentir e agir como pessoas e como professoras republicanas. Como declarou Dominicé:

A vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação. [...]... a análise dos processos de formação, entendidos numa perspectiva de aprendizagem e de mudança, não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como um adulto viveu em situações concretas do seu próprio percurso educativo (DOMINICÉ,1990, p. 167).

Nessa perspectiva, as professoras Freitas (2008), Pereira (2008), Carrijo (2008) e Antonialli (2008) revelaram a partir de seus depoimentos aspectos interessantes referentes à maneira que pensaram, sentiram e agiram como professoras republicanas.

A professora Freitas assumiu a arte de instruir e educar como uma expressão incondicional.

FREITAS

A ARTE DE INSTRUIR E EDUCAR: EXPRESSÃO INCONDICIONAL



Ser um bom professor é antes de tudo ter uma formação para trabalhar com alunos dentro de uma escola e numa sociedade em si. Ser professor era ter conhecimentos do que ele ia ensinar, era ser um conhecedor da pedagogia (FREITAS, 2008, p.142).

Figura 21: A professora Freitas - 1940.
Fonte: Arquivo pessoal da professora.

Em 02 de setembro de 2008, realizamos a nossa primeira entrevista com a professora Freitas, em sua residência - Uberlândia/MG. A professora Freitas nasceu em 16 de abril de 1921 em Ituiutaba/MG, é solteira está aposentada e tem 87 anos. Em seu depoimento contou-nos que a sua mãe teve 18 filhos e alguns morreram menores. Na época moravam na fazenda. Segundo a professora, seu pai era fazendeiro 'forte'. Atuou na Guerra do Paraguai e recebeu de D. Pedro II a carta desse fato histórico. Foi Coronel da Guarda Nacional, o Cel. Jose Soares, em Ituiutaba - MG. Em 1942, após a morte de seu pai mudou-se para Uberlândia-MG, e atualmente como parentes, só tem muitos sobrinhos. Freitas relatou que desde criança sonhava ser professora.

Estudou o curso primário em 1930 no Grupo Escolar em Ituiutaba/MG. Foi aluna interna na Escola Normal Professor José Inácio de Sousa e por volta de 1937 concluiu o curso Normal. Destacou que os professores do curso eram muito exigentes e rigorosos, mas que instruíam muito. Ressaltou também que os professores recomendavam ter muita paciência com as crianças e respeitá-las, não dar castigos e utilizar-se do lúdico para não afastar as crianças da escola. Observamos aqui os elementos defendidos pela pedagogia nova.

Depois que concluiu o curso Normal, foi professora primária em Frutal/MG de 1938 a 1941. E quando veio para Uberlândia/MG, em 1942, substituiu uma professora na Escola Normal por quatro meses e no mesmo período foi nomeada para trabalhar como professora primária no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. De acordo com Freitas (2008), para fazer o plano de aula, tinha um programa e recebia as normas e as orientações em reuniões realizadas na escola, conforme o regulamento de ensino em vigor, dirigidas pela diretora, pela professora técnica de ensino ou pelo inspetor técnico regional.

A professora Freitas (2008) relatou que gostava muito de trabalhar no Grupo Escolar porque o ambiente era excelente. Tinha um ótimo relacionamento com as colegas e com os alunos. Manifestou que nunca faltava e era muito pontual. Revelando assim características requeridas para uma professora republicana.

Observamos que a professora valorizava muito a origem familiar e a disciplina dos seus alunos, quando manifestou que os alunos tinham uma boa criação e bons hábitos. “[...] Muitos alunos eram das principais famílias de Uberlândia. Eles tinham uma boa criação. Eles tinham bons hábitos, formados em família, tinham muito respeito e eram obedientes. Eles sabiam esperar, não eram agitados” (FREITAS, 2008, p. 141).

Pudemos inferir que a professora demonstrou um forte sentimento de civismo e patriotismo, quando lhe foi perguntado sobre as atividades cívicas desenvolvidas na escola:

O civismo é um sentimento de brasilidade, é lutar para que a sua Pátria seja de seus filhos. O civismo representa o patriotismo, é como se guardássemos a Pátria no coração, é amar verdadeiramente a Pátria, produzindo, fazendo e realizando (FREITAS, 2008, p. 143).

Percebemos, pelas suas expressões, a importância que dava a sua profissão. Revelou aqui a imagem que tinha de si, como se sentia sendo professora e a influência do ambiente familiar na sua formação.

Como professora, eu era importante. Eu achava bom ser professora, achava que era uma professora muito digna. Elevava-me muito, me deu muita formação, alegria e vontade de querer ser mais. [...] Eu tinha ambiente em casa, meus irmãos eram todos formados (FREITAS, 2008, p.143 - 147).

Segundo a sua narrativa, não teve problemas em relação à disciplina em sala de aula, porque passava muitas tarefas e conversava muito com as crianças sobre as atividades. Para ela, a disciplina estava relacionada ao respeito, aos bons hábitos, à participação das crianças na sala de aula, quando não havia reações contrárias e quando sabiam esperar. O seu conceito de disciplina coincidia com o conceito defendido pela pedagogia nova e que foi transmitido pelo Inspetor Técnico Regional Sr Duntalmo Praseres em suas orientações na Ata de reunião de 18 de setembro de 1943, realizada no grupo escolar.



A Ata Reunião geral para
as professoras do Grupo Escolar "Julio
Bueno Brandão" de Uberlândia, reali-
zada no dia 18 de Setembro de 1943.

Às oito horas e trinta minutos, do dia
18 de Setembro de 1943, na sala nº1, do Grupo Es-
colar "Julio Bueno Brandão", de Uberlândia, realizou-
se uma reunião geral para as professoras, sob a
orientação do Sr Duntalmo Praseres, digno Inspe-
tor Técnico Regional.

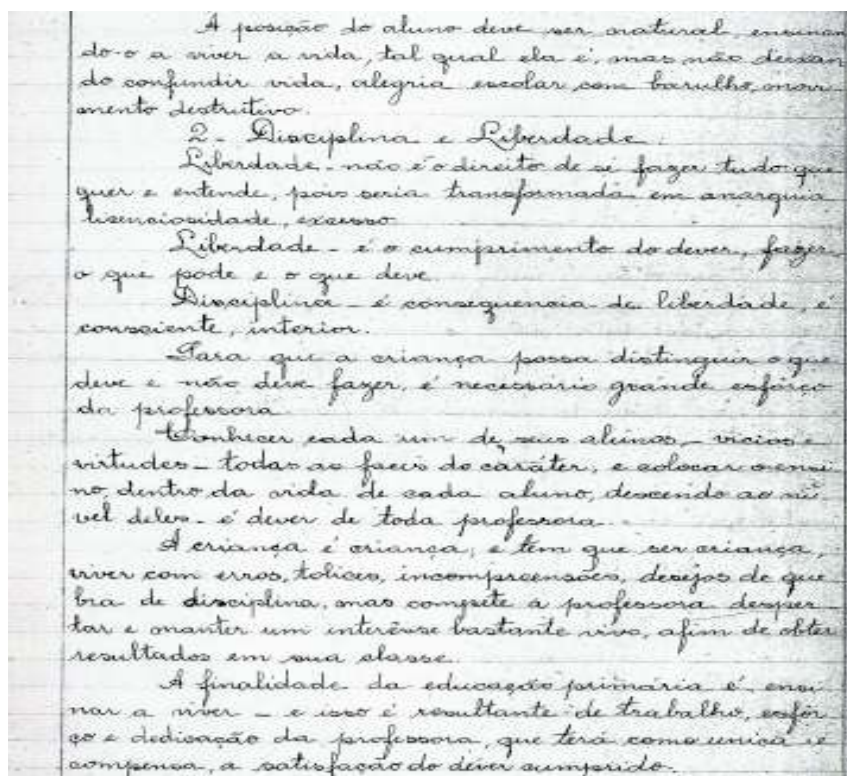


Figura 22: Ata de reunião das professoras G. E. Júlio Bueno Brandão - 1943.

Fonte: Livro de Atas do arquivo da Secretaria (1937- 1944).

Em relação ao seu conceito de formação moral, a professora afirmou:

A moral é um sentimento construtivo, que eleva e edifica a pessoa. Ela dá confiança e muita segurança, não destrói e satisfaz a mente. Pode ser demonstrada através da obediência, das atitudes, no relacionamento e na conduta (FREITAS, 2008, p. 145).

Sobre os valores morais, a professora ressaltou ainda a importância de ensinar para os alunos sobre o respeito, sobre a humildade e a necessidade de falarem sempre a verdade. As crianças deveriam saber conviver entre eles e em casa, saber conversar e nunca usar de palavrões. Ela valorizava também a comunhão de idéias, o esforço, indicava como ganhar tempo. Ensinava tudo isso a partir dos provérbios. Como por exemplo: “A união faz a força” e “Deus ajuda quem cedo madruga”. Estes elementos estão contidos no Decreto 8.094/1927, que aprovou o programa do ensino primário que vigorava na época.

Expressou também, em seu depoimento, o respeito que tinha pelos alunos e, principalmente pelos que tinham mais necessidade de ambiente, ou seja, os que tinham falta de recursos financeiros ou não tinham pais. Queria que todos se sentissem iguais. Cuidava das crianças e preocupava-se com os sentimentos das crianças em relação às diferenças socioeconômicas, consentindo, assim, com um dos princípios defendidos pelos republicanos.

Outra preocupação dessa professora era em relação à frequência, a pontualidade e ao uniforme das crianças. Elas deveriam ser frequentes, pontuais e usarem uniformes. As crianças mais velhas deveriam ter uma atividade laborativa, para aprenderem a trabalhar e adquirir experiência. Uma concepção defendida no governo Getúlio Vargas, ao qual a professora fez uma exaltação, ao declarar que ele foi o máximo, tinha admiração por ele e o respeitava muito, se bem que, na opinião da professora, tenha sido um autoritário e ditador. No entanto, afirmou que na época não entendia bem a política, então aceitava.

Quando se referiu à educação manifestou que: “... a educação era a compreensão dos problemas da Pátria. São os princípios adquiridos através dos tempos. Para isso é necessário ter muita leitura.” (FREITAS, 2008, p. 145). Quanto à escola afirmou que:

A escola era a coisa mais importante que tinha, porque a criança estava crescendo e aprendendo para viver melhor; se não soubesse ler e escrever se não tivesse ambiente e se não tivesse recursos, ela não poderia progredir. Uberlândia estava crescendo muito e precisava de gente para dominá-la em todas as atividades, não só nos empregos que iam ocupar (FREITAS, 2008, p. 146).

Declarou ainda que a escola era um ambiente adequado para a criança aprender a ler e a escrever; para progredir e viver melhor. E acrescentou que a cidade precisava dessas crianças alfabetizadas para ocupar os espaços sociais, políticos e econômicos que seriam criados e desenvolvidos. Quanto aos professores, Freitas (2008) declarou que eles eram muito respeitados, tinham um papel importante, por isso tinham que dar o exemplo. Na sua compreensão, ser bom professor é ter formação e conhecimentos do que iria ensinar. Nesse sentido, o professor deveria atuar com conhecimentos e por ideal, pois, ele é o responsável pela educação do país. Nessas palavras revelou a sua afinidade com as concepções de educação, escola e professor defendidas na época.

Durante todo o seu depoimento, se emocionou muito, especialmente quando recordou dos alunos. Sentiu-se reconhecida por eles.

Certa vez fui tomar um ônibus na Av. dos Andradas e o motorista me perguntou:

__ Dona Florespina a senhora não vai entrar?

Eu respondi: __ Este ônibus está muito alto, eu vou esperar outro.

O motorista respondeu: __ Por isso não, eu vou chegar bem mais perto.

Ele chegou mais perto, pegou na minha mão, me ajudou a entrar e me arrumou um assento.

Os outros passageiros reclamaram. O motorista disse:

__ O que sou hoje devo à dona Florespina. Eu estudei o 4º ano com ela. Sou muito agradecido. Todos no ônibus bateram palmas. [se emocionou...]

(FREITAS, 2008, p. 147).

Ela revelou que a profissão lhe deu muita formação, alegria e vontade de querer ser mais. Assim como a professora Pereira, que dedicou a sua vida à arte de educar, moralizar e civilizar.

PEREIRA

UMA VIDA DEDICADA A EDUCAR, MORALIZAR E CIVILIZAR



Para ser bom professor é preciso ter uma boa formação, uma boa cultura. [...] Educar é formar de acordo com a época é oferecer as coisas mais salutareis para a vida da criança (PEREIRA, 2008.p. 150).

Figura 23: Professora Pereira - 1933.
Fonte: Arquivo pessoal da professora.

A nossa segunda entrevista aconteceu no dia 22 de setembro de 2008 e foi com a professora Pereira, em sua residência, na cidade de Uberlândia/MG. Segundo os relatos da professora, ela nasceu em Uberlândia/MG, no dia 22 de setembro de 1916. Hoje está aposentada e tem 92 anos. Seu pai se chamava Custódio da Costa Pereira, nasceu em Lavras depois veio para Uberlândia. Ele foi comerciante. Sua mãe nasceu em Santa Maria perto da cidade de Prata/MG. Ela se chamava Hermínia Zoccoli Costa, foi dona de casa e teve doze filhos, 4 homens e 8 mulheres.

A professora Pereira nos declarou que estudou na Escola Normal Professor José Inácio de Sousa, onde cursou o Normal e o concluiu em 1933. Manifestou que, na época, gostava muito da aula de moral e cívica e lia muito. Segundo a professora, achava que nasceu para ser professora, pois não teve outra opção. Começou a trabalhar como professora substituta em 1934, mas logo em 1936 foi nomeada. Disse-nos que gostou de lecionar mais para a 3ª e 4ª série, afirmou que tinha mais liberdade.

Relatou, em sua narrativa, que preparava os planos de aula a partir do programa que recebia dos inspetores e das professoras técnicas e que de vez em quando o inspetor olhava o diário, assistia às aulas, fazia relatórios e passava para a diretora. No entanto, todos os dias a orientadora ou a diretora olhava o caderno de plano e o diário. A professora em seu depoimento indicou aqui elementos constitutivos da nova hierarquia instituída nos grupos escolares (MINAS GERAIS, Decreto 7.970/1927, p. 1162).

Declarou que tinha um bom relacionamento com as colegas professoras e com os alunos.



Figura 24: Professoras do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão/1950.⁶⁸
Fonte: Arquivo Público Municipal - Uberlândia/MG.

Na fotografia, retirada na frente do grupo escolar, já na década de 1950, observamos uma disposição formal com trajes sóbrios, revelando certa homogeneidade, contudo as fisionomias das professoras revelaram sinais de um clima menos denso e de uma atmosfera de maior leveza e suavidade.

A professora Pereira assinalou que dava aula de moral e cívica, achava importante ensinar às crianças cantar o Hino e hastear a Bandeira e gostava das comemorações, “tinha os auditórios eu gostava muito” (2008, p. 150).

⁶⁸ Da esquerda para a direita, a primeira é a professora Eunice, a quarta é Gracinda Macedo, a sexta é Enaldi, a sétima a professora Pacheco, a oitava a professora Pereira (nossa entrevistada) e a última a professora Malba.

O que possibilitou-nos entender que em sua atuação como professora, demonstrava entusiasmo e esforço para despertar nos alunos o amor à Pátria, sendo que para ela a Pátria constitui o lugar onde se fala a mesma língua, obedecem-se as mesmas leis e seguem-se os mesmos costumes. A professora nos contou que ensinava muito sobre a higiene. Observava as roupas, as mãos e as unhas das crianças. E que o pelotão de saúde visitava as salas de aula olhando os cabelos e as orelhas. Nesse sentido, observamos como foi colocado em prática alguns pressupostos prescritos no artigo 97 do Decreto 7.970/1927 do Regulamento do Ensino Primário.

Segundo a professora Pereira (2008), diferentemente do que se observa hoje, ela tinha muita autoridade na sala. A turma era atenciosa e prestava atenção na hora da aula, não tinha problema com a disciplina e nem com a frequência. “Os alunos tinham horários. O portão fechava. Eu recomendava sobre a pontualidade. Eu não tinha problema de frequência com os alunos. Eles tinham muito respeito por nós professoras” (PEREIRA, 2008. p. 151).

Sobre a formação moral, a professora Pereira (2008) revelou que ensinava como os alunos deveriam se comportar, dando atenção aos pais, à família e aos professores. Explicava sobre os bons costumes, os bons hábitos e a importância de respeitar os mais velhos. Declarou que gostava de orientar sobre a ordem e dizia que era a base de todas as coisas, pois ajudava na organização da mente e também poderia contribuir para a economia na vida. Para ensinar isto a professora utilizava-se de provérbios como: “A ordem é a beleza moral das coisas” de Emerson. “Desordem não é ter liberdade, a gente dava limites” (PEREIRA, 2008, p. 150). Com estas revelações, detectamos a presença de elementos da pedagogia nova no seu cotidiano como professora.

Segundo Pereira, para ser bom professor seria necessário ter uma boa formação, uma boa cultura, dar bons exemplos e ter compreensão.

Sinto que fiz o ideal. Que atuei de acordo com o que era exigido. [...] O professor tem a responsabilidade de dar aula, de forma que os alunos possam ter melhor aproveitamento e corresponder ao ideal. Eu sempre procurava executar, na medida do possível, as normas que eram passadas (PEREIRA, 2008, p.151).

Nesse depoimento, detectamos um sentimento de dever cumprido em relação à profissão e à atuação como professora. Pereira (2008) valorizou-se ao afirmar que ocupava um cargo de responsabilidade, que gostava de lecionar, que era muito respeitada como professora e que a profissão de professor exige muita responsabilidade e vocação, “pois sem educação nada se faz na cidade” (PEREIRA, 2008, p. 151). Nesse sentido, fez uma avaliação positiva sobre a sua trajetória como professora primária.

Aspectos também observados na professora Carrijo quando nos revelou ter realizado o seu desejo de infância de ser professora primária. Essa era a sua inclinação desde pequena.

CARRIJO

SER PROFESSORA: UM DESEJO DE INFÂNCIA



Foi ótimo ser professora. Minha inclinação era essa desde pequena. Gostava muito de minha professora do primário eu queria imitá-la (CARRIJO, 2008, p.155).

Figura 25: Professora Carrijo - 1954.
Fonte: Arquivo pessoal da professora

A nossa terceira entrevista com a professora Carrijo, aconteceu no dia 29 de setembro de 2008, em sua residência na cidade de Uberlândia/MG. A professora Carrijo, nasceu no dia 05 de junho de 1920, na Fazenda da Tenda, distrito de Uberlândia/MG. A foto, abaixo mostra a fazenda, onde nasceu.



Figura 26: A Fazenda da Tenda, na foto o pai e os irmãos da professora Carrijo. Fonte: Arquivo pessoal da Professora Carrijo – 1930.

Segundo a professora Carrijo (2008), seu pai se chamava Vital José Carrijo e tinha uma fazenda pequena. Sua mãe se chamava Ana Luiza Carrijo, cuidava da casa e dos 15 filhos. A fotografia abaixo, segundo as informações da professora Carrijo (2008) foi retirada no stúdio do fotógrafo e contou com a presença de toda a sua família. Essa imagem marcou o dia em que a sua família comemorou a bodas de ouro de seus pais, preservando um passado e ao mesmo tempo transportando-o para o presente, configurando assim o poder de uma fotografia.



Figura 27: Família da professora Carrijo. Seus pais e seus irmãos. A professora Carrijo encontra-se no plano superior e é a terceira da esquerda para a direita - 1950.
Fonte: Arquivo pessoal da professora Carrijo.

A professora nos relatou que o seu processo de formação começou na Fazenda da Tenda e depois do curso primário estudou por conta própria e com professores particulares, em seguida, fez o ginásio de três anos em um ano. Declarou que leu e estudou muito. No entanto, somente por volta de 1950 é que cursou o Normal na Escola Normal Professor José Inácio de Sousa em Uberlândia/MG. Segundo ela, sua decisão de ser professora aconteceu porque gostava muito de sua mestra do primário, assim quis imitá-la. Contudo, pensou que tinha essa inclinação desde pequena. Sua mãe dizia que nasceu para ser professora e ela consentiu, porque não fez outra coisa.

Em 1939, com 19 anos, mudou-se para a cidade e começou a dar aula como substituta no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. Revelou que, na época, não tinha o curso ginásial ainda, mas tinha muita leitura e em 1945 foi nomeada, como professora. De acordo com a professora Carrijo (2008), durante o dia dava aula para as crianças e à noite para os adultos. Explicou que para dar aula tinha um programa. Declarou-nos que fazia seus planos a partir desse programa e das orientações da diretora e da professora técnica de ensino. Nesse sentido, a professora seguia as recomendações previstas no Regulamento de Ensino Primário, o Decreto nº 7.970/1927, o que também foi confirmado nas atas de reuniões da professoras do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão.

A professora Carrijo contou que se sentia bem em ensinar o Hino Nacional e afirmou que achava lindos a melodia e a letra do Hino. Disse que aprendeu a dizer que a Pátria é o lugar onde a gente nasce, cria, educa, e aprende a ser gente. “O civismo representa respeitar a Pátria, tratar bem as pessoas e obedecer às leis. Com o civismo, a pessoa fica mais desenvolvida, respeita a terra e as leis” (CARRIJO, 2008, p.153). Entendemos que a professora nutriu um sentimento de gratidão e muito respeito pela terra onde nasceu e se criou, educou-se e aprendeu a ser gente. Também tomou para si a questão defendida pelos republicanos de que devemos estudar, ter profissão e nos tornarmos cidadãos e trabalhadores honestos.

Eu ensinava para os alunos que eles deveriam ser cidadãos honestos e trabalhadores, que eles deveriam ter uma profissão. Eu falava tudo isso, da minha cabeça mesmo, para o bem deles no futuro, para tomarem gosto, continuarem os estudos e se desenvolverem intelectualmente para ter um futuro melhor (CARRIJO, 2008, p.153).

Quando a professora falou sobre a higiene, manifestou que não era fácil. Ensinava as crianças a tomar banho, a escovar os dentes e cuidar para não pegar piolho. Mas, segundo a professora, o pelotão de saúde também ensinava a cuidar da saúde. Quanto à disciplina em sala de aula, esclareceu-nos que era muito exigente e considerava a atenção e o silêncio primordiais.

Para mim, disciplina significa silêncio e atenção, são os dois aspectos principais. [...] Os meninos eram muito obedientes naquela época. Era diferente de hoje. Mas tinha um menino que era insuportável. Mas a maioria dava gosto à gente trabalhar com eles (CARRIJO, 2008, p.154).

Ao perguntarmos sobre a formação moral, Carrijo (2008) afirmou o seguinte: “Para mim, moral é ser correto, é não exagerar no modo de viver, é respeitar o ser humano, não importa a cor, o sexo, a condição social, devemos respeitar todos os seres humanos” (CARRIJO, 2008, p.154). Segundo a professora, a moral estava relacionada à cidadania, ao exercício do voto, ao respeito pelos pais, pelos patrões e pelos empregados. Orientava as crianças para serem amigas uma das outras, para respeitarem os colegas e os mais velhos.

Sobre as responsabilidades que concernem ao professor, respondeu-nos que o bom professor é aquele que é assíduo, que respeita normas e que sabe impor a autoridade de professor. E os alunos, estes deveriam cumprir com as tarefas escolares, cuidar da higiene pessoal e até do modo de se sentarem na carteira, preceitos defendidos pela pedagogia nova.

Para a professora Carrijo (2008), na época, a educação era mais moral e religiosa, mas também estava ligada ao estudo, como meio de adquirir conhecimentos e ter mais convivência com o mundo. “A educação pra mim significava estudar para conhecer e conviver mais com o mundo” (CARRIJO, 2008, p.155). Nesta perspectiva, em relação ao significado de ser professor, Carrijo (2008) apontou que o professor deveria dar uma educação relacionada à formação moral e religiosa e ensinar a criança a crescer como cidadã para cumprir as leis, amar a Pátria e a Deus. Mas também deveria dar o exemplo, tanto na postura, como na boa convivência. Ou seja, ser um bom cidadão republicano.

Ao final da entrevista, também avaliou, de forma positiva, a sua vida profissional. Afirmou que foi ótimo ser professora e que valeu a pena, embora o professor não fosse valorizado como devia.

Como as professoras Freitas, Pereira e Carrijo, a professora Antonialli também se revelou como professora primária em seu modo de ser, pensar, sentir e agir.

ANTONIALLI

PROFESSORA PRIMÁRIA E ARTISTA PARA ALÉM DO SEU TEMPO

A nossa quarta e última entrevista foi com a Professora Antonialli, no dia 23 de outubro de 2008. Quando fizemos contato por telefone, falamos do nosso objetivo e solicitamos uma entrevista. Ela fez opção de dar a entrevista na residência da pesquisadora, no Bairro Tubalina, na cidade de Uberlândia/MG.



Figura 28: Professora Antonialli - 1946.
Fonte: Arquivo pessoal da professora.

Cada um de nós traz dentro de si sua potencialidade e sua inspiração. [...] Outono, não são folhas amarelecidas que se tombam com o vento, são vidas que enfrentam as estações aceleradas, na esperança de nova primavera (ANTONIALLI, 2008, p.10-11).

Antonialli foi uma professora primária que se revelou, também, pelo seu talento artístico. Nasceu no dia 15 de abril de 1927, em Santa Rita do Paranaíba, hoje Itumbiara/GO. Segundo a professora, seu pai foi comerciante e sua mãe dona de casa. Disse-nos que quando sua mãe faleceu tinha apenas 9 anos e tinha sete irmãos. Hoje são apenas três. Antonialli tem 81 anos, trabalha como professora de pintura em telas em seu atelier e possui uma escola de ensino fundamental em Itumbiara/GO, dirigida por seus filhos.

Contou-nos que se casou aos 25 anos com um jovem paulista, técnico em refrigeração, comerciante, eletricitista e mecânico e, depois do casamento, estabeleceram-se em Itumbiara/GO, onde tiveram cinco filhos. De acordo com a professora, seu processo de alfabetização começou aos sete anos, quando seus pais se mudaram para Uberlândia/MG. Fez o curso primário na escola de sua tia Ruilina Pacheco. Coursou o ginásial em São Paulo em um colégio interno e fez o curso Normal na Escola Professor José Inácio de Sousa em Uberlândia-MG.

Segundo Antonialli (2008), na época, a maioria das mulheres tornava-se professora, porque não tinha faculdade na cidade. No entanto, o estudo que realizou com sua tia e a convivência com as profissionais em São Paulo, despertou e cresceu dentro de si a vontade de ser professora e artista. Durante a entrevista, recordou, com carinho e satisfação, da época em que exerceu o magistério. “Lecionei no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão de 1946 a 1952. Foram bons momentos de convivência e de oportunidade para o meu crescimento cultural” (ANTONIALLI, 2008, p.154). Manifestou seu lado poético ao declarar que recordava com alegria e satisfação os anos de trabalho como professora primária.

Guardo, com satisfação, lembranças dos anos de trabalho. Tenho uma saúde que me permite viver alegre e trabalhando. Recordo da vida que já está chegando ao final, com alegria pelo dever cumprido. Procuro ainda aprender um pouco do muito que me falta. Choro quando sinto necessidade, porque entendo que a dor nos faz crescer o coração e nos prepara para vidas melhores (ANTONIALLI, 2008, p.159).

Quando lhe perguntamos sobre o modo como preparava as suas aulas, Antonialli (2008) nos revelou que, no início de suas atividades como professora, colaborava com todas as demais. Fazia teatro, desenhava, ensinava músicas infantis e brincava no recreio. “Eu me recordo brincando com aquela meninada toda. Era uma poeira só. O pátio era muito grande e de terra batida. Eu inventava muita coisa” (ANTONIALLI, 2008, p.158). Somente em 1951 assumiu a primeira turma de jardim de infância.



Figura 29: 1º Jardim de Infância - Uberlândia/MG - 1951.
Fonte: Arquivo pessoal da Professora Antonialli.

Nessa fotografia, conseguimos identificar, no plano superior, da esquerda para a direita, o prefeito municipal Tubal Vilela, ao centro a diretora do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, dona Lourdes de Carvalho e ao seu lado direito, sorridente a professora Antonialli. De acordo com Barthes, a fotografia “repete mecanicamente o que jamais poderia ser repetido existencialmente” (1984, p.13).

Nessa perspectiva, a foto é uma lembrança da criação do primeiro jardim de infância do município de Uberlândia/MG e da designação de Antonialli, como professora dessa turma. A imagem, ao transportar para o presente um fragmento do passado, pode nos indicar alguns elementos concernentes aos princípios e valores defendidos na época. Percebemos uma uniformidade, racionalidade e homogeneidade na postura, nas fisionomias, nos trajes e até nos cortes de cabelo das crianças.

Sobre as orientações administrativas, Antonialli nos revelou que eram passadas por meio das reuniões, pela diretora e pela vice-diretora que exigia e olhava o plano de aula diariamente. Ao se referir ao relacionamento na escola, com a direção e com as colegas, disse que sempre se sentia muito bem com todos, pois era muito alegre e expansiva. Uma característica marcante observada, também a partir das imagens retratadas nas fotografias.

Antoniali (2008) nos relatou que as comemorações cívicas eram levadas muito a sério por todas as escolas e havia muitas comemorações. Como professora, procurava passar para os alunos sobre o respeito à Pátria. Durante o seu depoimento, questionou sobre o civismo dos homens públicos.

O civismo é ter um certo respeito a todo assunto que converge para a sua nacionalidade. Eu ensinava que Pátria é o lugar onde você nasceu é o chão onde você pisa. O civismo é tudo o que você quer de bom para o ambiente da sua terra, para o lugar onde nasceu. Os homens públicos têm civismo? (ANTONIALI, 2008, p.160).

Quanto à higiene, a professora ensinava os cuidados básicos de lavagem das mãos, cabelo e banho, às vezes levava os mais carentes para casa. Segundo a professora, a escola era bem cuidada e as salas eram arejadas. Ao se referir à disciplina fez uma comparação com os dias atuais “Vou te falar, não era ruim não. Pelo que se vê hoje, se pode calcular que não havia indisciplina” (ANTONIALI, 2008, p.161). Entretanto era bem exigente.

Quando lhe perguntamos o que ensinava sobre os valores morais, nos respondeu que ensinava para os alunos a partir de histórias e provérbios de fundo moral, que não poderiam responder os pais, mentir e nem pegar as coisas dos outros. Nessa Direção, procurava dar bom exemplo para seus alunos e demonstrou ser, pensar, sentir e agir como uma boa professora republicana, cumpridora dos seus deveres e das suas obrigações.

Primeiro eu deveria ser pontual e cumprir com as obrigações. O que era determinado pra mim eu cumpria. Eu dava exemplo nas atitudes. Eu era bem educada. No início eu colaborava com todas as professoras. Muitas vezes eu era encarregada de colocar água no filtro, observar se tinha menino chegando atrasado, se estava fora da sala, se estava com febre. Colaborava na biblioteca organizando os livros. Isto era o meu trabalho até assumir uma classe. Eu fazia tudo sem contestar. Eu era muito cumpridora das minhas obrigações (ANTONIALI, 2008, p.162).

A professora Antoniali apontou a educação como algo primordial, porque encaminhava para o trabalho e para o progresso. Preceitos que foram disseminados pelo movimento político educacional na época e incorporados pela professora “... o estudo era o que mais importava na educação do indivíduo” (ANTONIALI, 2008, p.158).

Ao final de seu depoimento a professora concluiu que foi muito responsável e feliz. Tudo que aprendeu foi bom e “Trouxe-me fé em Deus, amor ao ser humano e alegria de viver” (ANTONIALLI, 2008, p.162) e as leituras realizadas permitiram-lhe ampliar a sua visão de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso propósito neste estudo foi compreender como as professoras do ensino primário do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão se apropriaram dos ideais republicanos entre o período de 1930 a 1950. À medida que fomos nos aproximando do nosso objeto de estudo crescia uma inquietude intelectual que se traduziu na busca do entendimento de como essas professoras se apropriaram das questões defendidas por esse ideário, de formar o povo brasileiro dentro dos princípios de civilizar, de moralizar e de higienizar, para conquistar a modernidade, a civilidade e o progresso.

Nesse sentido, a partir das narrativas das professoras, como testemunhos de um tempo vivido, dos documentos encontrados e das referências sobre o assunto, foi possível preencher parte dos espaços deixados pela documentação escrita e tecer a trama que se processou em torno dessas profissionais, quanto aos ideais republicanos. Os depoimentos, os documentos e as referências se constituíram em fontes importantes para percebermos o pensar, o sentir e o agir de quatro professoras, que se transformaram em protagonistas na construção desse ideal republicano de instruir e educar o povo para transformá-lo em cidadão para a República.

Dentro das especificidades locais, este estudo contribuiu para ampliar a compreensão dos processos educacionais da cidade de Uberlândia-MG, demonstrou as conexões existentes entre a história local, regional e nacional e conferiu visibilidade às professoras primárias convocadas, para cumprir importante missão.

Essa história se desenvolveu em um período que foi marcado por muitas transformações sociais, políticas e econômicas na sociedade brasileira e refletiu, de maneira marcante, na educação. Provocou propostas de reformas institucionais com preocupações em acabar com o analfabetismo, para dar suficiência ao povo e incorporá-lo à nação. Nessa

perspectiva, a educação tornou-se responsável pelas mudanças que deveriam acontecer no país, para construir a nação e configurou-se de maneira mais doutrinária, com caráter autoritário e nacionalista no período do governo do Estado Novo.

Sendo assim, iniciou-se um processo de implantação de uma educação comprometida com os ideais republicanos. Surgiram as reformas e os programas para civilizar, moralizar e regenerar a sociedade. A escola passou a ser o lugar para instruir, educar e formar o povo brasileiro, considerado insuficiente para exercer a cidadania e as professoras primárias foram chamadas para executar a tarefa.

Na análise e no confronto das entrevistas das professoras com os documentos e com as referências bibliográficas, procuramos identificar o significado de educação, de escola, de professor e das questões relacionadas ao civismo, à moral, à higiene e saúde, apresentadas pelas professoras. Neste trabalho, percebemos que as professoras primárias do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão ao longo de suas vidas, foram se constituindo como professoras republicanas. A partir de suas experiências de vida pessoal, familiar e profissional foram tomando para si os princípios e os valores defendidos pelos ideais republicanos, os quais produziram um modo de ser, pensar, sentir e agir próprio.

A Escola Normal constituiu-se no lugar de formação profissional dessas professoras primárias. Receberam orientações sobre os novos métodos de ensino, aprenderam como gerar um espírito de nacionalidade, como fazer crescer um sentimento de amor à pátria e como desenvolver e pôr em prática condutas disciplinadoras, para se tornarem fiéis colaboradoras na consolidação do Estado republicano. Assim, a formação dessas professoras foi referenciada pela pedagogia nova e pelo ensino primário para criar e cultivar os pensamentos e os sentimentos que conduziriam em atitudes intelectuais, morais e cívicas condizentes com os propósitos republicanos.

Para cumprirem a missão proposta de instruir e educar, no sentido de civilizar, moralizar e higienizar e para despertar e desenvolver, não só em si, mas também em seus alunos e familiares, os pensamentos e os sentimentos republicanos, foi constituído o grupo escolar, como o lugar de educação republicana. Sendo assim, os grupos escolares foram instituídos para produzir e reproduzir nas mentes das crianças novos valores e novas condutas sociais, a partir de uma nova organização administrativo-pedagógica com os princípios de

racionalização, uniformização e padronização do ensino primário, mediante novos métodos de ensino e uma nova visão de professor e aluno.

Nessa perspectiva, as professoras entrevistadas, Freitas (2008), Pereira (2008), Carrijo (2008) e Antonialli (2008), revelaram, a partir de suas narrativas, aspectos interessantes referentes à maneira que pensaram, sentiram e agiram como professoras republicanas. Conforme aprenderam, atuaram sobre os corpos e as mentes das crianças, estimulando-as na prática de novas normas de civilidade e de moralidade para formar o cidadão.

Esse foi o caso da professora Pereira (2008), ao declarar que gostava de ensinar o provérbio: “A ordem é a beleza moral das coisas de Emerson” e ao apresentar a sua compreensão sobre o provérbio. “Para mim, a base de muitas coisas é a ordem. Por exemplo: uma casa desordenada desorganiza a mente. Então a ordem ajuda na organização da mente, contribui para a economia na vida.” Essa professora revelou a sua concepção de ordem e a hierarquia que dava e ainda dá a esta questão como base da vida. Foi interessante observar também a ênfase dada nessa afirmativa: “[...] Eu ensinava também sobre o respeito às pessoas mais velhas, sobre os bons costumes e os bons hábitos. Eu insistia nos bons costumes e nos bons hábitos” (PEREIRA, 2008, p.149).

Quanto à professora Freitas (2008), apresentou o seu conceito de moral, como sendo um sentimento que constrói, provoca confiança e segurança e que poderia ser demonstrado por meio da conduta. Na sequência de sua narrativa disse: “Eu dava muita aula de moral. Aconselhava os alunos a respeitarem os outros, terem amizades e serem amigos dos vizinhos. Eles colaboravam muito” (FREITAS, 2008, p.144).

Quando perguntamos para a professora Carrijo (2008) o que considerava importante ensinar para os alunos sobre a formação moral, ela enunciou que a moral estava relacionada ao equilíbrio, no modo de viver, na maneira de ser correto, ao respeito independente de cor, do sexo e da condição social.

Elas também davam o exemplo de como seguir as normas de civilidade: “Primeiro eu deveria ser pontual e cumprir com as obrigações. O que era determinado pra mim, eu cumpria. Eu dava exemplo nas atitudes. Eu era bem educada” (ANTONIALLI, 2008, p.161). Esta professora trouxe também o que representava para ela as atividades cívicas na escola e ao manifestar o seu conceito de civismo, como sendo “tudo o que você quer de bom para o ambiente da sua terra” (ANTONIALLI, 2008, p.159) revelou as concepções que nortearam e

ainda norteiam o seu pensar e o seu sentir sobre como se deveria ensinar a criança sobre o amor à pátria, para também, segundo ela, favorecer na preservação da história.

Quanto às questões de higiene, as narrativas das professoras revelaram uma postura de atuar firme, no sentido de higienizar os corpos, de acordo com as teorias eugenistas da época. Tais teorias preceituavam que um corpo saudável sinalizava uma mente saudável e valorizavam a concepção de que a nação seria forte se o povo fosse sadio e forte. Esse aspecto foi trabalhado principalmente, em relação às crianças mais pobres, como foi prescrito pela professora Antonialli: “Eu ensinava lavar as mãos antes de tomar o lanche que era servido todos os dias, cuidar do cabelo, sobre o banho e como as crianças deveriam fazer para tossir e espirrar. [...] A saúde só existe onde existe a limpeza; onde não tem higiene não tem saúde” (2008, p.159).

É interessante observarmos como as professoras entrevistadas assimilaram essas orientações. Mais do que ensinar a ler, a escrever e a contar, mais do que instruir, as professoras educavam os seus alunos e por meio deles os seus pais, observando os padrões de civilidade, de moralidade e de higiene. Assim se apropriaram e colocaram em prática os ideais republicanos de civilizar, moralizar e higienizar.

No ato de concluir, sem ser conclusivo questionamos se somos professoras republicanas. Logo em seguida, observamos um movimento interno de querer negar uma cultura que faz parte de nós. Continuamos a questionar, por que querer negar esta realidade? Será que é porque observamos a permanência e a persistência de problemas na nossa história, como por exemplo, a questão das desigualdades sociais e educacionais. Sabemos que essa questão não será resolvida só com a educação, no entanto ela se constitui como um poderoso instrumento de combate.

Logo, não podemos negar ou deixar de defender a construção de uma escola efetivamente republicana, que ofereça a nós professores uma formação integral com conteúdos, reflexões e práticas significativas sobre a realidade, no sentido de ampliar a nossa capacidade de pensar, de sentir, de argumentar, de julgar para podermos fazer escolhas e tomarmos decisões que propiciem uma inserção mais consciente frente aos problemas e processos educacionais, sociais, políticos e econômicos.

Os resultados deste estudo provocaram outras inquietudes a respeito da importância de estudar e interpretar, na história da educação, como os outros agentes da escola, os

inspetores, os diretores, os técnicos de ensino e os alunos se apropriaram desses ideais e quais os significados históricos e as contribuições efetivas trazidas por eles. Fica aqui a sugestão para futuros trabalhos de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIALLI, L. P. Páginas Floridas, repartindo alegria na arte de pintar. maio. Itumbiara: Gráfica Alfa, 2008.

ARANTES, J. **Corografia do Município de Uberlândia**. Uberlândia: ed. Pavan, 1938.

_____. “Sucupira Centenária” In: **Monografia de Uberlândia**. Rio de Janeiro: Ed. Universal publicidade Ltda, 1957.

_____. **Cidade dos meus sonhos**: memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: Edufu, 2003.

ARAUJO, J. C. S. Os grupos escolares em Minas Gerais como expressão de uma política pública: uma perspectiva histórica. In: VIDAL, D. G.(Org.) et al. **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil. (1893-1971)**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p. 233-255.

_____. O professor em Minas Gerais nos Anos 1920, segundo a ótica do Estado. V Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais. **(Re) Visitando as Minas e Desvelando os Gerais**. 5-7 de maio de 2009 Anais. Unimontes, Montes Claros ISSN: 1809-8657 2009.

_____. A GÊNESE DA ESCOLA NORMAL DE UBERLÂNDIA, MG: O Contexto Estadual e a independência cultural em 1926 In: ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B. de; LOPES, A. de P. C. (Orgs). **As Escolas Normais no Brasil: do império à república**. Campinas, SP: Alínea, 2008. p. 321-340.

ARAUJO, M. M.; AQUINO, L.C. de; LIMA, T.C.M.L. Considerações sobre a escola normal e a formação do professor primário no Rio Grande do Norte (1839-1938). In: ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B. de; LOPES, A. de P. C. (Orgs). **As Escolas Normais no Brasil: do império e república**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2008. p. 191 – 202

BARROS, M. M. L. **Memória e família**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, n. 3, p. 29-42, 1989.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASBAUM, L. **História Sincera da República**: de 1930 a 1960. 4ª ed, São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Panorama da Educação Nacional** (Discursos do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Gustavo Capanema - 02/12/1937). Rio de Janeiro: Serviços Gráficos do Ministério da Educação e Saúde - Boletim Realizações 1, 1937.

BORGES, V. L. A. Subsídios para a História da Formação Docente no Brasil. Minas Gerais (1892-1930). In: GATTI JÚNIOR, D. & INÁCIO FILHO, G. (Orgs.) **História da Educação em Perspectiva**: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 227-262.

_____. **O Caráter Nacional da Educação em Minas: Revista do Ensino (1925-1929)**. Dissertação (Mestrado). Campinas: Unicamp, 1993.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: ed.t.a.Queiroz, 1987.

CAMPOS, F. Regulamento do Ensino Primário – Exposição de Motivos. In: **Pela civilização mineira**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1945. p. 9-36.

CAPANEMA, G. Discurso do Ministro Gustavo Capanema. In: **Panorama da Educação Nacional** (Discursos do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Gustavo Capanema - 02/12/1937). Rio de Janeiro: Serviços Gráficos do Ministério da Educação e Saúde - Boletim Realizações 1, 1937.

CARVALHO, M. M. C. de. **Molde Nacional e forma cívica, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Tese de doutorado – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo. 1986.

CARVALHO, J. M. de. **A formação das Almas**: o imaginário na República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

CARVALHO, C. H.; ARAUJO, J.C.S.; NETO, W.G. Discutindo a História da Educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). In: ARAUJO, J.C.S. & GATTI JUNIOR, D. (Orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira**:

instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002. p. 67-89.

CARVALHO, L. B. de O. B. de. A Configuração do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no contexto republicano (Uberabinha-MG 1911-1929). Dissertação (Mestrado) Uberlândia: Faculdade de Educação/UFU, 2002.

CERTEAU, M. de; **A invenção do cotidiano.** artes de fazer. v. 1. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAIYOL, P. **A invenção do cotidiano:** Morar, cozinhar, v.2. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, M. T. S. Saberes Impressos escritas de civilidade em impressos educacionais (1930-1950).In YAZBECK, D. C; ROCHA, M. B. M. da. **Cultura e História da Educação:** intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa. Juiz de Fora: ed. UFJF, 2009.p. 233- 251.

DANTAS, S. M. **Veredas do progresso em tons altissonantes Uberlândia (1900-1950).** Dissertação (Mestrado). Uberlândia: Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

Diccionario de las Ciencias de la Educación, Madrid: Santillana, 1983.

DOMINICÊ, P. **L' histoire de vie comme processus de formation.** Paris: Éditions L'Harmattan, 1990.

DURÃES, S. J. A. **Escolarização das diferenças: qualificação do trabalho docente e gênero em Minas Gerais (1860-1906).** tese (Doutorado). São Paulo: PUC/SP, 2002.

_____. A escola como lugar: grupos escolares no Norte de Minas Gerais (1909-1937). Apresentação. (Org) DURÃES, S. J. A.. Montes Claros: ed. Unimontes, 2009.

EDWARDS, Elizabeth. Antropologia e fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem.** Rio de Janeiro: 2 (1), 1996. p. 11-28.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador.** v. 2. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1993.

ESCOLANO B. A. Las Escuelas normales, siglo y médio de perspectiva histórica. **Revista de Educación**. n. 269. Madrid: MEC, 1982. p. 55-76.

FARIA FILHO, L. M. de. **Dos Pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906-1918)**. Tese (doutorado em Educação). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In LOPES, A. & MACEDO, E. (orgs.) **Disciplinas e Integração Curricular: História e Políticas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Instrução elementar no século XIX. (Orgs.) LOPES, E. M. T; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p. 136-150.

_____. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Rio Grande do Sul: Ed. Passo Fundo, 2000.

FARIA FILHO, L. M. de; VAGO, T. M. A Reforma João Pinheiro e a Modernidade pedagógica. In: **Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Set/2000. p. 33-47.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª edição. Ed. Positivo, 2004.

FONTOURA, A. **Metodologia do Ensino Primário**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Aurora Ltda. 1959.

GATTI, G. C. do V. & FILHO, G. I. História e Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950). **Educação e Filosofia**, v.18, mai, 2004. p. 69-104.

GATTI JUNIOR, D. & CARVALHO, L. B. O. B. A história das instituições educacionais na República Velha: um estudo de caso do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão (Uberlândia 1911-1930) **Boletim Informativo Especial do CDHIS**, nº22, ano 11, 1º semestre de 1998.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História da Educação**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, I. A. **Cultura Escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONZÁLEZ PECOTCHE, C. B. **Introdução ao Conhecimento Logosófico**. São Paulo: Ed. Logosófica, 1996.

_____. **O Espírito**. 6ª Ed. São Paulo: Ed. Logosófica, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade. Os processos de construção da informação. Tradução Marcel Aristides F. Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUALTIERI, R. C. E. A educação do “homem-espécie” – Eugenia e pensamento pedagógico no Brasil das décadas de 1920-1940. **VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. 20-23 de jun. Porto: Faculdade de psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto), 2008.

GUSMAN, M. de. **Vida y muerte de lãs escuelas normales** – historia de La formación Del magistério básico. Barcelona: PPU, 1986.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: ed. Centauro, 2004.

JULIA, D. A Cultura escolar como Objeto Histórico. *Revista Brasileira de história da Educação*, número 1, jan/jun, 2001, p. 9-43.

KULESZA, W. A. A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870-1910). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: v. 79, n.193, set/dez. 1998. p. 63-71.

LOPES, A. R. C. Conhecimento escolar: Inter-Relações com Conhecimentos Científicos e Cotidianos. **Contexto e Educação**. Injuí: Ed. INIJUÍ, v. 11, n. 45, jan/mar. 1997.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**, 7ª Ed, São Paulo: Melhoramentos, 1962.

MAGALHÃES J. A história das instituições educacionais. In: GATTI JÚNIOR, D. & INÁCIO FILHO, G. (Orgs.) **História da Educação em Perspectiva** – ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 97-101.

MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: v. 65, n. 150, p. 407-425, maio/ago, 1984.

MARTINS, R. M. S. A Formação Política do professor de educação infantil no contexto atual em Uberlândia. In: LIMA, M. H. de. **A cientificidade na formação docente: contextualizações do cotidiano acadêmico**. Uberlândia: ed. Estrela Cadente, 2008. p. 107-142.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: ed. Loyola, 1996.

MINAS GERAIS, Lei nº 439, de 28 de setembro de 1906. Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1906.

MINAS GERAIS, Decreto nº 1.960, de 16 de Dezembro de 1906. Regulamento da Instrução Primária e Normal do Estado de Minas Gerais. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1906.

MINAS GERAIS. Decreto nº 8.094, de 22 de dezembro de 1927. Collecções das Leis e Decretos (1927). Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1928, V.3, p. 1556-1824.

MINAS GERAIS. Decreto nº 8.162, de 20 de Janeiro de 1928. Collecções das Leis e Decretos (1928). Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1928, V.3, p. 81-128

MINAS GERAIS. Decreto nº 7.970-A, de 15 de outubro de 1927. Collecções das Leis e Decretos (1927). Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1928, V.2, p. 1139 - 1295.

MINAS GERAIS. Decreto nº 6831/1925 que regulamentava o Ensino Normal em Minas Gerais. Collecções das Leis e Decretos (1925). Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado,

MOURÃO, P. K. **O ensino em Minas Gerais no tempo do império**. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1959.

_____. **O ensino em Minas Gerais no tempo da República**. Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1962.

NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**, 2ª ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓBREGA, P. de. Grupos escolares: Modernização do ensino e poder oligárquico. In: DALLABRIDA, Norberto. **Mosaico de escolas: Modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003. p. 253-280.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC-SP, n.10, 1993.

PEIXOTO, A. M. C. Uma nova era na escola mineira: a reforma Francisco Campos e Mario Casasanta (1927-1928). In: LEAL, M.C. e PIMENTEL, M. A. L. (orgs). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p.75-115.

PEIXOTO, A. M. C. Triste retrato a educação mineira no Estado Novo. In: **Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Set/2000. p. 85-103.

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira**: a organização escolar. 18ª Ed, Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

ROCHA, M. B. M. da. **Matrizes da modernidade republicana: cultura política e pensamento educacional no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados: Brasília; DF: ed. Plano, 2004.

RODRIGUES, J. de F. F. Nas sendas do progresso: trabalho e disciplina. Uberlândia, um percurso histórico. **Cadernos de História Especial**. v.4, nº 4. Uberlândia: Edufu, Jan/1993.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis, Rio de Janeiro: ed. Vozes, 2001.

_____. Minas e os Primórdios da Educação. In: **Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. set/2000. p. 9 - 17.

SANTOS, S. M. História de formação de alfabetizadoras -1931 a 1951. In: (Orgs) GALVÃO, A. C. T. & SANTOS, G. L. dos. **História e pensamento educacional, formação de educadores, políticas públicas e gestão da educação**. Brasília: Liber Livro Editora, ANPED - Centro Oeste, 2008. p. 9-39.

SANTOS, S. M & ARAUJO, R. O. História Oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia: Edufu. nº 6, p. 191- 201. jan/dez, 2007.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 8ª ed, Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. Prefácio. In: ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B. de; LOPES, A. de P. C. (Orgs). **As Escolas Normais no Brasil: do império à república**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2008.

SCHWARTZMAN, S. Educação básica no Brasil: a agenda da modernidade In: **Estudos Avançados**, São Paulo/USP v.05, nº. 13 p.49-60. 1991.

SILVA, T. T. da. Apresentação In: GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SOUZA, R. F de. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SPENCER, H. **Ensayos de pedagogia**. Madrid: Akal, 1983. p. 29-87.

TANURI, L. M. O ensino normal no Estado de São Paulo: 1890-1930. São Paulo: Faculdade de Educação da USP-SP, 1979.

_____. História da Formação de Professores. **Revista Brasileira de Educação**. nº. 14 Mai/Ago. São Paulo: UNESP, 2000. p. 61-88.

TEIXEIRA, T. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central**. Uberlândia: Uberlândia Gráfica, 1970.

TEIVE, G. M. G. “**Uma vez normalista, sempre normalista**”: cultura escolar e produção de um hábitus pedagógico (Escola normal Catarinense-1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 3ª ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p.137.

TOULIER, B. L’architecture scolaire au XIXème siècle: de l’usage des modèles pour l’édification des écoles primaires. Histoire de l’éducation, INRP, nº 17, p. 1-46, 1982.

VAZ, A. C. EDUCAR A PÁTRIA PARA O LABOR O Dia do Trabalho no Ensino Primário de Minas Gerais (1937-1945) In: VAGO, T. M. & OLIVEIRA, J. de O. (Orgs). **Histórias de Práticas educativas**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2008.

VARGAS, G. A escola e a ação dos professores. (Discurso pronunciado no Instituto de Educação, por ocasião da formatura das novas professoras do Distrito Federal, a 18 de dezembro de 1938). In: **A Nova política do Brasil**, V. X, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1943,

VEIGA, C. V. **História da Educação**. São Paulo: ed. Ática, 2007.

VILLELA, H. de O. S. A Primeira Escola Normal do Brasil. In: ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B. de; LOPES, A. de P. C. (Orgs). **As Escolas Normais no Brasil: do império à república**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2008. p. 29-45.

FONTES ORAIS

FREITAS, Florespina Soares de. Entrevista concedida a Rosa Maria de Sousa Martins, Uberlândia/MG 02/09/2008. transcrita e digitada, 2008.

PEREIRA, Edith Costa. Entrevista concedida a Rosa Maria de Sousa Martins de Uberlândia/MG 22/09/2008. transcrita e digitada, 2008

CARRIJO, Ivete. Entrevista concedida a Rosa Maria de Sousa Martins. Uberlândia/MG 29/09/2008. transcrita e digitada, 2008.

ANTONIALLI, Laurita Pacheco. Entrevista concedida a Rosa Maria de Sousa Martins. Uberlândia/MG, 23/10/2008. transcrita e digitada, 2008.

FONTES DOCUMENTAIS

Livros de Atas de reuniões das professoras. Documento da Secretaria do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. Uberlândia/MG. (1932-1937), (1937-1944) e de (1944 - 1948).

Livro de Termos de promoção de actas de exames dos alunos do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão ou termos referentes a comemorações e solenidades. Uberlândia 30 de novembro de 1930.

Ata da Câmara Municipal de Uberabinha, de 21 de Novembro de 1924. Uberabinha: Sala de reuniões do Paço Municipal. CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABINHA.

Instrução nº 16, do Departamento de Educação, publicada no jornal Minas Gerais de 4 de setembro de 1942. Arquivo da Secretaria do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, Uberlândia-MG.

Instrução nº 13 do Departamento de Educação, publicada no jornal Minas Gerais de 21 de Janeiro de 1942. Arquivo da Secretaria do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, Uberlândia-MG.

ANEXOS

ANEXO 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA:

1-DADOS PESSOAIS E FAMILIARES: Fale um pouco sobre a sua infância e a sua família. Quando e onde nasceu?

2-FORMAÇÃO ACADÊMICA: O que você se lembra do período de sua formação como professora? Onde você estudou? Quais foram as disciplinas mais importantes que você estudou? Como as aulas aconteciam? O que você mais lia, na época?

3-DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL: Como aconteceu a sua decisão de ser professora primária? Onde e em que período trabalhou? Como planejava e preparava as suas aulas? Como dava as aulas?

4-RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS, ORIENTAÇÕES E RELACIONAMENTO: De quem você recebia as orientações para dar as aulas? Que orientações eram passadas? Como era o seu relacionamento com os alunos e as colegas professoras?

5- COMEMORAÇÕES, ATIVIDADES CÍVICAS: Havia comemorações cívicas na escola? Que significava para você, estas atividades cívicas? O que você ensinava? Como? Por quê?

6-ATIVIDADES DE SAÚDE E HIGIENE: Como eram passados para os alunos os cuidados com a higiene? Qual a importância desses cuidados para a saúde? Havia pelotões de saúde na escola?

7-ORDEM E DISCIPLINA: Que importância você dava para a disciplina e a ordem na educação dos alunos? Para você o que é uma classe disciplinada? Como mantinha a disciplina na sala?

8-FORMAÇÃO MORAL: O que você considerava importante ensinar para os alunos sobre a formação moral? Recorda de algum valor moral importante que você ensinava? Recorda de algum provérbio que ensinava para os alunos?

9-OBRIGAÇÕES ESCOLARES: Para você, quais eram as suas responsabilidades e os direitos, como professora? Os alunos tinham obrigações escolares?

10-POLÍTICA: Qual a sua impressão sobre a política na época?

11- O SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO, DA ESCOLA E DO PROFESSOR: Para você qual o significado da educação, da escola e do professor, na época? E hoje? Que recordações você guarda dessa profissão?

ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Esta entrevista foi **concedida** À pesquisadora Rosa Maria de Sousa Martins, na residência da professora Freitas, na cidade de Uberlândia/MG, no dia 02 de setembro de 2008.

Dados pessoais e familiares

Pesquisadora: Fale um pouco sobre a sua infância e a sua família. Quando e onde nasceu:

Professora Freitas: Eu nasci no dia 16 de abril de 1921, em Ituiutaba-MG, no Triângulo Mineiro. Hoje eu estou com 87 anos. Mamãe teve 18 filhos, alguns morreram menores. Nós morávamos na fazenda. Papai era fazendeiro forte. Ele tinha mais de 20 fazendas. Ele atuou na guerra do Paraguai e recebeu de D. Pedro II a carta da guerra do Paraguai. Ele foi o coronel da Guarda Nacional. Era o Coronel Jose Soares em Ituiutaba - MG. Todos os meus irmãos já morreram, mas eu tenho muitos sobrinhos.

Nós mudamos para a cidade de Frutal, onde o meu irmão residia e trabalhava como advogado. Nós ficamos em Frutal até 1941. Nesta cidade eu atuei como professora primária, no Grupo Escolar Gomes da Silva de 1938 até 1941. Em 1942, após a morte do meu pai, nós viemos para Uberlândia.

Formação acadêmica

Pesquisadora: O que você se lembra do período de sua formação como professora? Onde você estudou? Quais foram as disciplinas mais importantes que você estudou? Como as aulas aconteciam? O que você mais lia, na época?

Professora Freitas Em 1930 eu estudei no Grupo Escolar João Pinheiro de Ituiutaba. Era o único grupo escolar da cidade.

Eu me lembro, quando fiz 10 anos, estava no quintal de casa e meu irmão me perguntou o que eu estava fazendo.

Eu disse pra ele: __A minha escola é aqui. Quero ser professora.

Ele respondeu: __Não vai ganhar nada; trabalha, trabalha e fica pobre.

Eu respondi: __Não preciso de dinheiro, eu não preciso de dinheiro, eu vou precisar muito é de aluno para ensinar o que eu vou aprender. Porque quero ser professora; é isso o que eu quero. Ele perguntou: __ Você não quer ir para Belo Horizonte estudar? Eu respondi: __Não, quero ser professora.

Os meus irmãos mais velhos formaram-se em Ouro Preto e as minhas irmãs foram para Ribeirão e Uberaba estudarem. Uma fez Farmácia e a outra Odonto.

Ele respondeu: __ Então vou levar você para Uberlândia, para a Escola Normal, ser aluna do professor José Inácio. Falam que ele é bravo.

Respondi: __Quero ser aluna dele, ele pode ser bravo. Eu tenho memória.

A minha mãe disse: __Ela quer ser professora, deixa ser o que ela quiser, porque vocês estudaram o que quiseram.

Eu tinha um irmão advogado muito talentoso.

Esse irmão disse: __Não vai ser professora não. Professora sofre muito.

Eu disse: __Quando a gente gosta, a gente não sofre.

Eu fiz o curso Normal, na Escola Normal de Uberlândia Professor José Inácio de Sousa. Formei-me em 1937. Eu era aluna interna, muito nova, só tinha 11 anos, já estava no 3º normal. Por causa de um Decreto a gente fazia um exame depois da 4ª série e já passava para o 2º normal.

No curso Normal estudei Português, Matemática Geografia, Ciências, História, Educação para o Lar, música e Física. Tinha a professora Benedita Escobar de geografia. O Dr. Manoel, filho do professor José Inácio, era Professor de Ciências. Dona Ana Godoy de Sousa esposa do professor José Inácio lecionava Educação para o Lar. O Professor Nelson Cupertino era professor de Matemática. O Professor Andrade também era professor de Matemática, excelente professor de frações. Aprendi muito com ele. Lembro-me da gramática de Eduardo Carlos Pereira. A Professora Anita veio de Ouro Preto e dava aula metodologia. O Dr. Manoel dava aula sobre educação. Ele era muito rigoroso. Exigia demais, mas instruía muito. Lecionava ciências também. O Professor José Inácio era professor de português. Ele era excelente, muito bom, mas muito nervoso. A professora de Música se chamava Lígia Santa Cecília e a professora de Educação Física se chamava Eurídice Ribeiro.

O programa não era rígido. Lembro-me de que a gente ia aprendendo. Os professores davam a matéria que era ensinada na escola primária. Soma, subtração, multiplicação e divisão. Só no último ano eles começavam a dar as letrinhas XY, e as equações. Mas antes ensinavam bem as quatro operações.

Nas aulas de Ciências, ensinavam muita coisa sobre a natureza. O professor Dr. Manuel dava demais, sobre as folhas, o papel da árvore na vida humana, sobre a natureza, os campos, as florestas, o meio-ambiente. Tinha poucos professores na época.

As aulas de psicologia eram sobre a formação da criança nas diversas idades. Lembro que recomendavam para ter muita paciência, porque nem todas as crianças eram iguais. Recomendavam para não dar aula de modo geral. Falavam muito que cada criança reagia de modo diferente, por isso devíamos ter muita paciência. Não devíamos dar castigos rigorosos, severos, para não afastar a criança da escola, pois tinha poucas crianças. Devíamos respeitar muito a criança, ter muita paciência, para ir arrebanhando cada vez mais. Também era recomendado para dar a parte lúdica. Eu gostava muito de dar brinquedos e levar os alunos para o pátio.

Na aula de metodologia de ensino, os professores falavam sobre o respeito e a formação de hábitos, de atitudes e de habilidades. Eu era muito nova. Eles orientavam muito para respeitar bastante a criança. Mas nós deveríamos também, exigir e fiscalizar os objetos escolares.

Eu fazia estágio, na própria escola Normal. Lá tinha o curso primário. Os professores levavam a gente para assistir aula no curso primário. A Professora do 2º ano era a dona Iraci Junqueira. Ela era muito boa para explicar. A Professora Isabel Bueno era professora de matemática. No estágio, primeiro a gente assistia às aulas, depois a gente dava uma ou duas aulas.

O professor de filosofia ensinava sobre o Ideal: que era se ocupar com aquilo com que está de acordo, com o que a gente pensa, com o que a gente quer. A gente devia saber o que é ser professor, devia saber transmitir, saber que direção tomar na vida profissional e saber respeitar a sala de aula, dando conhecimentos necessários para as séries que vai ensinar.

Eu gostava de ler. Eu tinha a coleção de Guimarães Rosa, de Machado de Assis, de Stefan Zweig escritor austríaco. O livro que eu mais gostei foi o de Euclides da Cunha: Os Sertões. Nesse livro tinha a frase: “O Brasileiro é antes de tudo um forte”. Eu gostava, porque demonstrava uma das características do brasileiro.

Desenvolvimento profissional

Pesquisadora: Como aconteceu a sua decisão de ser professora primária? Onde e em que período trabalhou? Como planejava e preparava as suas aulas? Como dava as aulas?

Professora Freitas: Depois de formada, por volta de 1942, eu fui convidada pelo professor José Inácio de Sousa para substituir a professora Silvia Alessandre de História, nos meses de setembro a dezembro na Escola Normal de Uberlândia.

Na época o Dr. Vasco Gifone, prefeito de Uberlândia, ia nomear algumas professoras, então o meu irmão, que era advogado em Uberaba, deu meu nome para ele. Ele nomeou três professoras inclusive eu. Eu ia para Belo Horizonte continuar os estudos, mas decidi ficar em Uberlândia, porque fui nomeada professora. Minha nomeação saiu no dia 16 de abril de 1942 como professora para o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. Eu lecionei nesse grupo de 1943 a 1947 (5 anos).

Eu fui recebida na escola pela Dona Olga Bernardes, auxiliar da diretora. Dias depois eu conheci a diretora, dona Judith Moreira. Iniciei a carreira em uma classe de 1º ano e no ano seguinte fui para o 4º ano. Gostei muito de ser professora primária.

Para a gente planejar as aulas, tinha um programa para cada ano. No grupo tinha uma biblioteca muito boa. Mas eu comprava muitos livros, na livraria Cosmos. Eu usava todos os livros indicados no Programa: Monteiro Lobato, livros sobre os índios, Castro Alves, Olavo Bilac, José de Alencar, eu contava as histórias para as crianças e depois emprestava para elas levarem para casa. Nós formamos uma biblioteca na sala com livros de histórias infantis e outros recomendados pela secretaria da Educação. Os alunos que mais liam eram: Badue Simão, Mário Zumpano, Terezinha Fonseca, Georgina Simão e Francisco de Sousa.

Eu gostava de dar aula de Português, talvez porque aprendi muito com o professor José Inácio. Ele era tão rigoroso, exigia tanto das alunas que nós chegamos a decorar grande parte da Gramática, era o que ele mais exigia. Quando ele dava aula, nós já sabíamos os exemplos da Gramática de Eduardo Carlos Pereira. Cada um tinha a sua.

Na aula de Português eu dava uma introdução para despertar nos alunos a vontade de aprender. Eles ficavam tão quietinhos. Muitos alunos eram das principais famílias de Uberlândia. Eles tinham uma boa criação. Eles tinham bons hábitos, formados em família, tinham muito respeito e eram obedientes. Eles sabiam esperar, não eram agitados. Quando chegavam no 4º ano, os pais queriam que estudassem sempre no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, porque era a única escola pública. Tinha duas ou três escolas particulares, mas as crianças iam para o Bueno Brandão, porque tinha um pátio grande, boa merenda e brincavam muito. Tinha também a professora de Educação física.

Quando estávamos na Escola Normal, a professora Dona Eurídice Ribeiro, foi uma das melhores professoras de educação física. Tivemos um bom curso de educação física. Ela dava ginástica de chão.

Eu também dava aula de Educação Física para os meus alunos, porque esta aula desenvolvia muito a respiração, o organismo, os membros do corpo e a postura. Eu dava ginástica de chão e muito brinquedo. Os alunos gostavam muito da parte lúdica. A gente fazia batalha, competição. Eu gostava de ver os alunos competindo, por causa do entusiasmo pela vitória.

Na época, ainda ensinava muito tabuada. Eu aboli a tabuada. Eu achava que a memória podia trabalhar livremente, podia raciocinar. Nosso professor Andrade falava que a multiplicação era o resultado da soma. Eu acompanhava muito o desenvolvimento dos meus alunos.

Em História, eu ensinava a vinda de Dom João VI para o Brasil, o descobrimento do Brasil. Os alunos pesquisavam também, iam duas vezes por semana na biblioteca. Eu dava muito livro para os alunos pesquisarem. Eu tinha também por hábito todo mês fazer provas, de história, de geografia, de português, de matemática, de ciências eram provinhas para ver se os

alunos estavam aprendendo e desenvolvendo. As classes eram tão boas! Eram alunos que tinham ambiente, tinham facilidade de conseguir informações sobre os conteúdos. Nós fazíamos muitas excursões para conseguir informações preciosas. Tinha muito filho de médico. Algumas crianças, os pais tinham dificuldade, mas não faltavam. Elas iam até a minha casa para saber direitinho, para fazer prova. A maioria era de poder aquisitivo médio. Na sala eu tinha 28 alunos. Alguns alunos eram de poder aquisitivo menor, mas eles eram bem dotados, tinham facilidade para reter conhecimentos.

Na época, eram muito comum as arguições sobre geografia, história e ciências. A gente determinava os dias das arguições. Os alunos ficavam tão entusiasmados.

Eu gostava muito do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. O ambiente era excelente, não dificultavam o trabalho da gente e favorecia as pesquisas. Era um ambiente de muita democracia. Dona Olga foi uma excelente vice-diretora. Ela tinha um relacionamento altruísta, não se envolvia com pequenas coisas, não discriminava nem professores e nem alunos. Ela era bondosa. Eu nunca faltei e nunca dei motivo.

A nossa orientadora, Maria Aparecida Lomônaco, de vez em quando, entrava na sala e conversava com os alunos. Ela sentia que os alunos estavam sendo bem preparados, que não iam perder o ano. Ela observava que a classe estava homogênea na aprendizagem. Ela me elogiava. Ela percebia que eu cumpria com as orientações, que eu não perdia tempo. Eu gostava dela e de receber elogios dela. Ela fez o curso em Belo Horizonte.

Relações administrativas orientações e relacionamento

Pesquisadora: De quem você recebia as orientações para dar as aulas? Que orientações eram passadas?

Professora Freitas: Dona Aparecida Lomônaco, orientadora e Dona Lourdes de Carvalho diretora, passavam as normas e as orientações nas reuniões. Elas falavam sobre o aproveitamento escolar, sobre como levar os alunos a conhecerem o que eles experimentavam. Falavam dos lugares que os alunos deveriam frequentar: os clubes, as praças de esportes, os postos de saúde. Orientavam também sobre a alimentação, diziam que as crianças não podiam ficar muitas horas sem comer, deviam tomar um café reforçado de manhã. Nós tínhamos a cantina na escola. No recreio tinha sopa na cantina e nós deveríamos incentivar os alunos a tomarem a sopa, porque a boa alimentação ajudava a mente a se desenvolver.

Nós recebíamos, também, as orientações sobre as instituições escolares: os clubes de saúde, o jornalzinho escolar, a organização dos pais. Os pais tinham por costume frequentar as festas cívicas.

Nas reuniões, falavam muito de auditórios com apresentações de poesias que tinham nos programas. O programa de ensino era muito bom, completo. Recordo de Marieta Leite, da Canção dos tamanquinhos. Os alunos gostavam. Nos auditórios, eles homenageavam as professoras, cantavam o Hino Nacional, o Hino a Bandeira, e canções patrióticas. A professora de música ensaiava os alunos uma semana antes.

Pesquisadora: Como era o seu relacionamento com os alunos e as colegas professoras?

Professora Freitas: Meu relacionamento com os alunos era excelente. Tratava todos com o mesmo pé de igualdade. Eu fui boa professora viu!!! (gargalhada).

Todos falavam: __Não tem um senão com os alunos. Nunca se escuta nada de ruim.

Eu tinha boas colegas, boa diretora Lourdes de Carvalho, ela era muito minha amiga. O que eu pude dar eu dei.

Havia pouco relacionamento de um turno para o outro. O ambiente era um pouco arredo, era restrito, porque nem todas eram conhecidas; umas trabalhavam de manhã, outras à tarde, havia muita substituição, muitas professoras pediam licença. Eu nunca faltava e nem tirava licença.

Dona Manoelita, o seu 1º ano era uma belezinha, era bem velhinha. Dona Edith Pereira era muito querida pelo seu gênio amável e reservada. Todas as professoras eram ótimas. Era um meio muito bom.

Eu morava perto da professora Edith, a gente subia junto todo dia. Nós tínhamos um bom relacionamento.

Comemorações: atividades cívicas

Pesquisadora: Havia comemorações cívicas na escola? O que significava, para você, as atividades cívicas? O que você ensinava sobre os símbolos nacionais? Como? Por quê?

Professora Freitas: O civismo é um sentimento de brasilidade, é lutar para que a sua Pátria seja de seus filhos. O civismo representa o patriotismo, é como se guardássemos a Pátria no coração, é amar verdadeiramente a Pátria, produzindo, fazendo e realizando.

Os meus alunos comemoravam muito o dia 13 de maio, falavam da bondade da princesa Isabel. Ela era exaltada por eles. Eles falavam de Castro Alves, da liberdade dos escravos. Nós comemorávamos o dia 21 de abril, o dia de Tiradentes, o dia do soldado, 25 de agosto, demonstrávamos o valor do soldado, porque ele tinha defendido a Pátria. A semana da árvore e a semana da Pátria, também eram comemoradas. As comemorações aconteciam no pátio da escola. Em junho, as comemorações giravam em torno os festejos religiosos, tinha as quadrilhas. A família era convidada. Era bom. Nem todas as famílias compareciam, porque trabalhavam, mas as que podiam compareciam.

Alguns pais pediam a palavra nos auditórios, Dr. Euclides de Freitas gostava de falar. Ele falava que teve a glória de ter ido a Ouro Preto e ver, no centro da praça, a imagem de Tiradentes em tamanho natural.

Para o hasteamento da Bandeira formavam uma comissão que ia carregar a bandeira. A gente ouvia Hino de uma radiola. As crianças ficavam numa posição corretíssima para cantar o Hino.

Houve um período que nós recebemos uma ordem de Belo Horizonte para hastearmos a bandeira toda semana. Dona Lourdes de Carvalho, a diretora distribuía cópias do Hino Nacional e nas capas dos cadernos também tinha a letra do Hino.

Eu ensinava quem escreveu o Hino Nacional, por que escreveu e quando escreveu. Explicava que o Brasil precisava ficar independente e devia ter o seu próprio hino. As crianças sentiam a beleza da letra do Hino. Eles procuravam os adjetivos no dicionário. Para ouvirem o Hino ficavam de pé e colocavam a mão no coração. Eu ficava empolgada ensinava de coração o Hino Nacional. Para os alunos que tinham mais dificuldades eu ensinava sob forma de competição, para estimulá-los a aprenderem. Ensinava também o Hino à Bandeira. Eu fazia os alunos copiarem os Hinos e depois analisava junto com eles. Nós estudávamos os significados dos adjetivos.

Minhas aulas eram muito boas!!! Eu tenho consciência. Eu posso dizer pra você que dei aula com o coração, com amor e grande veneração pela terra onde nascemos. [emoção] e com sabedoria! Eu lia muito. Eu estudava muito. Tanto é que eu quis fazer o curso de diretora... [emoção]. Eu nunca esmoreci na luta não. Eu tinha ambiente em casa, meus irmãos eram todos formados.

Ensinar os Hinos significava despertar o espírito de brasilidade nos alunos. Fazer os alunos gostarem da Pátria. Gostarem do Brasil.

Uma vez um aluno falou assim pra mim: __ Dona Pina, eu tinha impressão que o Brasil era só aqui em Uberlândia.

Eu respondi: __ Não, bem, o Brasil é um país. Eu tinha obrigação de ensinar porque País, porque Estado e porque Município.

Eu colocava nas provas: Quem era Tiradentes? Este a gente explorava mais, mostrava gravuras e quadros. A gente falava muito de Ouro Preto. Tiradentes era um caráter que devia ser reverenciado a vida inteira porque deu ao país a sensação nítida e forte do que era a liberdade. Os alunos sentiam a morte dele e manifestavam a vontade de conhecer São João Del Rei e Ouro Preto. Eu falava também sobre Felipe dos Santos, soldado brasileiro que antecedeu Tiradentes na luta pela liberdade.

Eu ensinava, também muito sobre a arte, sobre Aleijadinho. As crianças acompanhavam tudo. As classes eram muito boas! Mas acho que dependia do tom de voz. Para dar aula a professora tem que ter uma voz própria, não pode ser muito alta, nem muito baixa. Uma voz que chame atenção e seja convidativa. Para a aula ser boa o professor não pode exceder nas tarefas e não deve ir além da compreensão das crianças.

Atividades de saúde e higiene

Pesquisadora: Como eram passados para os alunos, os cuidados com a higiene? Qual a importância desses cuidados para a saúde? Havia pelotões de saúde na escola?

Professora Freitas: Sobre a higiene, cada professora cuidava de seus alunos. Na escola tinha bastante água, pias para lavar as mãos, cada aluno levava o seu copo, alguns alunos tomavam água na mão e a gente chamava a atenção porque estavam sem copo.

A dona Lourdes de Carvalho gostava do pelotão de saúde. Ela ajudava na formação do pelotão de saúde no 3º e 4º ano. Havia um programa para o pelotão de saúde. As diretorias de vez em quando visitavam a classe. Havia muito pouco remédio na escola. Mas para fazer curativo tinha. A enfermaria era fraquinha. Os pelotões de saúde faziam preleções sobre a saúde na escola, e em casa. Falavam do valor do banho, para brincarem com moderação para não suarem muito. Os pelotões de saúde orientavam que o melhor horário para brincar seria de manhã. Mas os alunos diziam que brincavam à tarde, porque estudavam de manhã.

Eu orientava para não caírem no chão, porque senão sujavam a roupinha, que não deveriam dar trabalho para mamãe. Pedia para engraxar os sapatinhos... (risada)

Ordem e Disciplina

Pesquisadora: Que importância você dava para a disciplina e a ordem na educação dos alunos? Para você o que é uma classe disciplinada? Como mantinha a disciplina na sala?

Professora Freitas: Eu não tive problema de disciplina. A professora Edith teve. De vez em quando ela reclamava que tinha uma aluna que brigava muito. Eu nunca tive problema. Os alunos se comportavam, porque tinha muita tarefa. Eu também andava muito na sala. Eu conversava muito com os eles sobre as tarefas. Às vezes eles faziam só a metade, então eu perguntava por que, e eles respondiam que não souberam ou que não tiveram tempo.

Uma classe disciplinada é onde todos participam, respeitam uns aos outros e têm bons hábitos. Eu acho que é uma disciplina que não tem reações contrárias, que sabe esperar a sua vez. A agente passava algumas indicações, recomendações e orientações, principalmente na saída da sala, para não perturbarem as outras salas. Também porque os alunos brigavam na porta da escola.

Em frente à escola tinha uma praça com bambus. Os alunos iam pro meio dela brigar. Dona Judith Moreira, a diretora, de vez em quando tinha que chamar os pais. Mas eu acompanhava os meus alunos até o portão.

A gente também dava orientações de um modo geral, como entrar nas matinês, como comprar passagens para as matinês, para não jogarem pedras.

Formação Moral

Pesquisadora: O que você considerava importante ensinar para os alunos sobre a formação moral? Recorda de algum valor moral importante que você ensinava? Recorda de algum provérbio que ensinava para os alunos?

Professora Freitas: A moral é um sentimento construtivo, que eleva e edifica a pessoa. Ela dá confiança e muita segurança, não destrói e satisfaz a mente. Pode ser demonstrada através da obediência, das atitudes, no relacionamento e na conduta.

Eu dava muita aula de moral. Aconselhava os alunos a respeitarem os outros, terem amizades e serem amigos dos vizinhos. Eles colaboravam muito.

Penso que é muito importante ensinar para os alunos o respeito. Deviam sempre respeitar uns os outros, principalmente os pais. Eu ensinava a serem humildes. Eu valorizava muito a humildade. Eu pedia também, para não se esquecerem dos deveres que tinham com a igreja.

Eu falava: __Mamãe vai à igreja, vocês vão junto para aprenderem a rezar. Não é só pedir, é agradecer também. Isso era para a formação pessoal deles.

Eu combatia a mentira. Tinha uns alunos, a gente percebia que gostavam de uma mentirinha. Eu falava contra a mentira. Combatia muito. A verdade deveria ser um hábito. Isso era para a formação de valores. Eu colocava no quadro o provérbio: “A união faz a força”, porque a comunhão de idéias e o esforço dão segurança na vida futura. Eu também gostava do provérbio: “Deus ajuda quem cedo madruga”. Isso faz ganhar tempo e se realizar mais. Eu tinha outros provérbios, no meu caderno. Meus alunos eram muito unidos e queriam receber o diploma. Falava-se: o diploma das primeiras letras.

Obrigações escolares

Pesquisadora: Para você, quais eram as suas responsabilidades e os direitos, como professora?

Professora Freitas: Em primeiro lugar eu me respeitava. Eu tinha muito cuidado com a minha própria pessoa. A minha primeira obrigação como professora era a de conhecer o que eu ia ensinar. Eu tomava conhecimento do programa, e não dava, de espécie alguma, motivo para descumprimento de horários. Eu participava de todos os eventos. A diretora colocava o professor Vadico, do Colégio Estadual de Uberlândia e eu nas comissões.

Eu tinha muito respeito pelos alunos, principalmente por aqueles que tinham mais necessidade de ambiente, que tinham falta de recursos financeiros, os menos dotados em casa. Algumas crianças não tinham pais, moravam com os avós ou padrinhos. Eu queria que todos se sentissem iguais. Não queria discrepância.

Eu pedia ajuda para os meus irmãos. Todos podiam bem. Meu irmão era médico em Uberaba, quando visitava Uberlândia, ele visitava os alunos, comprava remédios e ensinava como cuidar da boca e dos dentes. Meu irmão me ajudou muito nessa parte.

Pesquisadora: Os alunos tinham obrigações escolares?

Professora Freitas: Os alunos, primeiramente deveriam ser assíduos, porque não havia motivo de faltar de aula. Poderiam faltar só se fosse por doença, aí tinham que mandar um aviso, porque a professora ficava preocupada com a falta dos alunos. Quando um aluno faltava, a agente avisava para a vice-diretora.

Os meus alunos, os pais trabalhavam. Quase todos eram empresários. Eles queriam os filhos na escola e o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão era muito bom nisso. Na época, o grupo escolar dava assistência mesmo. Acho que as professoras eram bem dotadas. Tinham muita experiência.

Os alunos deveriam ir à escola de uniforme, e prepará-lo de véspera, pois tinha fiscalização. A professora olhava as unhas, mas no dia do pelotão de saúde visitar a sala, o próprio pelotão de saúde que fiscalizava.

Outra coisa importante, os alunos deveriam cumprir as tarefas, não podiam deixar acumular. Eles deveriam saber conviver entre eles e em casa, não podiam utilizar de palavrões, nunca. Deveriam saber conversar e também praticar esportes para desenvolver o corpo, porque estava em crescimento.

Os meus alunos, como já estavam no 4º ano, eu achava importante que não descuidassem de uma atividade. Podia ser uma atividade em qualquer estabelecimento. Eles podiam ser office boy, o nosso prefeito Odeldo foi office boy, eu li... ou trabalhar em farmácia, fazer entregas. Para aprenderem uma atividade e adquirir experiência.

Política

Pesquisadora: Qual a sua impressão sobre a política na época?

Professora Freitas: Eu achava que o presidente da República, Getúlio Vargas, era o máximo, principalmente por causa da lei trabalhista, que ele fez. Para falar a verdade, eu tinha uma admiração. Nunca fui contra, nunca deixei de respeitá-lo, sempre via nele o verdadeiro presidente do Brasil. Apesar de ser um ditador. Na época era preciso, por causa das condições do país. Ele era autoritário. Ele era só ele. Mas o Brasil estava sem governo e precisava da sua inteligência para organizá-lo.

Na época, eu não tinha capacidade para entender aquela política, então a gente aceitava por não saber e não entender. Hoje a gente tem mais cursos. Eu fiz os cursos de filosofia, administração escolar e orientação escolar, psicologia e pedagogia pura, tudo com profundidade com professores especialistas. Na escola, em convivência com os professores, além do conteúdo, eles ensinavam a gente a pensar, principalmente em filosofia. Estudei no Instituto de Educação em 1948. Este estudo me deu a estrutura. A professora Marieta Leite, que era deputada da UDN, dava geografia muitíssimo bem.

Eu repudiava muita coisa que acontecia no Brasil, por falta de ambiente, por falta de recursos: água, luz elétrica, telefone, estradas, etc. O presidente do Brasil veio do Rio Grande do Sul, não conhecia o Norte, o Nordeste e o Centro, tinha dificuldade de se relacionar com os políticos da região. Ele estudou em Ouro Preto. Eu o admirava como homem, porém não havia abertura para os demais. O Brasil estava numa revolução, achava que aquilo não era mais para o Brasil. Ele quis se reeleger, mas não conseguiu.

Significado da educação, da escola e do professor

Pesquisadora: Para você qual o significado da educação, da escola e do professor, na época? E hoje?

Professora Freitas: Para mim a educação era a compreensão dos problemas da Pátria. São os princípios adquiridos através dos tempos. Para isso é necessário ter muita leitura.

A escola era a coisa mais importante que tinha. Porque a criança estava crescendo e aprendendo para viver melhor; se não soubesse ler e escrever, se não tivesse ambiente e se não tivesse recursos, ela não poderia progredir. Uberlândia estava crescendo muito e precisava de gente para dominá-la em todas as atividades, não só nos empregos que iam ocupar. Os professores deveriam dar exemplos.

Ser um bom professor é antes de tudo ter uma formação para trabalhar com alunos dentro de uma escola e numa sociedade em si. Ser professor era ter conhecimentos do que ele ia ensinar, era ser um conhecedor da pedagogia.

O professor era uma hombridade, era muito respeitado na sociedade. Ele tinha um papel muito importante, tinha que dar o exemplo. Por ser uma autoridade, podia também ser procurado para dar instruções e conhecimentos.

Eu acho que a professora é uma necessidade no país. Ela tem que ser valorizada ao extremo porque vai formar o cidadão da pátria. A professora é uma autoridade na parte política. Ela é uma autoridade, porque vai dar o que o aluno precisa para depois defender a sua Pátria e formar o espírito de tranquilidade. A parte cívica depende muito mesmo da professora. Ela tem que lecionar com conhecimento de causa e muito mais ainda por ideal. Porque, se ela começar a pensar só em ganhar dinheiro, ela se desvia e começa a pender de uma escola para outra; e tendo conhecimento, fica mais firme e dá mais exemplo de dignidade escolar.

Eu acho que o governo devia valorizar muito o professor porque ele é o responsável pelo país. Ele é o responsável pela educação do país.

Pesquisadora: Que recordações você guarda dessa profissão?

Professora Freitas: Como professora, eu era importante. Eu achava bom ser professora, achava que era uma professora muito digna. Elevava-me muito, me deu muita formação, alegria e vontade de querer ser mais, por isso que eu fui fazer curso de diretora.

Eu guardo muitas recordações, principalmente dos alunos que me queriam muito bem e me respeitavam. Quando a gente despedia deles, até choravam. Aquilo me dava uma alegria muito grande, de ser reconhecida. Eles me queriam muito bem. Eu não tive um aluno que ficasse para trás. Os mais pobres, eu levava para casa para aprenderem as mínimas coisas que não sabiam, para se igualarem aos outros. Gostava que todos estivessem em pé de igualdade. Eu tinha um caderno de recordações, onde os alunos escreviam poesias e faziam dedicatórias para mim.

Certa vez fui tomar um ônibus, na Av. dos Andradas e o motorista me perguntou:

__ Dona Florespina a sra não vai entrar?

Eu respondi: __ Este ônibus está muito alto, eu vou esperar outro.

O motorista respondeu: __ Por isso não, eu vou chegar bem mais perto.

Ele chegou mais perto, pegou na minha mão, me ajudou a entrar e me arrumou um assento.

Os outros passageiros reclamaram. O motorista disse:

__ O que sou hoje devo a dona Florespina. Eu estudei o 4º ano com ela. Sou muito agradecido. Todos no ônibus bateram palmas. [Se emocionou...]

Estou me recordando de que Claparède veio ao Brasil com Helena Antipoff. Ela ensinava psicologia. Ele escolheu dez alunas para trabalharem com ela na sua instituição em Belo Horizonte. Ela se preocupava com a mulher do campo. Dizia que o Brasil era extremamente pastoril e que os governos se esqueciam do campo. Que seria necessário dar um título para as professoras do campo. Eu até ensinei. Veio um professor do México, Cóvias Rubias, e explicou sobre as classes reunidas. Helena Antipoff defendeu muito essa idéia. Minhas colegas não concordavam com essas classes multisseriadas.

Helena Antipoff ensinava que a psicologia era uma arte muito grande, que envolvia todas as partes do corpo. O cérebro é que mandava, mas a parte que mais obedecia seriam os membros, principalmente as mãos. Então a mão fala. Temos que educar nossas mãos. Elas não são só para escrever e comer, nada disso, isso é vulgar. As mãos obedecem ao que o cérebro manda. Diante disso, as mãos são arte em vida porque falam, transmitem e produzem.

Basta fazer um sinal e a pessoa entende. É muito importante ensinar aos alunos que podem usar as mãos para viver.

Atuação como Diretora

Eu atuei como diretora de 1949 a 1969, no Grupo Escolar Dr. Duarte Pimentel de Ulhõa. Lá eu procurei não criar problemas, numa época em que tinha poucas professoras formadas. Formavam grupos e as professoras nem eram formadas. Peguei muita professora que não era formada. O ensino não era muito organizado. As professoras demoravam receber o salário. Para não dispensar alunos eu dava muito aula. Depois o governo, por economia, abriu o noturno e a gente ficava três turnos. Foi um período difícil, de muito sacrifício e de muita paciência. Reorganizei o ensino, formando as classes, classificando as séries. Gostei muito...

Eu fiz o que eu quis. Eu podia ser outra coisa, mas não quis. Quis ser professora. Eu nunca esmoreci na luta, tenho consciência disso, toda vida trabalhei para aprender mais e mais. Tanto é, que eu quis ser uma das assistentes de Dona Helena Antipoff. Ela me considerava muito. Quando foi receber o prêmio do Presidente Geisel em Brasília, convidou três assistentes, eu fui uma das convidadas. Tive uma admiração muito grande pelo que ela fez no Brasil. Ela veio da Rússia foi aluna do Claparède. Eles foram convidados para fundarem a escola Normal modelo em Minas Gerais. Eles vieram. O marido dela ficou na Polônia era jornalista e foi preso. Seu filho de 10 anos ficou na França. Dona Helena Antipoff foi muito bem recebida em Belo Horizonte pelo Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, governador de Minas Gerais, na época. Ela fundou a escola modelo e começou os cursos. Veio gente de todo o país. Ela deu o exemplo de bondade. Ela sempre dizia: __O que mais enaltece uma pessoa é o seu coração. Duas virtudes: a humildade e a Bondade.

Ela ia para África, resolveu aceitar o convite para os EUA, mas Claparède disse que os EUA eram muito adiantados, que eles iriam escolher um país que não tinha escolas. Ela veio dar ao Brasil o que o Brasil estava precisando e ela deu. Ela morreu com 82 anos, em 1975 ou 1976. Estudei com ela em 1948. Ela foi homenageada cidadã brasileira, mineira e belo-horizontina. Quando foi para receber a medalha em Ouro Preto, ela não estava podendo. Então ela me escolheu. Me chamou e disse: __O governador é de Uberlândia, ele é o Dr. Rondon Pacheco. Eu disse que quem deveria ir receber esta homenagem seria o filho dela.

Ela respondeu: __Mas eu te escolhi.

Eu respondi: __Vamos fazer uma comissão visitar o seu filho e convidá-lo.

O filho estava tão alheio à vida da mãe...

Eu disse para ele, que ela era a principal professora de Minas Gerais e seria homenageada. Se todo professor de MG é formado hoje com conhecimentos de pedagogia é porque ela trouxe de Genebra. Então, nós estávamos dando o que ela merecia.

Eu disse: __Eu achava que você deveria dar essa alegria para sua mãe.

Ela estava de cama, não podia ir, mas escreveu um cartão dizendo que tinha orgulho de Minas Gerais e de Uberlândia, porque duas pessoas em Uberlândia, o Dr. Rondon Pacheco e eu deram pra ela a certeza de que a educação iria continuar.

Dr. Rondon Pacheco riu e disse: __Pina ela gosta de você e quer que você seja responsável pela educação de Uberlândia.

Eu respondi: __Pena que estou no final de carreira estou aposentando isso foi em 1973.

ENTREVISTA 2

Esta entrevista foi concedida à pesquisadora Rosa Maria de Sousa Martins, na residência da professora Pereira, cidade de Uberlândia/MG, no dia 22 de setembro de 2008.

Dados pessoais e familiares

Pesquisadora: Fale um pouco sobre a sua infância e a sua família. Quando e onde nasceu:

Professora Pereira: Eu nasci em Uberlândia/MG no dia 22 de setembro de 1916. Eu tenho 92 anos e hoje eu estou aposentada. Meu pai se chamava Custódio da Costa Pereira, nasceu em Lavras depois veio para Uberlândia. Ele foi comerciante. Minha mãe nasceu em Santa Maria perto da cidade de Prata-MG. Ela se chamava Hermínia Zoccoli Costa. Ela foi dona de casa. Eu tive doze irmãos, 4 homens e 8 mulheres.

Formação acadêmica

Pesquisadora: O que você se lembra do período de sua formação como professora? Onde você estudou? Quais foram as disciplinas mais importantes que você estudou? Como as aulas aconteciam? O que você mais lia, na época?

Professora Pereira: Eu cursei o Normal na Escola Normal de Uberlândia Prof. José Inácio de Sousa. Minhas irmãs estudaram em colégio de freiras, eu não. Eu me formei em 1933.

Uma professora que me chamou atenção no curso normal foi a professora Anita Godoy de Sousa. Ela foi professora de pedagogia. Eu gostava de assistir a aula de moral e cívica, mas não me recordo dos conteúdos.

Eu lia muito livro naquela época, hoje, eu não consigo, durmo. Eu lia todos os livros da atualidade, visitava a biblioteca. Eu gostava da coleção de romances de Jorge Amado e os livros de seu irmão Genolino Amado. Eu lia Camões, Olavo Bilac, Castro Alves, Monteiro Lobato. Eu li muito. A gente recebia a Revista do Ensino e também comprava muito material

Desenvolvimento profissional

Pesquisadora: Como aconteceu a sua decisão de ser professora primária? Onde e em que período trabalhou? Como planejava e preparava as suas aulas? Como dava as aulas?

Professora Pereira: Eu acho que nasci com essa vocação. Fazia o Normal ou ficava analfabeta. Eu comecei a trabalhar em 1934 substituindo outras professoras, mas em 1936 fui nomeada. Trabalhei um mês no Grupo Escolar Dr. Duarte Pimentel de Ulhõa, substituindo uma professora, e depois fui para o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. Eu dei aula para o 2º ano, mas não gostei. Eu gostava mesmo era de dar aula para 3º e 4º ano. A gente tinha liberdade. Os pais não interferiam em nada. Minha sala tinha em média 35 a 45 alunos. Eu dei mais aula no turno da manhã. O meu horário de trabalho era das 7 às 11h.

A gente recebia um programa e através dele fazia os planos de aula. Todos os dias a orientadora ou a diretora olhava o nosso caderno e o diário. Os inspetores e as professoras técnicas traziam os programas. A minha sala tinha um armário, uma mesa forrada e tinha uma jarra de flores. A minha primeira aula era de cálculos mentais. Eu achava melhor que a primeira aula fosse de matemática.

Relações administrativas: orientações e relacionamento

Pesquisadora: De quem você recebia as orientações para dar as aulas? Que orientações eram passadas?

Professora Pereira: De vez em quando a gente recebia a visita do inspetor. Ele inspecionava o diário, assistia às nossas aulas, fazia relatórios e passava para a diretora.

Pesquisadora: Como era o seu relacionamento com os alunos e as colegas professoras?

Professora Pereira: Eu tinha um bom relacionamento com os alunos e com todas as colegas. Meus alunos eram de classe média.

Há pouco tempo houve uma festa no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão e o diretor que foi meu aluno me convidou para esta festa.

Comemorações: atividades cívicas

Pesquisadora: Havia comemorações cívicas na escola? O que significava para você, estas atividades cívicas? O que você ensinava sobre os símbolos nacionais? Como? Por quê?

Professora Pereira: Eu gostava das comemorações, achava que era importante ensinar os alunos cantarem o Hino Nacional. Eles deveriam decorar o Hino. Era muito importante cantar o Hino e hastear a Bandeira nos feriados. Não era fácil não. Mas eu não descuidava de ensinar o amor a Pátria, tinha os auditórios. Todas as datas cívicas eram comemoradas.

Para mim a Pátria é o lugar onde todos falam a mesma língua, obedecem as mesmas leis, têm os mesmos costumes. É a terra onde nascemos... [risada]. Todos os dias eu ensinava com entusiasmo sobre a importância de amar a Pátria.

Nós dávamos aula de moral e cívica. Eu gostava de ensinar também, sobre os poetas, principalmente sobre Castro Alves. Tinha os auditórios, eu gostava muito.

Atividades de saúde e higiene

Pesquisadora: Como eram passados para os alunos os cuidados com a higiene? Qual a importância desses cuidados para a saúde? Havia pelotões de saúde na escola?

Professora Pereira: Sobre os cuidados de higiene, eu ensinava muito. Eu falava tanto que até aprendi também, não saía de casa sem olhar as minhas unhas. Eu olhava se as unhas das crianças estavam cortadinhas, observava também, as mãos e a roupa.

Quando o pelotão de saúde visitava a sala, olhava as orelhas e os cabelos. Os meus alunos nunca tiveram piolho. Os banheiros eram muito desconfortáveis, o teto não era forrado.

Os alunos gostavam da sopa da escola. A merendeira ganhava carne do mercado.

Ordem e disciplina

Pesquisadora: Que importância você dava para a disciplina e a ordem na educação dos alunos? Para você o que é uma classe disciplinada? Como mantinha a disciplina na sala?

Professora Pereira: A gente tinha muita autoridade na sala, não é igual hoje. Uma classe disciplinada é uma classe atenciosa. Se você está dando aula e o menino não está prestando atenção não adianta nada. Minha classe era disciplinadinha. Eu não tinha problema de frequência.

Formação moral

Pesquisadora: O que você considerava importante ensinar para os alunos sobre a formação moral? Recorda de algum valor moral importante que você ensinava? Recorda de algum provérbio que ensinava para os alunos?

Professora Pereira: Nós ensinávamos para os alunos, como eles deveriam se comportar, como deveriam dar atenção aos pais, à família e aos professores.

Eu gostava de passar para os alunos o provérbio: “A ordem é a beleza moral das coisas” de Emerson. Eu tinha esse provérbio no meu caderno de planos. Para mim, a base de muitas coisas é a ordem. Por exemplo: uma casa desordenada desorganiza a mente. Então a ordem ajuda na organização da mente, contribui para a economia na vida. Eu ensinava a ter cuidado com os cadernos. Eu ensinava também sobre o respeito às pessoas mais velhas, sobre os bons

costumes e os bons hábitos. Eu insistia nos bons costumes e nos bons hábitos. Quando havia atitudes de arrogância procurava contornar a situação. Desordem não é ter liberdade. A gente dava limites. Rezar também era importante.

Obrigações escolares

Pesquisadora: Para você, quais eram as suas responsabilidades e os direitos, como professora?

Professora Pereira: Para ser bom professor é preciso ter uma boa formação, uma boa cultura. O professor deve dar bons exemplos e ter compreensão. Sinto que fiz o ideal. Que atuei de acordo com o que era exigido.

O professor tem a responsabilidade de dar aula, de forma que os alunos possam ter melhor aproveitamento e corresponder ao ideal. Eu sempre procurava executar, na medida do possível, as normas que eram passadas.

As professoras tinham e usavam uniformes

Na época a gente era designada para sair na rua, visitar as casas e verificar se havia crianças em idade escolar para serem matriculadas. Mas não tinha muitas crianças fora da escola. Era fácil. A cidade era pequena estava começando a crescer, havia poucas escolas. Os alunos tinham que andar, pois não havia transporte público.

Pesquisadora: Os alunos tinham obrigações escolares?

Professora Pereira: Os alunos tinham horários. O portão fechava. Eu recomendava sobre a pontualidade. Eu não tinha problema de frequência com os alunos. Eles tinham muito respeito por nós professoras.

Na época, havia uma rivalidade entre os alunos do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão e os alunos do Grupo Escolar Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa. Os alunos do Bueno Brandão tinham um nível melhor que os do Dr. Duarte. Então os alunos do Grupo Escolar Dr. Duarte diziam para os alunos do Bueno Brandão: “Bueno Brandão, entra burro e sai ladrão”.

Política

Pesquisadora: Qual a sua impressão sobre a política na época?

Professora Pereira: Na aula a gente não falava muito de política, não tinha muito tempo. Eu falava mais do Estado de Minas, quem era o governador. Eu passava uma idéia geral, não aprofundava em nada. Recordei da política do café com leite entre Minas e São Paulo. O nosso Presidente Getúlio Vargas foi um grande estadista. As leis que têm hoje foi ele quem fez. Tudo foi ele.

O significado da educação, da escola e do professor

Pesquisadora: Para você, qual o significado da educação, da escola e do professor, na época? E hoje?

Professora Pereira: Para mim, a educação significa a formação da pessoa. Educar é formar de acordo com a época, é oferecer as coisas mais salutaras para a vida da criança.

Ser Professor é um cargo que exige muita responsabilidade e vocação, pois sem educação nada se faz na cidade. Eu achava que ocupava um cargo de muita responsabilidade. Antes, a gente era muito respeitada. [Sorriu...] Ser professor é trabalhar muito com a cabeça, isso desenvolve o intelecto. Eu só trabalhei na minha vida como professora. Foram 27 anos como professora. Eu comecei a trabalhar em 1934 e fui até 1962. Chegou a época de aposentar, eu aposentei, pois tinha que dar lugar para os outros. Eu gostava de lecionar.

ENTREVISTA 3

Esta entrevista foi **concedida** à pesquisadora Rosa Maria de Sousa Martins, na residência da professora Carrijo, na cidade de Uberlândia/MG, no dia 29 de setembro de 2008.

Dados pessoais e familiares

Pesquisadora: Fale um pouco sobre a sua infância e a sua família. Quando e onde nasceu:

Professora Carrijo: Eu nasci no dia cinco de junho de 1920, na Fazenda da Tenda, distrito de Uberlândia. Esta fazenda está situada a vinte km de Uberlândia. Atualmente, estou aposentada. Estou com 88 anos. Meu pai se chamava Vital José Carrijo. Ele tinha uma fazenda pequena. Minha mãe se chamava Ana Luiza Carrijo. Ela cuidava da casa e dos 15 filhos que teve. Minha mãe foi uma heroína. Hoje nós somos 7 irmãos.

Meu nome tem uma história interessante, gostaria de contar. Mamãe estava grávida de mim e conheceu um casal de portugueses, na fazenda da Tenda. Este casal contou que tinha duas filhas. Quando eles estavam vindo para o Brasil, de navio, uma de suas filhas morreu durante a viagem e precisou ser jogada no mar. Sua filha se chamava Elveda. Mamãe gostou muito desse nome e queria me registrar com este nome. Quando eu nasci, papai foi ao cartório me registrar, mas no cartório não aceitaram o nome Elveda e sugeriram Iveta Carrijo. Mamãe não gostou e até brigou. No meu batizado a minha madrinha sugeriu que me chamassem de Hilda e foi o que aconteceu.

Quando eu lecionava as crianças na escola faziam brincadeiras com o meu nome, então conversei com o Juiz e pedi para ele mudar o meu nome. Ele aceitou o meu pedido e corrigiu. Hoje eu me chamo Ivete Carrijo.

Felisberto Carrejo foi um dos primeiros moradores da Fazenda da Tenda. Naquela época, Dom Pedro dava terra pra quem quisesse, mas tinha que produzir. A gente fazia o documento da terra, mandava para Uberaba ou para o Rio de Janeiro e depois recebia a escritura que se chamava Sesmaria. Felisberto Carrejo foi o primeiro professor e Juiz de Uberlândia. Ele fez uma tenda em sua casa, por isso o nome Fazenda da Tenda. Quando já tinha certo número de habitantes e crianças, ele começou a dar aula. Viajava para Uberaba comprava papel, costurava estes papéis a mão e fazia os cadernos para as crianças.

Formação acadêmica

Pesquisadora: O que você se lembra do período de sua formação como professora? Onde você estudou? Quais foram as disciplinas mais importantes que você estudou? Como as aulas aconteciam? O que você mais lia, na época?

Professora Carrijo: Eu estudei o primário na Fazenda da Tenda, com a professora Maria Elisa Carrijo. Eu também ajudava a minha mãe nos afazeres de casa. Depois do primário, estudei por conta própria e com professores particulares. Por volta de 1944 fiz o ginásio de três anos em um ano. Esse curso foi pesadíssimo. Estudei muito.

Por volta de 1950 fiz o curso Normal, na Escola Normal de Uberlândia do Professor José Inácio de Sousa. Eu recebi o Diploma em 1954. Não me recordo dos conteúdos.

Eu lia muito romance. Lia Iracema, a vida de Santa Terezinha, As Mulheres de Bronze, Brasil nunca mais, lia também jornal e outros livros que não me lembro agora.

Desenvolvimento profissional

Pesquisadora: Como aconteceu a sua decisão de ser professora primária? Onde e em que período trabalhou? Como planejava e preparava as suas aulas? Com dava as aulas?

Professora Carrijo: Minha inclinação era essa desde pequena. Gostava muito de minha professora do primário eu queria imitá-la. Ela tratava a gente muito bem, sabia conviver, minha professora foi ótima. Minha mãe dizia que eu nasci pra ser professora. Eu acho também, por que não fiz outra coisa.

Em 1939, com 19 anos, eu vim para a cidade de Uberlândia e comecei a dar aula, como substituta no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. Eu ainda não tinha o curso ginásial, mas eu lia muito. Ensinaava com o método de silabação. Eu trabalhei nesse grupo escolar até 1945. Durante o dia eu dava aula para as crianças e à noite para os adultos. Eu dobrava turno. Era bom trabalhar com os adultos.

Em 1944, as professoras foram transferidas para o Estado, como eu não tinha o curso normal, ainda, não pude ser transferida. Depois eu fiz o curso ginásial e o normal e passei para o Estado. Eu substituía as professoras que solicitavam afastamento. Dei aula para o 1º, 2º e 4º ano, mas trabalhei mais com o 2º ano.

Em 1945, fui até a prefeitura pedir para o Prefeito Vasconcelos Costa, me nomear. Eu disse que não era formada, mas que tinha muita prática. No dia seguinte, ele me chamou e me nomeou. Tive muita sorte.

Para a gente dar aula, tinha um programa que vinha de Belo Horizonte. Nós fazíamos os planos de aula a partir desse programa. Hoje tem material didático para tudo. Antigamente não tinha às vezes, a gente cooperava e comprava cartilha para os mais pobres.

Eu me recordo mais da Diretora Nilza Guimarães do Grupo Escolar Bom Jesus. Eu trabalhei com ela 30 anos.

Eu trabalhei de 1939 a 1985. Foram 46 anos, como professora. No Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão eu trabalhei de 1939 a 1945 (6 anos), no Grupo Escolar Bom Jesus de 1945 a 1975 e no Grupo Escolar Padre Mario Florestan foi de 1975 a 1985.

Relações administrativas: orientações e relacionamento

Pesquisadora: De quem você recebia as orientações para dar as aulas? Que orientações eram passadas?

Professora Carrijo: A gente tinha reunião com a diretora e a técnica de ensino uma vez por mês para receber orientações. Não me recordo das orientações.

Pesquisadora: Como era o seu relacionamento com os alunos e as colegas professoras?

Eu tinha um bom relacionamento com os alunos e com todas as colegas. Eu observava que, quando trabalhei na secretaria, algumas colegas reclamavam da diretora, mas nunca fiz isso. Não é fácil ser diretora.

Comemorações: atividades cívicas

Pesquisadora: Havia comemorações cívicas na escola? O que significava para você, estas atividades cívicas? O que você ensinava sobre os símbolos nacionais? Como? Por quê?

Professora Carrijo: Nós tínhamos que cantar o Hino Nacional, pelo menos uma vez por semana. Eu sentia bem em ensinar o Hino Nacional para as crianças. Acho lindo o Hino Nacional. A letra é muito clara, a melodia também é linda. Aprendi a dizer que a Pátria é o lugar onde eu nasci. Pátria é o lugar onde a gente nasce, cria, educa, e aprende a ser gente.

O civismo representa respeitar a Pátria, tratar bem as pessoas e obedecer às leis. Com o civismo a pessoa fica mais desenvolvida, respeita a terra e as leis.

Eu ensinava para os alunos que eles deveriam ser cidadãos honestos e trabalhadores, que eles deveriam ter uma profissão. Eu falava tudo isso, da minha cabeça mesmo, para o bem deles no futuro, para tomarem gosto, continuarem os estudos e se desenvolverem intelectualmente para ter um futuro melhor.

Atividades de saúde e higiene

Pesquisadora: Como eram passados para os alunos os cuidados com a higiene? Qual a importância desses cuidados para a saúde? Havia pelotões de saúde na escola?

Professora Carrijo: A higiene era difícil. Eu até peguei piolho. Eu ensinava que deviam tomar banho todos os dias, escovar os dentes e cuidarem para não pegarem piolho. Eu falava para as crianças pedirem para a mãe passar remédio na cabeça. Tinha também os pelotões de saúde que ensinavam a cuidar da saúde.

Ordem e disciplina

Pesquisadora: Que importância você dava para a disciplina e a ordem na educação dos alunos? Para você, o que é uma classe disciplinada? Como mantinha a disciplina na sala?

Professora Carrijo: Eu era exigente, bastante exigente, mas também não maltratava não. Fora da sala de aula eu era carinhosa e dava atenção.

Para mim disciplina significa silêncio e atenção, são os dois aspectos principais. Eu falava muito de Deus, como o criador de tudo e que merece todo o nosso respeito. Tinha aula de religião. Eu sou católica.

Na fazenda tinha a palmatória, na cidade não. Dificilmente a gente mandava o menino para a diretora. Eu não tinha esse negócio de dar castigo. Os meninos eram muito obedientes naquela época. Era diferente de hoje. Mas tinha um menino que era insuportável. Mas a maioria dava gosto a gente trabalhar com eles.

Eu não era de gritar, mas comecei a gritar na sala de aula depois de mais velha. Eu tive um menino no Grupo Escolar Bom Jesus, o João Carrara. Ele era conversador, nada fazia parar. Um dia eu pedi pra ele sair um pouco da sala, ir até a diretoria, mas não como castigo. Eu queria falar com a turma, aconselhar as crianças para não participarem das brincadeiras dele.

A conversação na sala de aula atrapalha demais o professor e os colegas. O aluno deve respeitar o professor. E o professor deve respeitar os alunos.

Em todo o meu tempo de professor eu só tive um aluno que me desrespeitou. E eu fiquei sendo a ruim ainda, porque eu gritei. Quanto mais gritava mais ele fazia gracinha. Minhas colegas foram contra mim. Elas achavam que eu devia educá-lo.

Formação moral

Pesquisadora: O que você considerava importante ensinar para os alunos sobre a formação moral? Recorda de algum valor moral importante que você ensinava? Recorda de algum provérbio que ensinava para os alunos?

Professora Carrijo: Para mim, moral é ser correto, é não exagerar no modo de viver, é respeitar o ser humano, não importa a cor, o sexo, a condição social, devemos respeitar todos os seres humanos.

Eu orientava as crianças para não brigarem, para serem amigas umas das outras, para respeitarem os colegas e os mais velhos.

Penso que a moral é muito importante. Por exemplo: no elevador observei o modo como a pessoa estava vestida. O vestido estava muito decotado. E o tipo de beijo atual, não é legal. As crianças vão crescendo vendo isto e pensam que tudo é normal. Na igreja, observei uma criança, ela estava vestida como se fosse uma mocinha. Como ela vai crescer? Certamente vai ser como uma menina louquinha.

No comportamento moral entra tudo. Entra o respeito na família, com os pais, na empresa entre os empregados e patrões. Moral também é ser um cidadão correto, é ser um eleitor. Não me recordo de provérbios que ensinava.

Obrigações escolares

Pesquisadora: Para você, quais eram as suas responsabilidades e os direitos, como professora?

Professora Carrijo: Penso que para ser bom professor primeiro tem que ser assíduo, depois respeitar as normas da escola e saber impor, também, a autoridade de professor.

A sala estava sempre cheia. Eu tinha alunos de todos os níveis sociais, mas não tinha predileção por nenhum.

Para ensinar a ler e escrever eu usava o método de silabação. Quando eu via os meus meninos lendo e escrevendo, sentia uma satisfação imensa. No meio do ano já estavam quase todos lendo parecia um presente de Deus.

Quanto aos alunos, eu tinha mais atenção com os mais pobres. Eles eram desconfiadinhos. Eu me dirigia até à carteira deles, para orientá-los nas dificuldades. Eu era brava, mas eles me queriam bem. Eu chamava a atenção quando precisava, separadamente.

Pesquisadora: Os alunos tinham obrigações escolares?

Professora Carrijo: Os alunos deveriam fazer o dever de casa e ir limpo para a escola. Eu conversava muito com os alunos, sobre o modo de viverem, de brincarem. Eu dava muito redação oral e escrita, era uma exigência. Primeiro eu elaborava uma história oral e depois pedia para eles elaborarem. Eu ficava contente, quando observava que eles estavam se desenvolvendo. Até o modo de se posicionarem na carteira eu ensinava.

Política

Pesquisadora: Qual a sua impressão sobre a política na época?

Professora Carrijo: No tempo do Presidente Getúlio Vargas, a gente não tinha muitos estudos, achava que ele merecia respeito, que ele tinha que trabalhar ser bom, criar escolas, hospitais. Depois no fim é que agente vai entendendo. Você vai querendo bem. Vê que votou certo e tem prazer em falar dessa pessoa.

O significado da educação, da escola e do professor

Pesquisadora: Para você qual o significado da educação, da escola e do professor, na época? E hoje?

Professora Carrijo: A educação pra mim significava estudar para conhecer e conviver mais com o mundo, aprender para ser professora. Eu tinha vontade de estudar. Minha mãe dizia que eu nasci pra ser professora. Eu acho também, por que não fiz outra coisa. Hoje me arrependo porque não sei pintar, não sei fazer crochê, não sei bordar e nem costurar, se soubesse tinha mais com o que divertir.

A gente não tinha meio social. Não conhecia os problemas que são falados na TV, não ia ao cinema, conversava pouco, não frequentava a sociedade, as festas os clubes.

Hoje se exige mais conhecimentos das pessoas, quem não estuda não desenvolve em nada. A educação ajuda no desenvolvimento intelectual.

Para mim a escola significa a educação. Na época a educação era mais moral e religiosa, não tinha o desenvolvimento que tem hoje. Eu fui professora de catecismo.

Estudar era saber ler e escrever o nome. Assim o povo dizia. Hoje a educação significa tudo, moral, religiosa é tudo, tudo. O mundo está muito ruim, porque as mães de hoje não educam os seus filhos. Elas saem pra trabalhar e colocam as crianças na creche. Quem está na creche não recebeu o que precisa para educar. Eu penso assim.

Ser professora significava dar educação, formar a criança para o dia de amanhã, dar uma formação moral e religiosa. Quem não tem formação religiosa não sabe onde o sentimento vai parar.

O professor deve dar exemplo, no modo de vestir, de sentar, deve ter boa convivência e ensinar as crianças a crescerem como cidadãos para cumprirem as leis, amarem a Pátria e a Deus.

Pesquisadora: Que recordações você guarda dessa profissão?

Professora Carrijo: Foi ótimo ser professora. Minha inclinação era essa desde pequena. Gostava muito de minha professora do primário eu queria imitá-la. Ela tratava a gente muito bem, sabia conviver, minha professora foi ótima.

Valeu a pena ser professora. Eu tinha prazer em ensinar. Eu ensinava o que achava que era bom. Adquiri a minha independência financeira, mas o financeiro que não vale muito a pena. O que salva em relação ao salário são os quinquênios.

Minha cunhada foi professora e recebe muito pouco. O povo acha que ganhamos bem. Dizem que trabalhamos só um período. Eles esquecem que trabalhamos em casa planejando as aulas. Acho que o professor não tem o devido valor. E o desgaste! Mas gostei imensamente de ser professora.

ENTREVISTA 4:

Esta entrevista foi concedida à pesquisadora Rosa Maria de Sousa Martins, na residência da pesquisadora, na cidade de Uberlândia/MG, no dia 23 de outubro de 2008. A Professora Antonialli, atualmente, reside na cidade de Itumbiara/GO, fez a opção de fazer a entrevista em Uberlândia.

Dados pessoais e familiares

Pesquisadora: Fale um pouco sobre a sua infância e a sua família. Quando e onde nasceu:

Professora Antonialli: Meu pai se chamava Alcides Cotta Pacheco. Ele nasceu em Uberlândia e quando jovem trabalhou com o Sr. Custódio Pereira. Ele se casou com Laura Custódio, minha mãe. Após o nascimento de minha irmã mais velha, Maria Gabriela, elas se mudaram para Santa Rita do Paranaíba, hoje Itumbiara/GO. Nesta cidade meu pai se estabeleceu como comerciante e constituiu a sua família.

Minha família era constituída de seis irmãos. Nós éramos cinco mulheres e dois homens. Hoje somos apenas três irmãos. Eu, Laurita, meu irmão José Cotta Pacheco, psicólogo residente em Belo Horizonte e minha irmã Márcia, professora formada em línguas em São Paulo ela trabalhou como diretora de escola e secretária de educação em Itumbiara.

Eu, Laurita Pacheco Antonialli, nasci no dia 15 de abril de 1927 em Santa Rita do Paranaíba. Casei-me com Geraldo Antonialli Hoje tenho 81 anos e trabalho como professora de pintura em tela.

Minha mãe teve um problema de saúde e precisou ir se tratar em Belo Horizonte. Então meu pai deixou seus negócios para acompanhá-la. Eu e meus irmãos tivemos que nos mudar para Uberlândia, assim nós nos separamos e fomos morar com nossas avós.

Quando minha mãe faleceu, eu tinha 9 anos e minha irmã mais velha, Maria Gabriela, com 15 anos apenas, passou a ser nossa guia. Para tanto, deixou seus estudos, o que veio a ter continuidade somente após encaminhar todos os irmãos mais novos, contando já mais de 25 anos. Ela tornou-se uma grande artista plástica e artesã de bom gosto.

Com 10 anos eu terminei o meu curso primário na escola de tia Ruilina Pacheco que, além de ser vice-diretora no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, também tinha em casa, uma escola particular, frequentada por alunos de famílias abastadas e cientes das boas qualidades de Ruilina, como professora. Ela era inteligente, culta e cooperadora na formação dos familiares e amigos. Após um acidente de carro ela ficou em cadeira de rodas por muitos anos. Veio a falecer já idosa. Suas colegas de grupo, poucas que ainda vivem, a recordam com carinho.

Em 1952, eu me casei com o jovem paulista, técnico em refrigeração, Geraldo Antonialli. Em Itumbiara meu marido estabeleceu-se como comerciante, eletricista e mecânico. Ele era um jovem loiro e bacana, que encantava a todos os nossos amigos. Nós tivemos cinco filhos, quatro homens e uma mulher. Todos os filhos residem em Itumbiara. Temos onze netos, alguns estudantes e outros já formados, trabalhando fora de Itumbiara.

Formação acadêmica

Pesquisadora: O que você se lembra do período de sua formação como professora? Onde você estudou? Quais foram as disciplinas mais importantes que você estudou? Como as aulas aconteciam? O que você mais lia, na época?

Professora Antonialli: Em Itumbiara, não havia escola e eu só fui começar a estudar com sete anos, quando meus pais mudaram para Uberlândia.

Eu fiz o curso primário na escola da tia Ruilina Pacheco. Após o 4º ano prestei o exame no Grupo escolar Júlio Bueno Brandão, onde recebi meu diploma de primário.

Em 1940, sem mãe, juntamente com minha irmã Ivel, partimos para São Paulo. Fomos estudar no Colégio Santa Inês, para tirarmos o diploma do ginásio em 1945. Era o fim da guerra na Europa, houve racionamento de pão e leite e filas para comprar alimentos.

Na época, mocinha vaidosa e com início nas artes plásticas, já tinha idade para procurar um trabalho que fosse de meu gosto. Fiz carreira de bordadeira, enquanto estudava na escola Normal Professor José Inácio de Sousa em Uberlândia. Em 1946 eu tirei o diploma de magistério. Foi uma juventude alegre e feliz.

Não havia faculdade em Uberlândia e a profissão mais procurada pelas mulheres era o magistério. No magistério, eu gostava de metodologia e psicologia, porque eram matérias que me preparavam para o magistério e que me levaram a boas leituras. Nós tínhamos aulas práticas.

Eu era amante da boa leitura. Eu lia livros como: Mulheres de bronze, E o vento levou, Éramos seis, etc. Estes eram os meus preferidos. As Belas histórias que em criança povoavam minha imaginação agora eram assuntos para as aulas com as crianças de jardim de infância. Os sentimentos nos levam a um bom trabalho com as crianças.

Na época, o trabalho com as crianças era mais proveitoso do que hoje.

Durante estes anos eu bordava e pintava. Já trabalhava para fora nessas ocupações que agradavam as freguesas. Eu namorava muito e o meu passeio preferido era as frequentes idas ao Praia Clube. Eu gostava também de ir ao cinema e viajar.

Desenvolvimento profissional

Pesquisadora: Como aconteceu a sua decisão de ser professora primária? Onde e em que período trabalhou? Como planejava e preparava as suas aulas? Como dava as aulas?

Professora Antoniali: Com a convivência que eu tinha, busquei uma profissão que era mais indicada na época. Trabalhei dos 18 aos 24 anos.

Na época, a maioria das mulheres era encaminhada para serem professoras, não tinha faculdade na região. Quem tinha mais condições procurava estudar em São Paulo ou cidades mais desenvolvidas.

O tempo que pude ficar fora me ajudou a entender que o estudo era o que mais importava na educação do indivíduo. Mas meu pai não tinha condições financeiras, embora eu tenha estudado em um colégio caro.

Foi estudando com a tia Ruilina Pacheco e convivendo com professoras em São Paulo que foi crescendo dentro de mim essa vontade de ser professora. Ser professora e artista, foi o que de melhor tive em minha juventude. Praticava esporte, lia muito, frequentava festas, também era boa dançarina.

Quando cheguei de São Paulo, em 1946, a tia Ruilina Pacheco entendeu que eu tinha um bom desenvolvimento e levou-me para o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, onde ela era vice-diretora de Dona Lourdes de Carvalho. Eu lecionei no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão de 1946 a 1952. Foram bons momentos de convivência e de oportunidade para o meu crescimento cultural.

Estudei em um colégio onde fui muito bem preparada para trabalhar com crianças.

No começo, como professora, eu não tinha uma sala só pra mim. Eu ajudava em todas as salas; fazia teatro, ensinava músicas infantis e brincava no recreio. Eu me lembro brincando com aquela meninada toda. Era uma poeira só. O pátio era muito grande e de terra batida. Eu inventava muita coisa. Sempre desenhava bem, por isso as professoras me levavam para sala, para eu dar aula de desenho. Eu assumi o primeiro jardim de infância, criado em 1951. Ele

funcionava em uma sala recém construída, que ficava afastada do Grupo. Eu cantava, contava histórias e brincava muito. As crianças tinham de 4 a 5 anos.

A diretora da escola exigia o plano diário. Eu preparava o plano de aula e levava para a diretora e a tia Ruilina Pacheco. Todos os dias elas olhavam o plano de aula de todas as professoras. Chamavam as professoras mostravam o que estava bem, o que não estava e o que tinha que melhorar.

Nessa época, no final do ano, o professor Jerônimo Arantes, organizava os exames que eram feitos na zona rural. Sua filha e eu éramos examinadoras e aplicávamos as provas na zona rural. Eu trabalhava para o Estado e para o Município.

Eu lecionei também em uma pequena escola municipal; não me lembro o nome, isso foi em 1948 e 1949. Eu morava na Rua Bernardo Guimarães nº 362, no centro e fazia uma longa caminhada até a escola.

Certo dia alguém me perguntou se eu tinha saudade deste tempo já passado. Gosto de lembrar, o que não é sentir saudade.

Quando me transferei para Itumbiara, em 1953, fiquei sem lecionar, só bordava e pintava. Mais tarde depois de ter meus cinco filhos, fundei a escola Horas Felizes, à qual me dediquei de corpo e alma. Eu buscava melhorias culturais nas cidades maiores e nas viagens para fora do país. E então, cercada de boas auxiliares voltei-me mais para as artes, a pintura e a porcelana e para dar aulas de pintura, o que faço até hoje, com 81 anos.

Guardo, com satisfação, lembranças dos anos de trabalho. Tenho uma saúde que me permite viver alegre e trabalhando. Recordo da vida que já está chegando ao final, com alegria pelo dever cumprido. Procuro ainda aprender um pouco do muito que me falta. Choro quando sinto necessidade, porque entendo que a dor nos faz crescer o coração e nos prepara para vidas melhores.

Relações administrativas: orientações e relacionamento

Pesquisadora: De quem você recebia as orientações para dar as aulas? Que orientações eram passadas?

Professora Antonialli: A diretora e a vice-diretora passavam as orientações. Nós tínhamos muitas reuniões boas. Nestas reuniões elas passavam as correções sobre horários a cumprir, sobre aulas bem elaboradas, festas cívicas, enfim tudo com referência à escola.

Uma vez, no 2º ano, eu dei como tarefa para casa escrever de um a 1000. A diretora me chamou e falou que isso não se fazia, pois a criança deve ter tarefa de acordo com o nível.

Pesquisadora: Como era o seu relacionamento com os alunos e as colegas professoras?

Professora Antonialli: Eu sempre tive muita paciência com as crianças, adorava as brincadeiras e os trabalhos em sala. Eu me lembro que penteava e cortava os cabelos delas. Eu fazia uma boa higiene; tirava os cachinhos dos alunos pretinhos para fazer cabelo de boneca e construir o personagem de teatro. Eu fazia muito teatro.

O meu relacionamento com as colegas era ótimo, sentia bem com todas. Eu era muito alegre e expansiva. Todas brincavam muito comigo. Eu tinha um relacionamento excelente. Elas faziam questão de levar-me para sala.

Às vezes comunico-me com a professora Célia Cunha por telefone. Hoje ela reside em Belo Horizonte. Eu tenho uma foto tirada na saída da escola. Maria Guilhermina Guimarães já falecida, também está na foto.

Eu convivia com as professoras mais velhas. Dona Nair contava que era tão ingênua, que quando deu o primeiro beijo pensou que tinha ficado grávida. Na época eu estava namorando para casar. A vida da gente era aquilo. Saímos aos domingos para assistir a sessão das seis no

Cine Uberlândia. Era um desfile de modas. Todos chegavam à janela para ver as moças passarem.

Comemorações: atividades cívicas

Pesquisadora: Havia comemorações cívicas na escola? O que significava para você, estas atividades cívicas? O que você ensinava sobre os símbolos nacionais? Como? Por quê?

Professora Antoniali: Todas as escolas levavam a sério as comemorações cívicas. Talvez mais do que nos tempos atuais. Procurávamos passar para os alunos o respeito pela Pátria. O Hino Nacional sempre era ouvido de pé. Os símbolos nacionais eram estudados com os significados próprios de cada um.

Eu ensinava os símbolos nacionais, o que significava o galho do café. O desenvolvimento do Brasil veio do café. Eu falava sobre a cana. Eu contava as histórias da cana, dos negros e dos escravos. É uma longa história a ser contada às crianças brasileiras.

O próprio Hino Nacional já fala muito dos símbolos. A letra do Hino Nacional já dá um bom estudo. Hoje o povo critica o verso: “deitado eternamente em berço esplêndido...”, parece que o povo não raciocina, não vê e não sabe que é uma metáfora, que diz da esperança de uma paz eterna de um país livre.

As datas festivas como o dia do índio, o dia do livro eram comemoradas também. Hoje comemoram essas datas?

Havia muitas comemorações cívicas. Era muito festejado o dia da independência, dos escravos e o dia das crianças também, mais do que hoje. [cantorolou uma música de princesa Isabel]. As escolas comemoravam o dia da árvore e a entrada da primavera. A criançada carregava muitas flores. Aqui faz isso? Porque em Itumbiara não vejo isso.

A gente sabia que estava incutindo um pouco de civismo nos alunos, porque acho que são coisas que têm que ser conservadas nas crianças, para a conservação da história. Nossa história é baseada nisso. Estou te falando isso porque eu tenho uma escola que, os meus filhos administram e faço questão que assim se faça.

O civismo é ter um certo respeito a todo assunto que converge à sua nacionalidade. Eu ensinava que Pátria é o lugar onde você nasceu é o chão onde você pisa. O civismo é tudo o que você quer de bom para o ambiente da sua terra, para o lugar onde nasceu. Os homens públicos têm civismo?

O que escreve a história de um país? Brigas de políticos? Governos sem patriotismo?

Hoje estão incentivando muito a ecologia, a limpeza da cidade. O povo deve colaborar com o Estado. Tudo isso deve ser passado. Tudo isso é civismo. É tudo de bom que você quer para sua cidade.

Amar a Deus é também amar a Pátria. Onde está Deus? No céu e na terra e, principalmente dentro do coração.

Atividades de saúde e higiene

Pesquisadora: Como eram passados para os alunos os cuidados com a higiene? Qual a importância desses cuidados para a saúde? Havia pelotões de saúde na escola?

Professora Antoniali: Eu ensinava lavar as mãos antes de tomar o lanche que era servido todos os dias, cuidar do cabelo, sobre o banho e como as crianças deveriam fazer para tossir e espirrar. Às vezes, eu levava os mais sujos, os mais carentes para minha casa. Eu cortava o cabelo, tirava os piolhos e até bicho de pé. A gente passava para as crianças o dia-a-dia. Falava para lavar as mãos em casa e mostrar para mãe. Eu era muito nova. Hoje, uma menina de 19 anos não faria isso.

A saúde só existe onde existe a limpeza, onde não tem higiene não tem saúde. Acho que na escola tinha farmácia com os medicamentos mais necessários. Tinha aquelas meninas vestidas com chapéu de cruz vermelha, para tomar conta dos remédios.

O grupo Escolar Júlio Bueno Brandão ficava no centro da cidade. Lá havia muito aluno de um nível melhor. Era uma escola bem cuidada e as salas eram arejadas.

Na época, havia muitos jogos esportivos na quadra de esportes, que ficava na parte dos fundos do grupo. Os rapazes treinavam para as olimpíadas lá.

Ordem e disciplina

Pesquisadora: Que importância você dava para a disciplina e a ordem na educação dos alunos? Para você, o que é uma classe disciplinada? Como mantinha a disciplina na sala?

Professora Antoniali: Vou te falar, não era ruim não. O que se vê hoje se pode calcular que não havia indisciplina. Toda vida eu fui muito enérgica. Eu era bem exigente e gostava de ensinar o certo. Até pegar certo no lápis, por exemplo. Hoje a maioria das crianças pega errado.

A indisciplina é falta de educação. Os alunos não eram mal educados, não respondiam mal. Ninguém colava. O que havia de indisciplina? Correr? Gritar? Isto não é indisciplina.

Uma classe disciplinada é uma classe educada, que respeita o lugar e os mais velhos. A gente não tinha problemas. A disciplina era mantida, simplesmente com uma boa palavra, mesmo que fosse com energia.

Formação moral

Pesquisadora: O que você considerava importante ensinar para os alunos sobre a formação moral? Recorda de algum valor moral importante que você ensinava? Recorda de algum provérbio que ensinava para os alunos?

Professora Antoniali: Os alunos não podiam mentir. Eu orientava que não podiam pegar as coisas dos outros. Eles também, não podiam responder o pai e a mãe. Eu ensinava as atitudes que deveriam ter com o pai e com a mãe e contava histórias de fundo moral.

Eu aprendi que tudo o que se ensina à criança, ela ensina para os pais também. Hoje falta muita moral. Porque não se tem noção do que seja a moral. A palavra foi substituída pela palavra “ética”. A moral mudou de nome e lugar.

Quando uma criança se masturbava na sala a gente corrigia dando trabalho, atividade. E hoje como corrige?

No curso primário, nas aulas de português, a gente ensinava muito através de provérbios. A gente analisava os provérbios com as crianças. Por exemplo:

“Não faças aos outros, o que não queres que te façam”. “Antes um pássaro na mão do que dois voando”. “Quem muito quer, tudo perde” este é o da cobiça. Contava a história do corvo que estava com um pedaço de queijo no bico, ao ver a lua refletida na água soltava o queijo pra pegar o que estava vendo refletido, por que era maior. Isto é a ganância.

Tinha também o provérbio: “A união faz a força” – Explicava sobre o pai que com um feixe de varas na mão pedia para um filho quebrar. O filho não conseguia. Então o pai explicava para o filho que uma vara só ele conseguia quebrar, mas o feixe de varas ele não consegue quebrar sozinho. Unidos a gente vence melhor.

Eu orientava para as meninas não andarem sozinhas, pois o grupo pode proteger do mal.

Obrigações escolares

Pesquisadora: Para você, quais eram as suas responsabilidades, como professora?

Professora Antonialli: Primeiro eu deveria ser pontual e cumprir com as obrigações. O que era determinado pra mim eu cumpria. Eu dava exemplo nas atitudes. Eu era bem educada. No início, eu colaborava com todas as professoras. Muitas vezes eu era encarregada de colocar água no filtro, observar se tinha menino chegando atrasado, se estava fora da sala, se estava com febre. Colaborava na biblioteca, organizando os livros. Isto era o meu trabalho até assumir uma classe. Eu fazia tudo sem contestar. Eu era muito cumpridora das minhas obrigações.

Pesquisadora: Os alunos tinham obrigações escolares?

Professora Antonialli: Os alunos não podiam sair da sala fora do horário permitido, não podiam chegar atrasados. No recreio, não podiam subir nas mangueiras, porque podiam cair. Eles deveriam cumprir suas tarefas escolares e manter o material escolar bem cuidado.

Política

Pesquisadora: Qual a sua impressão sobre a política na época?

Professora Antonialli: Eu votava, mas não entendia muito bem não. Eu não prestava muito atenção. Recordo que o meu pai era da UDN. Nos dias de hoje tudo é festa. Nunca liguei para política.

O significado da educação, da escola e do professor

Pesquisadora: Para você, qual o significado da educação, da escola e do professor, na época? E hoje?

Professora Antonialli: Na época o maior significado da educação era ensinar a ler e escrever. E o professor deveria cumprir sua missão que era ensinar a ler. A educação era primordial. Meu pai era tão rigoroso. Ele dizia: __Não vai morrer sem formar. A educação era muito importante, porque nos encaminhava ao trabalho e ao progresso.

Quando fui interna no colégio em São Paulo, eu já fui sabendo que ia buscar o melhor. Eu também fiz um curso de enfermagem, quando saí do colégio, mas a minha meta era trabalhar na escola e ser, além de tudo, uma artista plástica.

A escola era a primeira coisa. A vida da gente girava em torno da escola. E o professor significava tudo. O professor era tudo na vida. Ele era a pessoa mais importante. Ele deveria formar o homem de amanhã. Na época já era assim. O professor ensina e aprende o que ensina.

Eu acabei de ler uma carta que recebi em 1993, de minha professora de português, do Colégio Santa Inês de São Paulo. Na carta, a professora me cumprimentava por ter me tornado professora e pintora, e afirmava serem duas coisas muito importantes na vida de uma pessoa. Ela se valorizava porque era professora e me valorizava.

Eu achei que tudo que aprendi foi bom pra mim. A moral para vida futura. Moral é uma palavra mais abrangente que a palavra ética.

Fui muito feliz na minha juventude, fui muito trabalhadeira e responsável como professora. Fui uma grande leitora de livros que me trouxeram uma grande visão de mundo. Trouxe-me fé em Deus, amor ao ser humano e alegria de viver. As viagens que fiz pelo mundo mostraram-me as belezas para a minha vida de artista plástica, de mãe e educadora. Observar as crianças, em excursão pelos museus, encantou-me.

ANEXO 3 : TERMO DE CESSÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação

TERMO DE CESSÃO

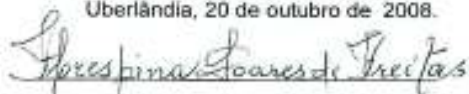
CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL PARA A UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

1 - Pelo presente documento, **Florespina Soares de Freitas**, brasileira, solteira, Carteira Identidade nº M 61.753-SSP/MG, CPF: 024.534.368-00, residente e domiciliada em Uberlândia/MG, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o **depoimento oral corrigido e com alterações prestado no dia 02/09/2008**, e as fotos do seu arquivo particular. A entrevista foi gravada em seu domicílio, na cidade de Uberlândia tendo como pesquisadora: Rosa Maria de Sousa Martins.

2 – Fica, pois, a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos, o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberlândia, 20 de outubro de 2008.


Florespina Soares de Freitas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação

TERMO DE CESSÃO

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL PARA A
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

1 - Pelo presente documento, **Edith Costa Pereira**, brasileira, solteira, Carteira Identidade nº M 205.380 - SSP/MG, CPF: 007.885.126-91, residente e domiciliada em Uberlândia/MG, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o **depoimento oral corrigido e com alterações prestado no dia 22/09/2008**. A entrevista foi gravada em seu domicílio, na cidade de Uberlândia tendo como pesquisadora: Rosa Maria de Sousa Martins

2 – Fica, pois, a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as suas fotos, encontrada no Arquivo Público Municipal e o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberlândia, 20 de outubro de 2008.



Edith Costa Pereira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação

TERMO DE CESSÃO

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL PARA A
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

1 - Pelo presente documento, **Ivete Carrijo**, brasileira, solteira, Carteira Identidade nºM 3 591457-SSP/MG, CPF: 139.131.866.53, residente e domiciliada em Uberlândia/MG, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o **depoimento oral corrigido e com alterações prestado no dia 29/09/2008**, as fotos do seu arquivo particular. A entrevista foi gravada em seu domicílio, na cidade de Uberlândia tendo como pesquisadora: Rosa Maria de Sousa Martins.

2 - Fica, pois, a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos, o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberlândia, 20 de outubro de 2008.



Ivete Carrijo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação

TERMO DE CESSÃO

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL PARA A
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

1 - Pelo presente documento, **Laurita Pacheco**, brasileira, casada, Carteira Identidade nº.149.802-SSP/MG, CPF: 578.383.811-49, residente e domiciliada em Itumbiara/GO, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o **depoimento oral corrigido e com alterações prestado no dia 23/10/2008** e as fotos do seu arquivo particular. A entrevista foi gravada no domicílio da pesquisadora, na cidade de Uberlândia/MG tendo como pesquisadora: Rosa Maria de Sousa Martins.

2 – Fica, pois, a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos, o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberlândia, 06 de novembro de 2008.


Laurita Pacheco

ANEXO 4:

Ata da leitura realizada no dia
22 de abril de 1937

Aos vinte e dois dias do mês
de abril de mil novecentos e trinta e sete,
às nove horas e trinta minutos, realizou-se
mais uma leitura de quinta-feira, no Grupo
Escolar "Julio Bueno Brandão", de acordo com o
Regulamento do Ensino Primário em vigor,
para as profs dos 3º e 4º anos.

Compareceram a esta reunião
o Sr. Assistente Técnico, Sr. Osvaldo Vieira e
diretora Judith Moreira e as professoras Luiza Ribeiro
offachado, Helina Duarte Guimarães, Carmelita Cupertino
Graimda da Costa Bede e Elvina Graama Araújo.

O Sr. Assistente Técnico iniciou
a sua palestra sobre a Língua Paterna nas
classes dos 3º e 4º anos. Falou sobre o modo
de se ministrar essa matéria, aconselhou as suas
professoras a iniciarem o ensino da mesma com
a análise lógica, ensinando assim a construção
de sentenças e a maneira de se escrever com
simplicidade e acerto. Depois da (al) análise lógica,
por meio das lições de leitura, exemplos no quadro,
faz logo o ensino da análise léxica. Para
o menino que já tem conhecimento da função
das palavras na análise lógica, torna-se
muito mais fácil, aprender a análise léxica.

O Sr. Assistente falou mais sobre
o ensino da composição, aconselhando as professoras
a darem mais a miúdo, descrições fáceis e simples.
Descrição da sala de aula, o quarto de dormir, o grupo etc.

Ata da Reunião, do dia 11 de Março de 1944.

Realizou-se, no dia 11 de Março, às oito horas, uma reunião das professoras do Grupo Escolar "Júlio Bueno Brandão", sob a orientação da professora técnica Maria Aparecida Lomônaco.

Estiveram presentes, além das professoras, o Sr. Duntalmo Praseres, inspetor técnico regional e a diretora do estabelecimento, Sra. Judith Moreira.

Ao iniciar a reunião, a professora técnica esclareceu que esta seria uma das reuniões regulamentares, e que todas professoras ficariam previamente avisadas da realização de reuniões, nos 2º e 4º sábados de todos meses.

Essas reuniões constariam de duas partes: a primeira - para discussão de assuntos de interesse geral; a segunda - colaboração das professoras.

Na primeira parte, serão tratados assuntos de pedagogia, que não é ciência rígida e indica normas para realização de planos e lições.

Na segunda parte, cada professora poderá propor fracassos e vitórias, apresentando problemas de caráter particular.

A professora técnica continuou expondo que o assunto para a reunião de hoje era: Atividades extra programa.

Essas atividades são necessárias e trazem grande proveito para as crianças; compreendem auditorios, excursões, jornal escolar, museu, hora de historia, etc.

No decorrer dessas atividades, deverá haver a colaboração das crianças que apresentarão iniciativas espontaneas, e a professora aproveitará oportunidade para ensinar boas maneiras e principios de socialização.

Demonstrou assim, que o valor do auditorio não está na realização, mas sim no preparo e depois na critica dos proprios alunos.

Na preparação dos auditorios, as professoras devem procurar a colaboração das crianças, principalmente aquelas que são timidas, pois é um dos objetivos do auditorio, fazer a criança vencer a si mesma, fazendo desaparecer esse complexo de inferioridade.

Devem as professoras, dar entusiasmo aos alunos, apresentando nos programas de auditorio, não só cantos mas um resumo da atividade escolar, durante a semana, e também perguntas, charadas, desenhos, etc.

Os motivos que forem aparecendo, devem ser aproveitados, assim como aniversário de colegas, comemorações cívicas, etc.

Os convites devem ser dirigidos a uma ou duas classes, sendo aconselhavel que se convide uma classe, que possa aproveitar os programas apresentados.

A duração de um auditorio deve ser, no mínimo, 30 minutos, e nesse dia, a professora dará aula como nos outros dias, reservando apenas alguns minutos para arrumação da classe e sala de aula.

Por enquanto, os auditorios poderão ser quinzenais, passando depois a ser semanais. Poderá ser realizado no ultimo horario da sexta-feira, por ser o ultimo dia da semana, e ter possibilidades de se apresentar no programa, o resumo das atividades da semana. Entretanto esse horario não é inflexivel, pois poderá surgir oportunidade de melhor para apresentação de um auditorio.

Durante a reunião, foi também discutida a questão da merenda - que poderá ser tomada no recreio ou em classe.

Depois de varias opiniões, chegou-se a conclusão de que a merenda deve ser tomada em classe, 10 minutos do recreio, livre de peirã, em repouso, e a professora terá ocasião de verificar o que as crianças comem e como comem. Nessa ocasião, será verificado se ha crianças que não pertencem à Caixa Escolar, necessitadas de merenda, porque os pais, no momento, se acham em dificuldades, e assim outros fatos que possam concorrer para eficiente assistência à criança.

Finalmente, falou o Sr. Duntalmo Traseres, que aconselhou as professoras, procurar em assuntos pedagogicos, autoridades técnicas de valor, para estudo de seus planos de aula. E que, na aplicação de teorias e conselhos pedagogicos, escolhessem classe adequada, momento oportuno, e verificassem o processo e modo de experimentação, para depois tirarem conclusões.

Aconselhou ainda, que as professoras na realização de auditorios, não transformassem as crianças em bichos ensinados, mas que deixassem a criança ter uma inicia-

tiva espontânea. Apresentar motivos para despertar interesses na criança e assim as professoras conseguirão os objetivos e terão a disciplina em boas condições.

Nada mais havendo para se tratar, foi encerrada a reunião.

Para conotar, lavrou-se a presente ata, que será assinada pelos presentes, que com a mesma estiverem de acordo.

Uberlândia, 11 de Março de 1944.

Ruizina Pacheco

Judith Moreira

Edith Costa Pereira

Maria do Carmo Sales

Julieto Rezende

Florezina Soares de Freitas

Ilvina Grama de Araújo

Wania Aparecida Simões

Lúcia da Costa Mattos

Priscilla Vaz da Matta

Dalva Moraes

Manoelita Fontunes Mota

Opacienda Mota de Macedo Costa

Nota da reunião do dia 12 de Maio

Realizou-se no dia
de Maio de 1945, às 8^h 30, no Grupo
Escolar Júlio Duro Grandão, com a participação
to das professoras e presidida pelas técnicas
Maria Teófilo Lomonaco e Lourdes Carvalho,
uma reunião regulamentar para serem trata-
dos assuntos referentes ao trabalho escolar.
Dirigiu a reunião a professora técnica
Maria Teófilo Lomonaco.

Foram discutidos vários assuntos, lembrando a
professora técnica que: não podem ser os assun-
tos discutidos nas reuniões apenas assuntos pa-
ra preencher o horário de uma reunião regula-
mentar; as iniciativas necessárias a eficiência
das atividades pedagógicas discutidas na mesma
devem ser levadas ao efeito no trabalho escolar.

e não, esquecidas terminada a reunião.

Foram discutidos os seguintes assuntos:-

① canto - Não deve de apenas constituir uma atividade de interesse geral, isto é, dado apenas em conjunto; toda professora deve ter o seu horário de canto, ou diário ou três vezes por semana.

A técnica Lourdes Carvalho lembrou então as professoras que: o canto está sendo muito descuidado, não só no nosso grupo, mas em todas as escolas. Relatou também a observação feita por ela na comemoração do término da guerra: a falta de patriotismo do nosso povo; falta de entusiasmo para cantar o nosso hino nacional, atitude irreverente diante da bandeira. Pediu então, as professoras que procurassem despertar o civismo em nossas crianças, sendo a primeira medida a tomar, ensinar-lhes a cantar o hino nacional com entusiasmo, corrigindo-lhes os erros e discutindo a significação de suas palavras.

Outro assunto discutido na reunião, foi:

Materiais de linguagem. Seguiu a técnica de parecida com o uso de gravuras. Cada professora deve incluir no seu plano de aula as gravuras que irá usar para desenvolver a linguagem de seus alunos. Deverá a prof. usar pelo menos três gravuras selecionadas, por semana.

Com respeito a estes assuntos, seguiu-se o tema do mês:

Questões de arithmetica. Geralmente, o aluno se sae bem na linguagem e é reprovado na arithmetica. Procuraremos sanar esta falta, dando mais importância a arithmetica. ② aluno tem sempre mais

de dificuldade na resolução de problemas, a professora deve variar muito o tipo de problemas a apresentar à classe. Devem ser submetidos problemas e altura do desenvolvimento da mesma. Devem apresentar situações reais e que os alunos tenham oportunidade de resolver na vida prática.

Os problemas devem ser organizados com antecedência e não improvisados na hora da aula. Há necessidade de desenvolver o raciocínio da criança, e isto a prof conseguiria apresentando problemas de acordo com o desenvolvimento da criança e com situações da vida real; pois a professora deve aceitar a resposta mesmo que o aluno não saiba mostrar o caminho para conseguir a

Há um princípio muito importante na metodologia: "nem muito fácil, nem muito difícil". Por um problema muito difícil o aluno não terá interesse" alias, digo: Por um problema muito fácil o aluno não terá interesse, e um muito difícil fará com que ele aos poucos adquira um complexo de inferioridade.

Nos problemas a prof deverá considerar:

- a compreensão dos mesmos;
- conhecimento dos fatos;

pois a criança não compreendendo o problema que lhe foi apresentado ou não conhecendo os fatos, não poderá nunca resolver o mesmo.

A professora técnica Maria Tereza de Lencastre da Silva por terminada a reunião, continuando com o assunto na próxima reunião.

Morlandia de Maio de 1946
Maria Guilhermina Guimarães

Ata da Reunião do dia 26 de Maio de 1945

Realizou-se no dia 26 de Maio de 1945, às oito e meia horas, a reunião regulamentar das professoras do Grupo Escolar Bueno Brandão.

Estavam presentes a diretora, as professoras técnicas Maria Aparecida Lomônaco e Lourdes Carvalho, e demais professoras de classe e trabalhos manuais.

Aberta a reunião, foi a mesma dirigida pela professora técnica Lourdes Carvalho.

Depois da leitura da ata da última reunião foram tratados os seguintes assuntos:

1.º Assunto de ordem geral. 1.ª comunhão. Esta será realizada no dia 10 de Junho, com o apoio de todas as professoras que serão encarregadas do café.

2.º Melhor disciplina. Tem-se observado que as crianças estão muito excitadas, principalmente as maiores. É necessário então, a colaboração das professoras, melhorando as aulas que devem ser interessantes.

Se for necessário usar o castigo, isto é, deixando o aluno ficar em aula depois do horário regulamentar.

Outros modos para melhoria de disciplina foram lembrados: Quadro de Honra, Livro do Bom Comportamento.

3.º Horário. As professoras devem observar o horário regulamentar e exigir das crianças que também compareçam no horário exigido.

4. Julas de Ginástica - Essas devem ser dadas, afim de auxiliar as marchas e desfiles pelas ruas. Além disso, a estação do inverno exige movimentos para aumentar o calor.
5. Venda Escolar - Recomenda-se que a Venda Escolar, já instituída nas classes do 2º ano, continue suas atividades.
6. Hora de História - Foi fundada a Hora de História nas classes do 2º ano. Ela deve continuar, estimulando nas crianças o gosto pelas histórias.
7. Clubs de Leitura - Esses devem continuar com movimento, não deixando falhar nenhuma reunião regulamentar.
8. Pelotão de Saúde - Este já foi criado, e depois que os componentes do mesmo estiverem orientados para o trabalho, começarão a prestar os serviços próprios e necessários.
9. Ficha de Peso e Boa Alimentação - Fará parte do Pelotão de Saúde, a Ficha de Peso e instruções e propaganda em prol da Boa Alimentação.
10. Jornal - O Jornal deverá ser organizado na próxima semana, o seu segundo número. As professoras devem escolher os artigos, e como auxiliares os alunos de letras melhores.
11. Horta Escolar - Deverá ser organizada no 2º semestre, sendo entretanto necessário alugar o terreno. Uma comissão de crianças poderá pedir ao Sr. Prefeito, uma carroça ou caminhão de terra própria.
12. Excursão - Essas não podem ser esquecidas, pois constituem rica fonte de informações e de estudos.

- 13- Biblioteca - As professoras devem exigir do aluno a assinatura da ficha, para controle de movimento. Pedir também que tenham maior cuidado com os livros.
 - 14- Aritmética - Fatos Fundamentais. Esses devem ser dados diariamente, e pedir que cada aluno, também tenha o seu cartão, com os fatos fundamentais, para auxiliar o seu estudo.
 - 15- Problemas historiados e seriados. Os primeiros devem ser aplicados nas classes de 1º ano, e os outros no 2º, 3º e 4º ano.
 - 16- Ditado - Correção - Toda aula deve ter finalidade definida. Logo, o ditado não pode ser improvisado, nem longo e nem curto, mas bem dosado. A sua correção deve ser também aproveitável para o aluno.
 - 17- Composição - Todas as oportunidades para composições devem ser aproveitadas, principalmente cartões.
 - 18- Caderno de Expressões bonitas. O 4º ano, de acordo com o programa, deverá organizar o caderno indicado.
 - 19- Ciências Sociais - Para essas matérias, o estudo deve ser apresentado do melhor modo possível, procurando que o aluno tenha contacto com a natureza.
 - 20- Club de História do Brasil - Os alunos do 4º ano poderão fundar o referido club, afim de se processar o trabalho em grupos.
- Terminadas as explicações sobre os vários assuntos tratados, a professora técnica, Lourdes Carvalho, deu por encerrada a reunião.
- Para constar, lavrou-se a presente ata.